COLLECÇÃO AFRA A 200 RÉIS

V

BARÃO DE ROUSSADO

Entre Estrangeiros

LISBOA
LIVRARIA DE CAETANO SIMÕES AFRA
180, Rua Aurea, 182

ENTRE ESTRANGEIROS

AOS SEUS AMIGOS DE LISBOA

DEDICA

𝔒 autor.

I

EXPLICAÇÃO PRÉVIA

Posso dizer com Lamartine ao abrir as suas viagens no Oriente: «isto não é nem um livro, nem uma viagem; nunca pensei escrever nem uma nem outra coisa.»

Mas o que era modestia na bocca do poeta do *Jocelyn*, é aqui simplesmente, e sinceramente uma confissão sobrescriptada á critica, se é que a critica tem alguma coisa que vêr n'estas paginas tão isentas de pretenções.

Não é um livro, porque lhe falta systema e unidade; não é uma viagem, porque para o ser julga o autor curto de mais o caminho que tem percorrído de Lisboa até Paris, depois de

alguns escriptores portuguezes dos mais festejados terem publicado as impressões de suas viagens por França e Hespanha.

Não é pois nem um livro nem uma viagem, e n'este ponto espero que fique bem esclarecida a intelligencia do leitor. É um alinhavado de divagações, apontamentos extrahidos da minha carteira de lembranças, ácerca de alguns logares que tenho visitado, e, sobre tudo, a proposito de coisas que escapam aos viajantes de longo curso. Obrigado a residir por muito tempo nas cidades que os estrangeiros visitam ordinariamente em poucos dias, é-me facil dizer dos costumes, e da vida intima dos povos, que aquelles as mais das vezes só conhecem pelas ruas e pelos edificios.

Para completo descargo de consciencia cumpre-me prevenir com toda a antecipação o leitor, que os capitulos que adiante lhe offereço são de todo o ponto ligeiros, e insubstanciosos; se não faço porém uma obra para os pensadores, pago ao menos a esse publico, que com tanta urbanidade me acolheu sempre, um tributo de saudade e de immorredoiro reconhecimento.

Voltaire, escrevendo, se bem me recordo, á marqueza du Deffaud, a respeito do *Systema da Natureza*, dizia-lhe pouco mais ou menos: «Aquelle que melhor vos distrahir, qualquer

que seja o genero em que vos fale, terá sempre razão a vossos olhos. Conheço-vos bastante para saber que não quereis que vos enfadem por nada d'este mundo.»

Ora, a meu vêr, o publico é, nem mais nem menos, a senhora du Deffaud, quando o convidam á leitura. Digam-lhe o que quizerem, falem-lhe de Eschino ou de Nabuchodonosor, mas façam-no de geito a não lhe amortecer as palpebras.

E quando digo publico, não excluo alguns senhores circumspectos que parece nutrirem-se de folhas de Quintiliano, e sabe Deus o que elles lêem em casa.

Está-me lembrando certo bispo, orador que illustrava os fieis, varão sisudo que nunca mostrou um sorriso. Saiu precipitadamente uma manhã e deixou aberto o quarto antes da hora habitual. O secretario penetrou na alcova vedada aos estranhos, e procurou com avidez a livraria do prelado, posto que ainda não lograra encontral-a em todo o edificio; mas o que acha elle? Dois tomos unicos — O *Flos Sanctorum* e a *Arte d'amar* do poeta latino. O poema de Ovidio, aberto sobre a cama, estava quente ainda das mãos do reverendo em Christo, e tinha uma cruz de lapis no seguinte verso:

Rure eris, et dicet: «Venias: Amor odit inertes.»

O *Flos Sanctorum*, fechado sobre a mesa da cabeceira, servia de peanha ao castiçal.

E o bispo, que apenas contava dois livros na bibliotheca, nem ao menos se podia desculpar com madame de Staël, que diz não haver livros que façam mal a quem os lê todos.

Está feita a explicação prévia. Se conseguir entreter por alguns momentos o leitor, terei attingido o fim que me proponho.

II

ENTRE O JOTA E O I ROMANO

Conta um biographo que o abbade Dangeau, da Academia Franceza, reenviava as cartas da sua amante quando a orthographia não era irreprehensivel, e rompia com ella em caso de reincidencia.

Se o leitor fosse tão severo como aquelle santo varão, que seria de mim, que a escrever a lingua hespanhola cheguei a perder todo o respeito pelas letras dobradas?

Agora conheço que se vae reanimando no meu espirito a veneração quasi extincta pelo —h— que os mestres me tinham insuflado, de pequeno; mas o que não volta, sinto-o do co-

ração, é o prazer que me davam as visualidades de uma pagina onde os—p p—inuteis servem de letras de respeito á palavra.

Farei um esforço, e escreverei o melhor que possa; attentas porém as circumstancias que attenuam a criminalidade, haja uma pouca de clemencia para algum letricidio involuntario.

III

ADEUS

Era preciso deixar Portugal. O dia 25 de setembro de 1869 havia sido acordado para a partida com o meu bom amigo Antonio da Cunha, que ia de encarregado de negocios para os Estados Unidos.

Porque se ama assim a patria que tanto nos custa a afastar-nos d'ella? São os amigos que nos ficam? São os logares que recordam as passadas alegrias? É a janella d'onde uma mulher nos falou? O relogio que marcava as horas que não voltam?

Não sei se a patria é só isso, ou se é mais do que isso; sei que para o que d'ella se separa

tem palavras as pedras, tem lamentos os sinos, tem lagrimas o ruido da multidão.

A eloquencia d'este amor resumiu-a Garrett em quatro palavras na bocca do Alfageme de Santarem:

—Se eu nasci aqui!

IV

EM MADRID

Quando entrei em Madrid encontrei ainda uns restos de enthusiasmo pelos acontecimentos que se acabavam de passar. Era uma povoação aquecendo-se ao sol da liberdade que por tanto tempo estivera entre nuvens. Achei ainda aquella alegria communicativa dos prisioneiros que davam os primeiros passos ao ar livre. Havia em toda a cidade o que quer que era que denunciava a victoria d'uma grande causa. Ha alguma coisa de creança nos povos depois de um triumpho similhante, e tanto de creança que muitas vezes nos transportes da alegria deixam escapar das mãos a prenda conquistada.

Havia a esperança de fundar sobre as ruinas da dynastía um governo digno da Hespanha. As opiniões já estavam divididas, e entre os heroes havia já os republicanos, os montpensieristas e os que desejavam um monarcha estrangeiro, eleito pela camara, para collocar a ultima pedra no edificio; mas a maioria do paiz estava do lado do poder, que era d'esses ultimos, e diante do qual fugia o phantasma da anarchia.

Era com verdadeiro enthusiasmo que os homens de boa fé, os verdadeiros patriotas saudavam o governo do general Prim, que havia já dotado a Hespanha com a constituição mais liberal da Europa, e que promettia estabelecer o novo systema sobre a votação popular, sem a qual não ha nem progresso nem liberdade.

A imprensa, de escrava que fôra, tornara-se um poder publico, como o manancial, que a mão do homem transforma em força util. Já não era uma arma defesa a palavra: todos podiam falar e escrever livremente; era preciso desculpar os desvarios do pensamento na primeira epoca da sua independencia.

A Porta do Sol, que é o coração de Madrid, offerecia então n'um quadro animadissimo como que a synthese de todos esses succedímentos. Era uma concorrencia superior á dos outros

tempos: grupos agitados onde se discutiam as ultimas decisões do parlamento; vendedores de jornaes republicanos e socialistas, em que ordinariamente se defendiam as doutrínas mais contradictorias e subversivas da ordem publica; nas vidraças dos livreiros milhares de caricaturas como outros tantos insultos arremessados ás costas dos vencidos.

Ao clero custava-lhe a acceitar o novo regimen; muitos curas e bispos, que tinham chegado a nutrir esperanças no restabelecimento das antigas ordens, fugiam espantados das multídões e encommendavam-se em secreto á benevolencia de D. Carlos ou do principe Affonso. Havia tambem muitos grandes da antiga linhagem que choravam pelos esplendores do throno de Fernando VII.

Era uma profanação que indignava os aristocratas puros. Os jardins do Retiro, testemunhas silenciosas de tantos mysterios da côrte, estavam abertos a toda a gente; o palacio real achava-se á disposição dos curiosos, exactamente como os salões da armaría e do museu.

Quando entrei n'aquelle palacio lembrei-me do proverbio hespanhol que diz: — Da arvore caida todos fazem lenha —. O empregado que o mostrava abria as portas das salas e dos gabinetes antigamente mais reservados, com a

semceremonia de quem mostra uma hospedaria; e havia sempre entre os visitantes alguns que soltavam palavras maliciosas, outros que se sentavam nas poltronas de recepção debaixo do docel, e até alguns que se deitavam sobre o leito de Isabel II. Aquellas salas immensas, adornadas de uma riqueza superior a toda a descripção, estavam desertas; quantas scenas de felicidade não se haviam passado alli? Quantas conspirações não tinham começado n'aquelles aposentos particulares ao lado do salão da côrte? E os visitantes atravessavam essas salas de chapeo na cabeça e soltavam ás vezes gargalhadas selvagens a que respondiam os eccos do edificio. Era o espectaculo da morte sem o respeito que ella inspira. Era um mausuleo a que o pôvo da revolução tinha posto um epitaphio infamante.

O sr. Llano y Persy, então secretario da assembléa nacional, cavalheiro estimavel tanto por sua illustração como pela affabilidade do seu trato, fez-me a honra de me apresentar a todas as summidades do parlamento — os srs. Rivero, Figueras, Prim etc. etc. Falaram-me todos francamente da primeira aspiração do partido liberal, que era a união amigavel de Portugal e Hespanha, conservando cada um dos paizes a sua independencia, mas nas condições politicas da Suecia e Noruega.

Creio que não será preciso consignar aqui a minha opinião a esse respeito, visto não ter esperanças de vir a ser ministro um dia; basta dizer que sou portuguez, e que os filhos da minha terra, quanto mais se afastam d'ella maior é o patriotismo que sentem no coração, porque

La ausencia es aire
Que apaga el fuego chico,
Y aviva el grande.

V

O PEIOR DE ESFOLAR

Ha na China um proverbio que diz assim:—«Quando temos dez passos a percorrer, nove é a metade do caminho»—.

Não é preciso ir longe para pôr em claro toda a philosophia d'esta sentença. As ultimas vinte e quatro horas do condemnado não valem bem os nove dias que as precederam? A vespera do casamento não será ella um mundo de illusões para o coração da virgem?

Míguel Angelo conservou por dois annos um quadro no seu *atelier* sem atinar com os traços que o deviam completar; Gœthe vê-se tão apertado no final do Conde d'Egmont, que, despre-

zando o rigor da historia, adormece o heroe e apresenta-lhe Clara em sonhos para lhe annunciar que a causa da liberdade triumphará um dia.

Napoleão, o grande, conhece em Santa Helena quanto lhe vae custar o desenlace da sua tragedia; a revolução de Hespanha quando perdeu Prim estava ainda no meio do caminho.

É o caso de se dizer com Garrett:

Muito custa a esfolar o rabo ao dia.

VI

O HYMNO DE RIEGO

Eu fui embalado ao som dos hymnos patrioticos da minha terra. Nascido em 1833 começaram a soar-me aos ouvidos as canções da liberdade em que se expandiam as alegrias dos constitucionaes. D'então para cá imaginem quanto eu não terei ouvido no tocante a hymnos, alguns excellentes como o da Carta e o da Maria da Fonte, que já tive a surpresa de ouvir mais de uma vez em França no compasso da marcha *aux flambeaux*, entoados pelas philarmonicas que acompanham as procissões. Sirva esta notici ade consolação aos meus compatriotas. Alguma coisa haviamos nós de exportar para França além das laranjas.

Pois eu que atravessei uma epoca ahi em Portugal em que os reviramentos da politica iam dando um hymno a cada pessoa, eu que me enthusiasmava com a marselheza e com a nossa antiga marcha da guarda nacional, marcha energica e guerreira como convinha a cidadãos tão devotados ás armas, confesso que o hymno de Riego, tocado pelas charangas e bandas militares de Madrid, me fez uma impressão que ainda não tinha experimentado. Breve, simples, como tudo que é sublime, eloquente como as proclamações de Napoleão, que levavam os exercitos á victoria.

Os hymnos são como os discursos; quatro palavras bastam muitas vezes para levantar o auditorio que um rhetorico consegue adormecer. Ha proclamações eruditas que enthusiasmam os philosophos e fazem bocejar a tropa; ha hymnos militares ricos de bemóes que parecem aconselhar á mesma tropa a paz e a união com os inimigos. Mas o de Riego é um grito de guerra que espalha o enthusiasmo nas fileiras, electrisa como o cheiro da polvora. Não se comprehende que haja covardes ao ouvil-o. Não é musica para os dias de tranquillidade; deveriam reserval-o para o tocar ao pé das trincheiras, quando o inimigo estivesse á vista e as forças dispostas para o combate.

E não tem aquelle luxo de sons imitativos d'outras marchas celebres. Não dá idéa do retinir das espadas, nem dos signaes dos clarins, nem do ribombar dos canhões. Nada d'isso, nada de philosophia, nada de segredos de contra-ponto. Imagina-se que um dia no ardor do triumpho, sobre o campo da batalha, entre os gemidos de uns e os vivas de outros, um homem inspirado pela victoria cantou pela primeira vez o hymno de Riego.

Em passo de continencia ninguem marchará ao som d'elle; se é um phrenesim de gloria, um desvairamento, um impeto d'alma que nos obriga a dobrar o passo! Quando via os regimentos de Madrid sairem da missa ao som d'aquelle hymno, parecia-me vêr em todos os soldados a má vontade com que iam para o quartel; a musica até lhes fazia esquecer o rancho.

Por muito tempo foi o hymno de Riego prohibido. E assim devia ser, porque é um protesto contra tudo que é conservador. Deixal-o livre seria exaltar os revolucionarios, aquecer o amor da liberdade. Era musica mais perigosa que os *clubs;* quem podia responder pela ordem se o tocassem nas ruas de Madrid, quando o governo era retrogrado?

Conspirava-se então nos comicios; assentavam-se os principios do pronunciamento; tro-

cava-se o santo e a senha; ligavam-se os conspiradores pela fé dos juramentos; mas sair dos clubs para a praça publica era passar da noite ao dia. O hymno de Riego era o *fiat lux* que dissipava as sombras de conspiração; quando o tocavam nas ruas estava concluida a obra.

Depois da revolução de setembro conheceu-se que o deviam poupar; mas todas as noites havia tumultos nos theatros porque o publico pedia o hymno nos entreactos, e quando a tropa saía do quartel, o commandante tinha de satisfazer ao povo que o exigia ou a expôr-se aos apupos da multidão.

Uma vez a autoridade competente determinou que em todos os theatros e em todos os entreactos não se tocasse senão o hymno de Riego, e que quando os regimentos saissem as bandas fizessem ouvir sempre a mesma musica.

Assim se passaram algumas semanas; só se ouvia o hymno entre as acclamações do publico. Depois o enthusiasmo foi diminuindo, foi esfriando; já se não davam vivas; os espectadores principiavam a sair do theatro nos intervallos; as senhoras bocejavam nos camarotes; até que uma noite, quando a orchestra, de pé, cumpria as ordens superiores, um adaluz, devia de ser um andaluz, grita:

—*Caramba que ya me empalaga el himno de Riego!*

Estava curado o publico. Guardou-se o hymno para os casos graves, e ninguem o pediu mais, nem nas ruas nem nos theatros.

Faz-me lembrar o caso, uma senhora que me dizia em Cordova:

—Como eu seria feliz se meu marido me amasse um poucochinho menos.

VII

OS CALAVERAS

Aos estroinas chamam em Hespanha *calaveras*, palavra que significa simplesmente — caveira —, mas que na accepção figurada quer dizer — homem de má cabeça, ou cabeça vazia de juizo.

Caput mente vacuum, homo insanæ mentis.

Os factos com que esses heroes fabricam a propria gloria tomam em Portugal o nome de *estroinices*, e em Hespanha o de *calaveradas*.

Ainda assim a *calaverada* é de menos lata significação que a estroinice. Esta vem sempre com ruido; aquella pode não sair da intimidade. Raptar uma bailarina no momento em que ella

vae entrar em scena, e quando os paes a esperam entre os bastídores, é ao mesmo tempo uma estroinice e uma calaverada. Gastar metade dos proprios cabedaes para ser deputado, chegar á camara e não abrir a bocca, é só *calaverada.*

O calavera, que é um typo de todas as nações, varía segundo o meio em que vive; o clima e os costumes alteram-lhe as feições peculiares. O calavera allemão, por exemplo, deve ser um modelo de prudencia ao pé do calavera andaluz; as calaveradas que a cerveja inspira não passam de actos de contricção comparadas com as que saem alcoolisadas pelo Xerez.

Mas o calavera não é uma creação dos nossos dias. Depois d'aquella historia da maçã no paraizo, que foi a primeira calaverada do genero humano, tem-se propagado e aperfeiçoado a especie no decurso das gerações. Os proprios immortaes não escaparam á lei fatal que impõe ao homem ao menos uma calaverada na vida.

Theseo foi um calavera quando, para augmentar o prestigio da propria força, bateu as palmas ao toiro de Marathon e o apanhou como qualquer pegador do Ribatejo.

Pericles, caindo de joelhos aos pés d'Aspasia, não ficou atraz de Theseo; e o mesmo Socrates, que levava a philosophia ás ceias da celebre corteză, não foi menos calavera que Pericles.

Alcibiades principia por fugir aos paes para passar vida airada na má companhia de Democrates, e fez-se depois o maior calavera de Athenas.

Lucullo fazia pelo menos uma calaverada por dia, comendo entre córos e musica, reclinado nos leitos de purpura, rodeado de mulheres que lhe sorriam, e de manjares que o arruinavam.

Solon levantou-se um dia de mau humor e aboliu as dividas, como quem prohibe as bengalas de estoque, e ficaram saldadas todas as contas em Athenas por uma calaverada que a historia commemorou.

Emfim Catão, o proprio Catão, o modelo do patriota eximio, quando mal pode arrastar os pés, dá a mão de esposo a uma rapariga de dezeseis annos, e declara que deseja dotar a patria com uma descendencia de meninos prestantes.

Dizia-me o doutor Gazul em Sevilha: — «No dia em que acabarem as grandes calaveradas acabará a familia. Um homem pode jogar toda a fortuna; pode bater-se em duello por causa da namorada; pode ir á cadeia por dividas, e não passará d'um calavera vulgar. A grande calaverada, a unica, a gorda... é casar-se.»

Aquelle pobre Marianno Larra, que acabou por dar um tiro no ouvido, porque uma mulher

deixara de o amar, o Figaro que sempre se riu do suicidio, dizia:—«Todos temos alguma coisa de *calaveras*, mais ou menos. Quem é que não faz loucuras e disparates alguma vez na vida? Quem não tem feito versos? Quem não tem crido n'alguma mulher? Quem não tem passado amarguras por ella? Quem não empresta dinheiro? Quem não deve? Quem não se casa emfim? Todos o somos, porém assim como não se chama louco senão áquelle cuja loucura não está em harmonia com a dos outros, assim só se chama *calavera* áquelle, cuja serie de acções continuadas são differentes das que os outros fizeram em eguaes casos.»

De tudo isto já concluiu o leitor perspicaz que ha *calaveras effectivos*, e *calaveras casuaes*. Estes ultimos são os homens serios a quem visita de tempos em tempos o anjo mau das *calaveradas*, que talvez coincida com as edades da lua.

Calavera effectivo não é ahi qualquer que o deseja ser. A natureza predispoz-lhe a cabeça para isso, deu-lhe um talento quasi sempre inapto para todas as applicações uteis, mas em todo o caso um talento. É um cerebro a que falta alguma coisa, como um piano d'Erard desafinado, ou como uma jarra de Sevres em mau estado.

Houve já uma epoca em Hespanha, como em outros paizes, em que poeta era synonymo de *calavera*. Dir-se-hia que as musas eram pessoas de má vida, que punham a cabeça a razão de juros. Bocage, Quevedo e Piron foram talvez os ultimos exemplares da especie, sem contar Espronceda, o mais recente de todos, e não menos calavera do que elles, segundo narram as chronicas.

A moda passou. O poeta fez-se burocrata e senador; as lyras deixaram de servir de pretexto á ociosidade dos bardos. Hoje o poeta *calavera* não passará d'um anachronismo de mau genero, caido no seio d'uma sociedade que é muito outra para que o acceite. Ficaram pois os *calaveras* propriamente ditos, os calaveras puros, os calaveras inuteis.

O bom calavera precisa, além do talento, ter aquelle *não se me dá* que intimida os prudentes, porque o *não se me dá* attesta um profundo desdem pelas conveniencias e pelas vozes do mundo. Já se vê pois que o *calavera* nasce, e o *prudente* pode fazer-se.

Podemos distinguir em Hespanha tres classes de *calaveras:* o *fino*, o *entre-fino*, e o *grosso.*

O primeiro é o *calavera* aristocratico. Educaram-no para ministro e saiu jogador. Se entra nas salas, é como meteoro em que as atten-

ções não se fixam por muito tempo. Passar uma noite inteira em valsas e quadrilhas, a jogar o *ecarté* e a tomar gelados, seria perder-se no conceito publico, e o *calavera*, qualquer que seja a sua classe, présa acima de tudo a fama dos proprios actos. Joga nos clubs até o ultimo duro, vae ao theatro meia hora antes do final para applaudir uma bailarina, se sae a cavallo não se apeia sem ter atropelado alguem. São os duendes da epoca; saem de todas as convenções estabelecidas, collocam-se acima de todas as leis, e a policia sauda-os, as mulheres da moda adoram-n'os.

Que mais é preciso para bem viver? Tendo por seu lado as mulheres e a policia pode-se chegar aos mais ruidosos disparates. E assim succede. Andam de bocca em bocca as historias galantes em que elle é heroe: duellos de que as folhas não chegam a falar; maridos que se separam das mulheres; cantoras desviadas da linha recta que vae da scena ao domicilio conjugal. Por fim o *calavera* arruina-se a si, arruina depois algumas viuvas ricas, e acaba ou enviado diplomatico, ou marido de alguma d'essas viuvas, fechando-se no mesmo parenthesis duas pessoas que deram que falar ao mundo; duas pessoas distinctas e uma só *calaverada* verdadeira... a da viuva.

O *calavera entre-fino* começa de tenra edade a revelar a vocação que a natureza lhe deu. Em casa não o podem soffrer, é o desassocego das irmãs e o pomo de discordia entre os vizinhos. *El chiquillo* salta sobre as commodas, pendura-se no lustre da sala, e tenta fazer ao gato a operação da catarata. Os paes mettem-no no collegio e os mestres não podem com elle. Quando lhe dão alta nos estudos, conhece-se que nunca estudou, mas trouxe das aulas uns resaibos de latim, e umas idéas confusas da arithmetica que o habilitam a salpicar a conversação de phrases do Eutropio, e de palavras do Bezouth. Segue-se o bilhar e os amigos do café, e o cigarro ao canto da bocca, e o chapeo de feltro amarrotado, de aba levantada na frente para desaffrontar a testa, um ar de desdem por entre a multidão, e um sorriso d'intelligencia para as *lorettes* que passam.

São estes os que principiam por puxar a mantilha ás velhas, emquanto aprendizes de *calavera*, e fazem depois os motins nos theatros quando já são mestres no officio. Teem familia mas não jantam em casa; as arengas das irmãs e os sermões do *velho* seriam pontos escuros n'aquella vida toda claridade. Querem-se parecer com os finos e namoram as comparsas da zarzuela, e quebram a cabeça a um cocheiro, mas como

não teem por si nem as mulheres da moda, nem os soldados da policia, vão dormir á cadeia.

Se os paes lhes deixam alguns milhares de duros, fazem-os estalar na cidade como ventania de pouca dura. Parecem então calaveras finos; dão uma volta de carruagem no Prado, mas enfastiam-se e mettem-se no café; ás vezes apresentam-se de pontos na testa e ninguem lhes pergunta o que foi aquillo; outras vezes desapparecem da circulação, e ninguem dirá onde se encontram. Por fim vão descendo: alguns acabam corretores de casas de emprestimos; outros vão jogar ás feiras; outros fazem-se soldados e vão para Africa.

O *calavera grosso* corresponde ao nosso fadista, mas o typo é differente. Nasceu entre a plebe, mas elevou-se um furo sobre ella, não se sabe como nem quando. Uns dizem que a amante tem dinheiro, outros dizem que o jogo dá para tudo. Canta malaguenhas ao som da guitarra, e fala andaluz para dar *salero* á phrase; o cigarro anda-lhe sempre ao canto da bocca, cospe pelo canto opposto, fazendo repuxo da saliva. Esse não é para duellos; quando se trata de explicações encontra sempre na algibeira um syllogismo de ponta e mola para esclarecer o interlocutor. É para temer quando vae de Dulcinea ao lado. É o ar pimpão que

lhe garante o dominio sobre a mulher, e se elle vae receioso de que o seu poder acabe, se leva no espirito umas nuvemzinhas de ciume, e no estomago uns copos de Mansanilla, ai do que lhe mire a *manola* d'um olhar profundo, que a lingua do *calavera* não tem regulador, e depois da lingua vem a navalha, quando não saem ambas ao mesmo tempo. Contam-se d'elle casos que assombram a mesma guarda civil, tumultos nos bairros distantes, desarmamento de soldados, navalhadas por dá cá aquella palha. D'este se fazem muitas vezes os bandidos, se bem que os calaveras finos já teem honrado a classe com a sua valiosa coadjuvação.

VIII

O MUNDO POR ESTE ALBUM

Visitou-me em Madrid um cavalheiro portuguez que por muito tempo havia residido no Brazil.

Disse-me esperar alli a esposa que devia chegar de Pau, e depois de alguns comprimentos, que me penhoraram, pediu-me que lhe escrevesse no seu album. Era uma distincção a que eu não podia deixar de ser reconhecido.

No dia seguinte veiu o livro, cuidadosamente acondicionado n'uma caixa de marroquim verde, e esta dentro d'outra de madeira com fechos amarellos.

Era um livro de capa opulenta, um album

dos mais ricos que me tem vindo ás mãos, e no interior um d'esses monumentos de familia, verdadeiro cemiterio onde se enterram os tolos ao pé dos intelligentes.

Ha casos em que não vem a inspiração á medida dos albuns, por isso teve este de esperar tres dias sobre a minha secretária. Ao quarto dia recebi, não a musa invocada, mas o proprietario do livro, que me recommendou a maior cautela, *sobre tudo* com a capa do album.

Na primeira pagina em branco escrevi-lhe o seguinte

SONETO

Que a perfidia os homens accommetta;
Que seja o mar da vida furibundo;
Que as esp'ranças d'amor em que me fundo,
Se consolidem todas n'uma peta;

Que o sol em quatro dias se derreta,
Cansado d'enviar a luz ao mundo;
Que nos arroje ao pélago profundo,
A discutida cauda d'um cometa;

Que os astros, por causal que não conheço,
Dansem no espaço confundindo as curvas,
E vão findar no chaos seu destino,

Pouco me importa a mim; mas estremeço
Ao pensar que talvez nas aguas turvas
Não se salve este livro em que me assigno.

IX

AS MALAS

Assisti em Madrid a uma scena de familia, que, se fôra nos meus tempos, já me teria servido de pretexto para adormecer o publico de qualquer theatro com alguma peça de entrecho facil.

Era só copiar-lhe os typos com verdade, bordar-lhe uma acção, animar-lhe o dialogo e recommendal-a á benevolencia das platéas. A comedia podia chamar-se—*As malas*.

Um casal de portuguezes, enriquecido na America hespanhola, habitava um elegante palacete a curta distancia da Fonte Castelhana; excellente familia, d'um viver sereno, e d'uma

transparencia de caracteres que a todos encantava.

O marido, typo de negociante retirado, era uma creatura verdadeiramente ditosa. Pozera havia annos já um ponto final á ambição: collocara os capitaes em propriedades e em titulos de divida publica; gastava só metade dos rendimentos, e deixava crescer ao mesmo tempo a riqueza e o abdomen, que parecia desinvolverem-se na proporção dos juros compostos.

A mulher, sombra d'uma formosura que passara, assistia resignada ao perpassar dos annos, e a umas certas infidelidades do marido, cujas noticias lhe chegavam de tarde em tarde, peccadilhos desculpaveis n'uma pessoa que deixara os negocios, tendo ainda vigor para os continuar.

Chega-lhes de New York um antigo socío da casa, o inglez mais comprido, mais ossudo, mais vermelho que a sorte me ha deparado. Adeus paz de familia, adeus viver socegado.

O hospede levantava-se ás cinco horas da manhã, e saía ao jardim n'uma *toilette* que daria seus ares de paraizo terrestre ao quintal, se porventura não fosse elle já bem escanhoado de cara; porque emfim é de suppor que as navalhas de barba não tivessem sido inventadas nos primeiros dias da creação.

Assim vestido, ou antes assim despido, tomava o inglez o seu *douche* por um processo que me pareceu tão simples como engenhoso. Sobre uma plata-fórma triangular da altura de cinco metros, que elle havia armado de troncos d'arvore á laia de forca, equilibrava um cantaro enorme cheio d'agua; collocava-se debaixo, disparava um revolver contra a vasilha, e recebia o *douche*, ás vezes acompanhado d'um pedacinho de barro, que lhe abria uma brecha na cabeça.

A autoridade local foi informada de que no sitio se passava todos os dias alguma coisa extraordinaria, mas não tardou em saber que era um inglez que se banhava a tiro de pistola.

Uma vez ao almoço Johon Muller convida os seus amigos a ir passar quinze dias a Paris. O casal hesita, porém o repasto prolonga-se mais que de costume; o Jerez aviva as imaginações, o ex-negociante exclama que a vida deve ser aproveitada por isso mesmo que é curta, a consorte passa-lhe indolentemente a mão pelo pescoço, e troca-se a palavra de honra que n'esse dia deixarão Madrid.

Já não é possivel retroceder; um inglez não é pessoa a quem se falte.

Muller, conhecendo os habitos dos portuguezes, recommenda a maior moderação no tocante a bagagem.

—Uma só mala basta para os dois, diz o inglez.

—Só uma! Exclama a senhora, como se a aconselhassem a sair de casa descalça de um pé.

—Uma só. Com uma do tamanho de uma caixa de rapé saí eu dos Estados-Unidos. Sabem com quantas camisas viajo eu?

—Não.

—Adivinhem.

—Uma duzía?

—Uma duzia! Ah! Ah! Ah! Pois ha vivente que tenha uma duzia de camisas?

—Então quantas? Seis?

—Uma; venho do Novo Mundo com uma camisa no corpo, e dois collarinhos de papel na mala.

Os esposos trocam entre si um olhar de admiração.

—Não ha que sair d'aqui, prosegue o inglez, depois de beber o ultimo copo de cognac. Não ha que falar mais no assumpto; ás cinco da tarde espero encontral-os promptos e com uma só mala para os dois. Se tivessem duas não os acompanhava, porque não ando á mercê dos bahús.

Sae o inglez.

Quando principiam a desvanecer-se os vapores do alcool, começa o casal a olhar claro para as coisas da vida. Abandonar a casa por tanto tempo!

Elle pensa n'uns collarinhos que certa costureira lhe tinha começado e suspira. Ella sente o cãosinho que lhe salta ao collo e deixa cair uma lagrima.

Era uma fatalidade aquelle inglez!

O marido faz um esforço para dar á voz a serenidade dos dias ordinarios, e diz:

—Senhora D. Casimira, é preciso começar a arranjar a mala.

—Trate o senhor da sua, que eu tratarei da minha.

—Qual sua nem qual minha, uma para os dois, não ouviu?

Este tratamento na terceira pessoa indicava que no interior lhe ia alguma coisa de solemne.

—Pela minha parte não hade ser a duvida; dois vestidos de seda, outro para alguma visita de mais ceremonia....

—Eu cá, duas sobrecasacas, tres pares de calças...

—Pode contar com metade da mala.... uma robe-de-chambre... sete camisas...

—É melhor levar o guarda-roupa.

—Tambem não vale apertar tanto. Devemos levar o indispensavel.

—É como diz, o indispensavel.

—Pela minha parte até menos.

O meu amigo chama o criado e diz-lhe:

—Prepara a minha roupa de verão. Estamos em maio, Paris é quente. Olha Pedro, o meu casaco d'inverno tambem, um par de calças grossas; não vá arrefecer o tempo. Quem vae para o mar avia-se em terra.

Cada um dos esposos entrou no seu quarto para dar começo aos trabalhos.

A esposa faz abrír e limpar o mundo e enche-o com o restrictamente indispensavel.

—Aqui no concavo da tampa se accommodará a roupa de Gabriel, diz ella; que é que elle pode levar que não caiba aqui?

O marido entra-lhe no quarto ajoujado sob um carregamento de casacos e calças, seguido do moço que não vem mais alliviado.

—Ceos! exclama; que espaço me reservou, sr.ª D. Casimira?

—D'aqui não posso tirar nem um lenço.

—Pois eu d'aqui nem um fio.

—Como hade ser?

—Não temos outra mala maior?

— Se este é o mundo....

—Um mundo que me parece uma casca de noz!

—E ainda não sei onde metter estes tres lençoes.

—Lençoes! pois a senhora leva lençoes para passar quinze dias em Paris!?

—Se quer dormir nos de toda a gente... quem sabe lá do que cada um soffre!

—Levemos outra mais pequena; Muller desculpará o supplemento.

—Não muito pequena, porque já que passamos de uma, ao menos levemos o necessario.

O marido deixa a bagagem, e vae passar segunda revista ás commodas e aos guarda-roupas.

As necessidades augmentam de momento para momento; já não são duas malas, são tres repletas do estrictamente indispensavel, e quando entra Johon Muller com uma malasinha debaixo do braço e um binoculo a tiracollo, apresenta-se-lhe o quadro seguinte:

No meio da casa o mundo, centro de toda a bagagem, aos lados quatro malas menores, tres caixas de chapeos, e dois saccos de noite; um pouco afastado do centro, e como sentinella avançada, um bahú pequeno de bocca aberta para receber os indispensaveis do á ultima hora.

O inglez pergunta:

—Tudo isto vae?

—Não se pode fazer por menos.

—Muito bem; emquanto eu vou comprar os bilhetes, vão os amigos acondicionando o gato.

Johon Muller não voltou; o casal portuguez desfez as malas, e dormiu em casa.

X

RECEITA PARA O CORAÇÃO

No album de uma senhora brazileira, no qual tres poetas de Madrid acabavam de deixar os seus diagnosticos sobre um caso d'amor mal correspondido, deixei a seguinte receita:

Peço licença, senhores,
Perdôe-me vossa excellencia,
Como entraram tres doutores
É caso de conferencia.

Nunca é de mais um conselho,
E eu conto que a enferma salvo;
Ouça, pois, senhora um velho,
Que á força de amar é calvo.

Quaes os symptomas? Fastio
Que tudo lhe torna insulso?
Ora calor, ora frio,
E sempre agitado o pulso?

Acha um deserto este mundo?
Não vê brilho nas estrellas?
E ouve um lamento profundo,
Nas harmonias mais bellas?

Já não se senta ao piano?
Se vae aos bailes não dança?
Porque a imagem do tyranno,
Lhe não consente uma esp'rança?

A vêr os olhos?... Divinos!
Os dentes?... Brancos de neve!
Os labios?... São purpurinos!
E o pé?... Gracioso e breve!

Senhores, com taes achegas
Não vejo o caso de p'rigo;
Podemos sair, collegas;
Tem o remedio comsigo.

Quer ser feliz, sem receio
De novos males d'amor?
Seja prudente, ame um feio,
E se fôr calvo, melhor.

Siga o conselho, innocente,
Se não quer morrer da cura;
Quanto a mim qu'estou doente,
Muda o caso de figura.

Já que a velha medicina
Não põe a meus males fim,
Á força de strychnina
Quero dar cabo de mim.

Dizem que a mulher nos mata
Com seu veneno subtil:
Pois a vêr se fujo á data,
Venham quinhentas ou mil.

E ao dizer adeus á vida,
No momento decisivo;
Pedirei com voz sumida:
—Mais mulheres qu'inda vivo!

XI

RAFAEL

Já dizia Horacio que os pintores e os poetas gozavam da liberdade de tudo exprimir.

Pictoribus atque poetis
Quidlibet audendi semper fuit æqua potestas.

Entes privilegiados, o pintor e o poeta dão ao mundo uma parte da propria alma; apostolos do bom gosto, tributam á arte o que os homens em geral involvem no seu egoismo — o amor. Amam e immortalisam na tela e no poema o anjo de suas inspirações. O pintor deixa nos quadros a formosura da mulher que o prende á gloria; o poeta vae mais longe, diz á humanidade — amo.

Ao pé dos grandes prazeres collocou Deus os grandes soffrimentos. Esta lei eterna das compensações imitou-a a sociedade pondo as maiores responsabilidades ao lado das posições mais elevadas, os grandes desgostos ao pé das grandes glorias. Os senadores e os ministros, a quem a sociedade concede favores que nega aos artistas, não gozam de liberdades similhantes, e muitas vezes sabe Deus o que lá lhes anda no coração quando discutem o orçamento ou a resposta ao discurso da corôa. É ainda a lei das compensações. Esses seriam os mimosos da sociedade se, ao principiarem um relatorio sobre a divida fluctuante, por exemplo, podessem escrever o nome da mulher que adoram n'uma invocação ministerial, que deveria ser transmittida quando menos á nossa agencia financial em Londres.

E não me digam que esta liberdade é indifferente ao coração do homem. O que ama tem necessidade de se expandir; quanto mais se expande mais ditoso elle é. O poeta e o pintor que tomam a humanidade por confidente dos seus amores são os mais felizes dos mortaes; por isso a humanidade os põe quasi sempre de lado quando trata da partilha dos bens, e os deixa muitas vezes sem comer como a Chatterton.

Ha talvez tres mil annos, um poeta obscuro

amava e era amado. Pois esse vate tão humilde, que nem tinha nome que deixar, nem tela em que se desafogasse, desenhou um coração enorme em um dos muros de Pompeia, e escreveu-lhe no centro—Psyche. Seculos depois os sabios viram aquillo e transmittiram-no á posteridade. O poeta morreu naturalmente de fome; mas a humanidade foi generosa: poz-lhe a copia do coração nos museus de archeologia.

Tudo isto me veiu ao espirito durante o tempo que estive esperando o amigo que me devia acompanhar ao museu de Madrid. Partimos. Quando avistei o soberbo edificio, lembrei-me das impressões que experimentou Lamartine ao aproximar-se das muralhas de Jerusalem, o sonho de toda a sua vida.

Tinha diante de mim o monumento de tantas gerações de artistas; dois passos mais e nada haveria que me occultasse todas aquellas maravilhas deixadas na terra pelos inspirados de Deus. Miguel Angelo, Murillo, Rafael iam deixar de ser um mytho para mim. Ia vêl-os, devorar com os olhos todos aquelles esplendores de composição e de colorido, os modelos dos grandes estatuarios, tudo emfim que existe de verdadeiramente grande na terra—a arte, essa luz divina que sae da alma, para se dirigir á alma.

Entrei no primeiro salão, cheio dos grandes quadros de Velasques e de Rafael, e fui dominado por um sentimento de respeito como se me achasse no meio das estatuas do Parthenon. É um templo consagrado ao genio: o silencio era profundo; falava-se em voz baixa como nas egrejas. Visitar todas as galerias fôra um prazer frivolo como o de folhear a *Divina Comedia* para lhe contemplar as sinuosidades da metrificação; percorrer n'um só dia o museu seria o mesmo que visitar uma exposição de molduras. Sentei-me em frente dos quadros de Rafael, e passei horas alli.

É-me impossivel traduzir o que se passava no meu espirito. Era um bem-estar, uma novidade de impressões que me fez conhecer a influencia da arte nos destinos do homem. Rafael fôra poeta tambem, e a alma do poeta estava alli; estava alli o amor da Fornarina, emanação celestial que illumina aquellas cabeças, que parece espalhar aromas no ar que as cerca, e fazer chegar até nós a oração que aquelles labios murmuram.

Rafael tinha a intuição do mundo invisivel, que se adivinha no pudor das suas virgens, no olhar de Galatea levantado para o ceo, e no semblante do Senhor no meio do espaço. Por isso não se cansa a gente de ter os olhos pregados

n'aquelles monumentos. Não é um prazer que sacia os sentidos; é o sentimento de uma vida ideal, aspiração constante do espirito.

A arte n'essas purissimas manifestações é a virtude, é a felicidade alheada das coisas da terra. Comprehende-se então como a arte pode regenerar o homem. Que idéas negras nos podem vir á memoria ao contemplar aquella galeria? O amor do bello só consente o que ha de grande e de generoso. Os quadros de Rafael são para o coração o que a honra é para a consciencia.

Oh! Rafael! Archanjo de poesia, o teu nome será eterno como o de David!

No decorrer dos seculos, a humanidade fundará as republicas sobre as ruinas das monarchias, e exaltará os reis sobre as ruinas das republicas; mas o teu throno ficará sempre de pé, ahi, n'essa mansão de paz.

As gerações futuras, guiadas pela luz da tua gloria, virão todas aqui para te adorar; a teus pés virão quebrar-se as ondas das revoluções que hão de bramir na face do mundo, como se as tuas virgens tivessem o poder divino de afastar as tempestades.

Fiquei com saudades do museu. Duas impressões profundas me ficarão eternamente gravadas no espirito: os quadros de Rafael, e o

Psalmo dos Psalmos entoado por um côro de creanças n'uma egreja rural de França. De ambas as vezes me subiram as lagrimas aos olhos, porque tudo que é sublime nos faz chorar.

XII

NO MUSEU

Voltei no dia seguinte aos salões do museu, porque seria imperdoavel sair de Madrid sem admirar os pintores da escola hespanhola, por muito grande que fosse o enthusiasmo que Rafael me inspirava.

Quatro são os chefes d'esta escola: Murillo, o poeta das graças, das virgens loiras, dos meninos que balbuciam a primeira oração; Velasques, o genio cavalheiresco da edade media, o artista dos principes e dos nobres; Zurbaran, o pintor dos conventos, das freiras no côro, dos monges no confissionario; e Rivera, que representa o lado tenebroso da humanidade, os sacri-

ficios sanguinolentos, os espectaculos de toiros' os bandidos e a inquisição com todos os seus horrores.

Murillo, nascido em Sevilha, alma ardente como o sol da Andaluzia, teve tres *maneiras* distinctas, se bem que em todas ellas conserva o cunho da sua individualidade. Os mestres classificam os quadros d'este grande artista em frios, quentes e vaporosos. Eu que nem a discipulo chego não o tinha para lhes applicar o thermometro da arte, e limitei-me a contemplal-os a todos com egual veneração. Ou frio, ou quente, ou vaporoso, achei-o sempre adoravel, na suavidade d'aquelle colorido, na transparencia d'aquellas atmospheras, tão limpidas e tão serenas. Não ha cabeças mais delicadamente moduladas que as das suas madonas; nenhum pintor hespanhol nos apresentou ainda o typo das sevilhanas idealisado com tanta graça. Os olhos negros das andaluzas, que essas telas representam, falam-nos do amor que as devora, amor sem limites, profundo como o oceano; brilham aquelles olhos do fogo da paixão que nem sempre me pareceu tão etherea como a das virgens loiras que lhes ficam proximas; porém a melancolia espalhada no ar que cerca a luz d'aquelles olhos tem alguma coisa mais do ideal que do mundano.

Murillo tinha o segredo de representar a infancia divina, os prophetas no berço, as futuras martyres sorrindo de alegria no collo das mães. Ninguem melhor do que elle alonga os labios das virgens em raios de luz que sobem ao ceo; ninguem cercou ainda de aureolas tão diaphanas as cabecinhas loiras dos meninos. Este segredo tem sido a tentação de muitos pintores d'então para cá: será raro encontrar em Sevilha e Cadiz uma casa a que faltem quadros de santos aureolados de amarello torrado, de bocca aberta exhalando vapores que a atmosphera condensa; anjos bons que parecem maus; ceos que dão idéa do inferno.

Attrahiram-me especialmente as attenções os quadros—a *Annunciação*, a *Sacra Familia*, *S. Francisco d'Assis* e a *Conversão de S. Paulo*, este ultimo sobre tudo, composição dramatica cheia de vigor, em que se revela todo o magico poder d'aquella palheta. O capitão caido do cavallo branco estende as mãos para o ceo, cujo esplendor o cega momentaneamente. No ceo, apparece Christo n'uma claridade tão viva que dir-se-hia ser a tela transparente n'esse logar e atravessada pelos raios da luz electrica. Em baixo dispersam-se os soldados, aturdidos pela apparição do Filho de Deus.

Não é menos digna de ser admirada a col-

lecção de quadrozinhos do mesmo pintor, chamados a *Vida do filho prodigo*. É um romance a oleo, dividido nos seguintes capitulos: *O filho prodigo recebendo a legitima do pae—Abandonando a casa paterna—Entregue á libertinagem, e banqueteando-se em companhia das concubinas—Ajoelhado no campo entre os cardos, pedindo perdão a Deus*. Todos estes quadros são notaveis de composição, de sentimento e de colorido.

Velasques, talvez o mais notavel colorista do mundo, é uma das maiores glorias da Hespanha; muitos o collocam acima de Murillo. Que largueza e que espontaneidade de pincel! Que raro talento aquelle que tudo cria, que tudo traduz na tela sem hesitação; não ha alli um traço que não seja seguro, não ha um tom que não seja verdadeiro; tudo completo, tudo admiravel, desde a composição até aos ultimos accessorios. Pintor dos principes, deixou o retrato de quasi todos os grandes personagens da epoca, como de Philippe IV, Maria Anna d'Austria, Isabel de Bourbon. De que palheta sairam com tanta propriedade os mantos de veludo, as rendas, os folhos de batista, as perolas coroando a formosura das princezas, o brilho das armaduras no peito dos nobres?

Um dos melhores quadros de Velasques é o

que se denomina—*As meninas*. Representa-se a si mesmo o artista, de palheta na mão, fazendo o retrato de Philippe IV e da rainha, que o espectador vê a reflectirem-se em um espelho collocado no fundo da sala. No primeiro plano e no meio do quadro a infanta D. Margarida Maria d'Austria brinca com as meninas do seu serviço. Á direita e no mesmo plano os dois anões da côrte, Barbola e Pertusato, atormentam um cãosinho, que, pela paciencia com que os soffre, parece habituado já a servir d'entretenimento aos servidores da côrte. Tudo é magnifico n'este quadro; respira-se alli uma atmosphera real, e o mesmo pintor tem a nobreza propria de um artista familiar no palacio dos reis. No peito de Velasques vê-se a cruz de Calatrava, uma das mais consideradas da Hespanha. Conta-se a este respeito que o rei Philippe IV, encantado das bellezas d'esta composição, quando Velasques acabava de lhe dar o ultimo toque, lhe tomara o pincel das mãos, e, pintando aquella insignia no peito do artista, dissera:

—O ultimo toque é este; está concluido o quadro.

O que é mais para admirar é a facilidade com que este pintor aristocratico passa da côrte para a taberna, e da mesma palheta faz surgir os velhos devassos, as mulheres caidas na de-

gradação, o vicio e a miseria emfim em manifestações hediondas. Entre estes é surprehendente de verdade o quadro dos *Borrachos*. Bacho preside á orgia sentado n'um tonel, ao pé do qual vemos ajoelhado um devoto das vinhas do Senhor, martyr, ao que parece, do *Mansanilla* e do *Val-de-Peñas*, e a quem o deus dos bebedores confere uma distincção merecida, pondo-lhe na cabeça uma corôa de parras; os convivas, de faces incendidas pelas libações, olhos semi-cerrados, applaudem a ceremonia com o enthusiasmo que as poucas forças lhes permittem. Conhece-se que querem falar e não podem, que tentam em vão sustentar-se direitos sobre as pernas, e que um instante depois ficarão para alli estendidos como os outros companheiros do martyrio, que já não ouvem nem vêem. É uma orgia grosseira, immunda, que Velasques nos representa com verdade tal que exaspera os que pretendem imital-o.

Menos variado e menos fecundo é sem duvida o talento de Zurbaran; mas creio que ainda ninguem pintou como elle os frades macillentos, de capuz sobre a cabeça, e rosario pendente das mãos. Vê-se alli a estamenha arranhando a pelle dos penitentes que pedem perdão a Deus para os peccados dos outros. Parece que se podem metter os dedos pelas pregas d'aquelles habitos,

e alargar as correias que lhes apertam a cintura.

Ao pé de Zurbaran, o inspirado da paz dos monasterios, vêmos Rivera, genio diametralmente opposto, que se compraz com affligir o espectador. Os seus quadros são hecatombes que arripiam os cabellos ás beatas. Aqui é martyr São Bartholomeu a quem os impios vão quartejar, tendo-o já estendido no cavallete. Alli o *Prometheu presa do abutre*, contorcendo-se no meio das trevas, composição monstruosa, o bello horroroso; é um phrenesi, um delirio que assombra. O abutre tem já aberto o ventre da victima, e afastando-se leva presa no bico a extremidade dos intestinos, que vae puxando, como se desenrolasse um novello. Além é o celebre quadro de S. Jeronymo no deserto, cilician-do-se a bater com uma pedra no peito.

XIII

A MARQUEZITA

Uma noite, no theatro real de Madrid, tive a honra de ser apresentado á marquezita de* * *

É tão formosa e tão elegante esta senhora que causou impressão em Paris, em Londres, e em todas as grandes cidades que visitou ha annos. Tem a pallidez e olhar profundo das filhas do Peru, e ao mesmo tempo a distincção e a graça das madrilenas. No theatro, como nos passeios, como nos salões, todas as vistas se fixavam n'ella, e era n'esse tempo uma formosura que não affrontava as outras; phenomeno tão raro que eu o deixo aquí consignado para que sirva de exemplo ás formosas do meu paiz.

N'este ponto não sou mais que um modesto narrador. Que Affonso Karr me perdôe se me atrevo a apresentar-lhe uma excepção á sua theoria, que, segundo elle, não as tem. Uma formosura que não affronta as outras formosuras! O leitor não o acredita talvez; se a mim tanto me custou a crêl-o! Pois o mesmo Victor Hugo, que chama um *casus belli* á mulher, se conhecesse a marquezita abriria para ella uma excepção.

Mas era a modestia ou a virtude que a collocava assim fóra da lei geral?

Não, não podia ser.

Que tem a modestia ou a virtude com o ciume que as formosas inspiram? A mulher é como os monarchas; aquella que a desthrona por um momento que seja, é uma usurpadora. Santa Luzia que a desthrone, será uma usurpadora Santa Luzia.

Mas então?

O marido da marquezita havia sete annos que soffria uma doença grave que só o deixava sair de tempos em tempos, seis vezes no anno quando muito, e foi n'uma d'essas occasiões que eu tive o prazer de lhe falar no theatro, porque ella não abandonava o enfermo. Era uma estrella de luz periodica e incerta.

Está explicado o enigma, me dirá o leitor

mettam Lucrecia n'uma torre e as elegantes de Roma dormirão descansadas.

Pois se não vos contentaes com uma historia verdadeira ou pelo menos verosimil, fechae o livro, que milagres é que eu não saberei contar-vos, leitor insasiavel.

Tinha a marquezita uma conversação encantadora; borboleteava pelos assumptos mais variados, revelando sempre illustração e bom gosto. Falou-me de Camões como acto de galanteria, e creio firmemente que nunca pensara sequer em o ler, como acontece a quasi toda a gente que nos lisonjeia cá fóra com o nome do nosso poeta.

Era a marquezita d'uma virtude inconcussa. Quem se atreveria a arriscar uma palavra duvidosa sobre a sua conducta? Se vivia afastada dos prazeres, ao menos não estava exposta ao veneno d'está vibora que se chama sociedade.

Certo dia, porém, um *calavera-fino*, que saía do club ás seis horas da manhã, pensou avistal-a atravessando as Portas do Sol. A essa hora nem os barbeiros se levantam em Madrid; não podia ser a marquezita, se fôra ella... O elegante quiz certificar-se, seguiu a senhora pela rua de Montera, apressou o passo, e ao adiantar-se-lhe no caminho fitou-a d'um olhar atrevido que a fez baixar os olhos. Era a marquezíta.

Levava o traje proprio dos mysterios; o traje que a mulher escolhe para se encobrir, e que é exactamente aquelle que lhe denuncia o segredo, quando ha olhos atrevidos que a seguem. Vestido negro, que é o capote das senhoras, largo para disfarçar o talhe, singelo para não chamar as attenções.

O elegante figurou mudar de direcção, mas não a perdeu de vista; e quando a senhora batia tres argoladas á porta de uma pobrissima habitação, estava tão perto elle que a marquezita subiu os degraus exteriores da casa para o deixar passar.

—Senhora marqueza... diz o elegante, tirando respeitosamente o chapeo.

A senhora estremeceu, bateu outra vez, e não pôde articular uma palavra.

—Senhora marqueza, sou um importuno, bem o sei; é de mau gosto aproveitar assim tão bruscamente o ensejo que se nos depara... e descobrir os segredos de uma senhora honesta.

—D. José... balbuciou a marqueza.

A porta abriu-se, a senhora entrou apressadamente. D. José sobe os degraus e estende-lhe a mão.

—Creia na minha honra, senhora, suba descansada.

—Não duvido da sua honra, diz a marqueza apertando-lhe a mão; se soubesse...

—O que, senhora? Soffre? Precisa de mim? A maneira porque me apresento a esta hora não é a melhor para inspirar confiança; mas pode ser que a Providencia me haja enviado em seu auxilio.

—Ha desgraças tão grandes... tão imprevistas...

D. José fechou a porta.

—Estou afflicta, D. José; tem dinheiro?

O elegante abriu os olhos espantado e não achou uma palavra que dizer.

—Não tenho tempo a perder, preciso de dinheiro.

—Aqui... senhora... cincoenta pesos, se tanto... mas em duas horas...

—Siga-me, diz a marqueza, subindo apressadamente uma escada ingreme e escura até o terceiro andar, onde um homem velho a esperava. Duas creanças loiras correram a beijarlhe as mãos.

Entraram. Ao canto da casa e n'um leito de pau santo, via-se a cabeça branca de uma velhinha, cujos olhos se animaram á apparição da marqueza.

—Como está, Joaquina? diz-lhe a fidalga apertando-lhe a mão, que ella lhe estendia. Que é isso? Lagrimas! Lagrimas quando lhe trago uma boa noticia! Vê este senhor? indicando D. José que ficara entre portas.

A velhinha volta a custo a cabeça.

—Este cavalheiro é um bemfeitor, minha amiga; poz cincoenta pesos á minha disposição para vir em seu auxilio. Ao meio dia lhe enviarei pelo meu criado egual quantia. Com cem pesos já pode pagar a casa, e desempenhar a roupa.

E dirigindo-se a D. José:

—Quer fazer-nos a esmola?

O *calavera* entrega a bolsa á marqueza, dizendo com voz quasi imperceptivel:

—Perdão, senhora!

—Perdão para quê? para a sua caridade?

Se fosse no theatro, D. José cairia aos pés da marqueza e o panno cairia sobre a situação; porém como não se passou sobre o palco, nem o fidalgo caiu de joelhos, nem o panno interceptou a vista do publico; porque um ocioso que recolhia a casa, passava em frente da porta quando a marqueza saía pouco tempo depois de D. José.

Depois é provavel que se falasse a este respeito com uma reticencias traiçoeiras, que são a gloria dos insignificantes em activo serviço.

Bem dizia o poeta Quintana:

Ay! Infeliz de la que nace hermosa!

XIV

A BORBOLETA

Honrou-me a marquezita enviando-me o seu album, e posto que Lamartine era a sua leitura predilecta, dediquei-lhe a seguinte traducção da *papillon*.

A BORBOLETA

Nascer co'a primavera, e apoz morrer co'as rosas,
Voar em ceo azul co'as brisas buliçosas;
No seio estremecer da mal aberta flor,
Inebriar-se ahi d'aromas e de amor;
E sacudindo o pó das azas pequeninas,
Voar como um suspiro ás regiões divinas;
Tal é da borboleta o feiticeiro fim;
Qual o desejo ella é, que de correr não cansa,
Que insaciavel deixa o que a voar alcança,
E em busca da ventura ao ceo regressa emfim.

XV

A CINCOENTA GRAUS CENTIGRADO

A minha viagem de Madrid para Cadiz foi um pesadello que me apertou o coração. Despertei na terra da Virgem, pallido e de olheiras profundas.

Foi o caso que o governo hespanhol, no mesmo dia da minha partida, fizera sair pelo caminho de ferro da Andaluzia um destacamento destinado a desarmar os nacionaes, e dera ordem para que o comboio expresso fosse esperando em cada uma das estações da linha á proporção que o desarmamento se effectuava na estação immediata. Isto durou dois dias, sem que os viajantes houvessem sido avisados na occasião de comprar os bilhetes.

O comboio que me transportava seguia sobre os railways com a prudencia de um *char-à-bancs*. O sol queimava a pelle; o ar era rarefeito e irrespiravel como no mar Roxo.

Na primeira estação os viajantes protestaram; na segunda silvaram á machina; na terceira bradavam apenas: —Agua!—n'aquelle deserto onde felizmente appareciam algumas Samaritanas de bilha e pucaro para nos refrescar a bocca.

É a historia de todas as injustiças. A força do despotismo acaba por abater os espiritos. A razão estava do nosso lado, mas a locomotiva estava do lado do poder; e contra a tyrannia da força era-nos licito apenas desabafar a indignação com estes versos do poeta hespanhol:

Vinieram los serracenos
Y nos muleron á palos,
Que Dios protege á los malos
Cuando son mas que los buenos.

As scenas que se iam passando no interior das carruagens eram tão estranhas como a propria viagem. Tudo era fóra do ordinario. Na segunda classe os homens e as mulheres iam meios nús. Quando parava o comboio, para esperar duas horas n'uma estação depois de ter andado por espaço de quinze minutos, viam-se estendidas fóra do trem as caras vermelhas das mulheres, cuja ligeireza de traje lhe não per-

mittia descer á estrada. Puff! era o côro unisono dos viajantes que assopravam á atmosphera, como se tivessem ar de sobejo para o serviço dos pulmões. As mulheres da agua, e os empregados das estações olhavam-nos com uma expressão de piedade que nos humilhava.

No meu compartimento ia felizmente uma só familia, natural de Cadiz, com a qual tive tempo de sobra durante a viagem para travar relações de intimidade. Era um negociante ainda moço e duas irmãs de dezoito a vinte annos. O mesmo infortunio nos unira alli, e o leitor bem deve comprehender que uma desgraça soffrida assim em companhia de duas gaditanas formosas, perde uma parte da sua força, egual á força da belleza das mesmas gaditanas, como seria capaz de dizer Archimedes se tivesse feito commigo aquella viagem.

As circumstancias fazem o homem; o governo hespanhol fez-me inventor. Era preciso respirar ou morrer. O meu futuro por uma brisa de Cacilhas! dizia eu interiormente. Por fim achei o meio de não morrer asphixiado, e a invenção foi adoptada pelas outras victimas, minhas companheiras. Armei uma moldura de cannas á cabeça, cobri-a com uma toalha molhada, e com o auxilio de um leque freneticamente agitado consegui uma atmosphera artificial. O calor en-

torpecia o corpo, o leque fatigava os braços, a fome abatia o estomago, o que tudo contribuia para que ao cair da noite nos deixassemos todos dormir, esfalfados como os peregrinos na Terra Santa.

Emfim chegámos vivos e não sequestrados.

XVI

CADIZ

A terra da Virgem fez-me a impressão de uma cidade que acabava de sair das mãos dos architectos para nos sorrir como terra de promissão. Brancas as casas, branco o empedramento das ruas, tudo limpo, tudo alegre.

Já me não lembravam os tormentos d'aquellas quarenta e oito horas em que chegara a comprehender o supplicio de S. Lourenço. Um banho tepido transformou o martyr n'um homem ditoso. Já me sentia com força e animo para passear.

As ruas de Cadiz são estreitas mas regulares; a *calle Ancha*, a mais espaçosa de todas,

é tambem a mais elegante; termina na praça de Santo Antonio, cercada de arvores e de bons edificios. A praça de Mina fica a pouca distancia da de Santo Antonio. Quadrada e do tamanho talvez de metade do Rocio, distingue-se pela arte com que está adornado o centro. É um jardim circumdando um coreto de ferro, e á roda do jardim um elegante passeio lageado, com arvores e bancos.

É alli que nas tardes de verão brincam as creancinhas, trepando ao coreto, correndo por entre as flores, como borboletas de um quadro phantastico, em quanto as amas, obedecendo aos influxos da estação e do clima, falam com os soldados d'artilheria ácerca da educação da infancia.

Cadiz é uma andaluza. Um sorriso sempre alegre, uma saia curta para lhe encobrir o pé, um leque transparente para a abrigar do sol.

Conhece-se não ser terra nem para as cogitações nem para as tristezas. Os alemães achamna frivola, pouco dada á leitura de Schiller. Andam-lhe no ar os eccos da alegria. São as malaguenhas que se cantam nas tendas dos montanhezes com acompanhamento de nós de dedos sobre o balcão; são as seguidilhas entoadas nas ruas pelos cantores de officio; são os cegos que cantam os programmas dos toiros; são os sinos

de vinte e sete egrejas que sempre teem alguma coisa que tocar; são emfim as vozes dos vendilhões, de chapeo caido sobre a nuca, e olhos no ceo, como quem vae apregoando para S. Pedro.

É raro ver-se alli um sobr'olho carregado ou um olhar de revez, como os tyrannos de melodrama. Fala-se claro e olha-se direito; porque a palavra não foi dada ao homem para encobrir os pensamentos, nem os olhos os deu o Creador para mascara do coração. Que se occultem os que temem o mundo, percebe-se; mas alli ganha-se com ser visto: alma transparente como o ceo, coração de fogo como o sol. Nem o rouxinol disfarça a voz, nem escondem os seus perfumes as flores.

Os arabes deixaram alli a formosura e a indolencia. Ser guapa é ter uma riqueza; cantar é ser agradavel a Deus. D'aqui resulta que são raros os contratos ante-matrimoniaes; contratos para que? Só se fosse para se obrigarem ellas a ser bonitas sempre, a não engordarem depois do primeiro filho, e a conservarem o pé com a mesma graça. D'ahi resulta tambem, da herança dos arabes, que cada casa precisa ter ao menos seis criados para se ajudarem uns aos outros no gargantear das canções.

Os predios teem o que quer que é dos arabes

tambem. Pateos de marmore ao centro, cercados de columnas. *Cierros* de crystal nas janellas como estufas para plantas delicadas. Nos pateos passam-se as horas de calor no verão, entre as palmeiras que os assombram, e debaixo do toldo preso nas azoteas. Dos *cierros* entre as cortinas e as flores fazem as *señoritas* os seus *boudoirs*.

Para que tudo tenha poesia alli, não ha chafarizes nem marcos fontenarios. A agua que se bebe cae do ceo como directamente enviada pela mão do Senhor; é guardada nas cisternas sobre que assentam todas as casas e ahi se conserva ás vezes meio anno. Falta-lhe a graça, á agua, a alguma coisa havia ella de faltar.

Cadiz não é só uma cidade alegre, e de clima são, em que as horas se deslisem docemente, como a bordo de um navio em maré de rosas. Na historia de Hespanha dão-lhe um logar distincto muitos feitos em que se tem assignalado a intelligencia e o valor dos seus habitantes. Como premio de seus serviços, deram-lhe os reis os titulos de *muy noble, muy leal y muy heroica ciudad.*

Com respeito á origem de Cadiz, a opinião que parece mais admissivel é que foram os phenicios que mil e duzentos annos antes de Christo fundaram uma colonia n'essa ilha, elevando

um templo a Hercules, no sitio em que hoje se acha o castello de S. Pedro. O brazão de suas armas está em harmonia com esta opinião. É a figura de Hercules phenicio, sujeitando dois leões, e coberto com a pelle de outro, entre duas columnas com este distico—*Non plus ultra;* e ao redor do escudo o seguinte—*Hercules Fundator Gadium Dominatorque.*

Depois dos phenicios foram os carthaginezes, e depois os romanos que succederam n'aquelle dominio. Julio Cesar chamou-a *Augusta urbs Julia Gaditana* e concedeu-lhe o privilegio de que os seus filhos fossem considerados cidadãos de Roma. No seculo V apoderaram-se d'ella os godos, e no seculo VIII, depois da famosa batalha do Guadalete, passou ao poder dos arabes, que permaneceram alli quinhentos annos.

A pagina mais brilhante da historia de Cadiz é a sua defesa durante a guerra da Inde pendencia contra as hostes de Napoleão, obrigando a render-se a esquadra franceza que se achava na bahia. Quando o marechal Soult invadiu a Andaluzia, serviu Cadiz de asylo ao governo hespanhol; e ao intimar-se-lhe o reconhecimento de José Bonaparte, como rei das Hespanhas, respondeu: «A cidade de Cadiz, fiel aos principios que jurou, não reconhece outro rei senão o senhor D. Fernando VII.» Começou então a

ser bombardeada pelo inimigo, durando o fogo dois annos pouco mais ou menos, mas não se rendeu.

Todos os movimentos liberaes da Hespanha teem sido iniciados em Cadiz, ou teem encontrado alli um poderoso auxilio. Foi ainda n'essa cidade que se iniciou a ultima revolução, achando ecco em toda a nação o grito de liberdade, levantado pelo brigadeiro Topete.

Ha no caracter dos gaditanos a independencia, o valor, e o enthusiasmo para explicar todos esses feitos que fazem a gloria de Cadiz. Sobre tudo o enthusiasmo, o *Deus em nós* dos gregos; porque sem elle não ha sentimentos grandes, nem generosidade, nem aquella elevação moral de que provém o verdadeiro patriotismo. A prudencia poderá ser uma virtude, mas não é d'ella que nasceram os martyres da Egreja, nem foi com ella que se mudou a face ao mundo. A prudencia fez o desastre de Sedan; o enthusiasmo fez a defesa de Saragoça.

Terra mais democratica do que essa não a encontrarão em toda a Europa. Se a arvore da republica fôr um dia transplantada para os nossos climas, achará em Cadiz o solo propicio á sua acclimação. A desegualdade de classes é alli quasi desconhecida. Nem os nobres fazem entrever uma ponta dos pergaminhos, nem os

operarios teem a submissão que se nota n'outras partes. O chapeo não se tira senão a Deus; nem ás senhoras se descobrem elles, porque para essas ha outra casta de reverencias.

XVII

AS GADITANAS

Aquella ilha deliciosa do canto IX dos *Lusiadas* não era uma ficção do poeta. Sou capaz de jurar, sobre as varetas do mais travesso leque da Andaluzia, que a formosa estancia com que Venus agraciou os portuguezes era a ilha separada da de Leão pelo rio Arilho, no extremo norte da lingua de terra que se estende pelo oceano, da qual ilha foram seus primeiros povoadores os celtas, os egypcios ou os phenicios, visto que n'este ponto variam as opiniões dos historiadores, e visto ter eu a condescendencia de me conformar com qualquer d'ellas.

Essa ilha, cujo primitivo nome foi Gadir,

Gadira ou Gadeira, é hoje conhecida pelo de Cadiz.

Verdade é que o leitor não encontrará alli nem os tres outeiros, nem as mil arvores, que se abriam em pomos odoriferos, como o poeta nos descreve, accessorios que o tempo suppri-miu talvez por inuteis; mas encontrará aquella insula divina que parece ter saido do seio das aguas, como a propria Venus, sua fundadora, coroada de espumas, e povoada d'essas nimphas

Que lançam ardentissimos suspiros.

Outrosim notará o leitor a ausencia d'aquel-les meninos voadores que adelgaçavam settas para a caçada dos corações, e saltavam em ban-dos pelas ruas, exercitando a mão nos peitos da plebe rude, quando se não tinham inventado os direitos individuaes, que haviam de proporcio-nar á mesma plebe rude a commodidade de uma policia. Mas na ardencia da atmosphera, mas nos olhos e nos cabellos das mulheres, co-nhecerá alli que nem o discurso dos seculos nem a metarmophose das instituições hão diminuido os encantos da verdadeira Ilha dos Amores.

Isto é Cadiz; e todavia qualquer geographo de almanach contentar-se-ha com dizer d'ella: ser praça de guerra de primeira ordem, repu-tada como uma das mais fortes da Europa; ter

uma bahia ampla e bastante abrigada dos ventos; contar de população setenta e um mil quinhentos vinte e um habitantes, e haver sido patria de muitos homens illustres em letras, dignidades e virtudes.

Depois tratará do commercio dos vinhos e da divisão territorial; dir-nos-ha o nome das ruas e dos cafés, e por fim será natural falar-nos de Affonso x, e do almirante D. Pedro Martinez de la Fée.

Mas das gaditanas nem uma palavra.

Nem uma palavra sequer das gaditanas, como se Cadiz fosse alguma coisa sem ellas, e podesse existir para a agricultura ou para a industria a encantadora cidade, que não produz sequer uma couve, nem ao menos fabríca uns suspensorios.

São as gaditanas umas creaturas pequenas e finas, de olhos negros como a noite e brilhantes como o dia; de cabellos abundantes que o veo não tenta encobrir; d'uma cintura, não de vespa, como diziam antigamente os poetas de más figuras, mas de mulher delicada; e de uns pés, a que os alludidos poetas chamariam imperceptiveis, mas que são gloria de nossos olhos e dôr de nossos corações.

Quem sobe ao cimo da torre de vigia, a mais alta de Cadiz, e lança a vista em de redor, vê

as azoteas de todas as casas, quasi no mesmo plano, alvas de neve, como se fosse uma só edificação cortada por centenares de ruas estreitas e regulares, que mais parecem fendas abertas no edificio, pelas quaes recebem ar e luz as fadas que o habitam. Em roda, de um lado a bahia, do outro o oceano, e do terceiro lado uma lingua de terra estendida do continente, dão á cidade o aspecto de um palacio fluctuante, que espera o momento de se desprender da terra para seguir rumo desconhecido.

Do pouco que já disse das gaditanas se pode concluir que ellas são mulheres como todas as outras que o sol allumia. Engano completo. A dois passos estão as de Chiclana, as de S. Fernando, as de Puerto Real, as de Xerez, as quaes se assimilham tanto ás filhas de Cadiz, como as alemãs se parecem ás portuguezas.

O que é pois que distingue a gaditana das demais andaluzas? Sabem-no todos os que as conhecem, mas não podem descrevel-o os que o sabem. É uma tal melancolia no olhar, é uma intenção maliciosa no sorriso, é emfim uma graça nativa que nivela as pobres com as ricas; é tudo isto e é muito mais que tudo isto.

Pode-se dizer que perante a graça todas as gaditanas são eguaes.

Por isso ouvi dizer algumas vezes:

—Paca concluiu suas relações com Pepe.

—E por que? Elle é rico, elle é bonito...

—Mas não tem graça.

A rapariga de mais modesta condição, e que passa o dia inteiro a coser para ganhar uma *pezeta*, quando acaba a tarefa pela tarde, ás vezes sem ter almoçado, ai! respíra, relanceia os olhos pelo espelho, canta uma malaguenha, e recebido o preço do trabalho, eil-a a menear-se pela rua, a mirar-se nos vidros dos mostradores, a levantar ligeiramente o vestido para que se veja o que Deus fez para ser visto, e a responder aos galanteios dos que a encontram, como se houvesse passado o dia inteiro n'aquelle santo ocio que predispõe o espirito para as frivolidades da vida.

Antes de comprar os peixinhos fritos que lhe hão de servir de almoço e jantar ao mesmo tempo, compra a flor pela qual lhe suspiram os cabellos. Entra depois no frigidor, creatura providencial que torna inutil a cozinha em casa dos pobres, e que tem a delicadeza de transformar qualquer pescada em um milhão de obreias fritas que se apegam ao ceo da bocca. O peixe é involto em um cartuchinho de papel; a costureira toma-o graciosamente na mão esquerda como se fosse um *bouquet*, enfia um pãosinho de rosca no dedo minimo, levanta o vestido com

a mão direita, e ella ahi vae em requebros, descuidosa das coisas d'este mundo e das do outro, sem inveja das que passam de carruagem, e com o prazer de ser mirada, que é a gloria das gaditanas.

Algumas menos pobres, ou talvez melhor governadas, vão pela manhã á praça dos comestíveis, com um cestinho no braço, e a mesma alegria no semblante, e fazem as compras para o dia:

Uma couve

Tres tomates

Uma flor.

O indispensavel é a flor, adorno unico dos cabellos das pobres e das ricas, das que vão ás *soirées* do casino da praça de Santo Antonio, e até das que pedem esmola âs portas das egrejas.

Aquella graça das filhas de Cadíz ainda não foi vencida pela invasão dos costumes francezes nas classes elevadas. A gadítana detesta o chapeo de todos os feitios e os penteados que a moda inventa. A arte com que ella se penteia não se aprende nos figurinos. É um penteado modesto, elegante, quasi invariavel. Sobre aquellas cabeças adoraveis, nada. Aboliu a mantilha que era pesada de mais, e substituiu-a pelo veo, preso na parte posterior da cabeça, indo cair

adiante sobre os hombros, como moldura transparente do rosto.

Estas só levantam o vestido quando vêem na rua um pretexto razoavel para o fazer; verbi gratia—tres pingos de agua que o sol não enxugou de todo, uma palha quasi invisivel que as saias podiam levar. Não respondem aos galanteios, mas não se amuam com elles. Não pagam uma *mirada* com um sorriso, mas não fazem figas aos que as miram. Não se requebram immodestamente, mas não andam empertigadas e serenas como algumas senhoras minhas conhecidas.

Falem á gaditana sobre o equilibrio da Europa e ácerca das theorias dos livres-cambistas, ou contem-lhe uma historia repassada de lagrimas, d'aquellas que põem um nó na garganta dos incautos, e vel-a-hão a agitar doidamente o leque como quem diz—quando acabará este maldito?

Para ella são as historias de bom gosto, a conversação animada que desanuvia o coração, os ditos salados que o espirito agradece e retribue.

Por isso no principio d'este seculo, quando a esquadra dos invasores francezes cercava Cadiz e a atacava com fogo vivissimo, os gaditanos construiram um theatro de madeira, fóra do alcance da artilheria, para que ellas tivessem onde passar as noites.

Nos salões e nas ruas cantava-se então esta seguidilha:

Con las bombas
De los fanfarrones
Hacen las gaditanas
Tirabozones.

XVIII

O AMOR

A constancia é o recurso das feias, dizia Ninon de Lenclos ao marquez de Sévigné; as bonitas como sabem que não lhes faltarão olhos que as namorem, não tratam de conservar a prenda conquistada.

Não admira pois que eu tenha por exageração andaluza o que me disseram em Cadiz: que uma gaditana quando diz—*yo te quiero*—nem o rei é capaz de a fazer mudar. Parece-me que no tocante a constancia estão os corações gaditanos sujeitos á mesma lei que rege os corações das mulheres formosas.

Disse que perante a graça todas as gaditanas

são eguaes; é preciso accrescentar—e perante o amor tambem.

As que vivem debaixo d'aquelle ceo azul sempre, sabem que nasceram para amar e ser amadas.

Tres amores differentes dominam o coração das filhas de Cadiz:

O amor de Deus

O amor proprio

O amor do proximo.

Pelo amor de Deus vemol-as no caminho da egreja, de banquinho suspenso no braço, de livro de missa na mão. Vemol-as respeitosamente ajoelhadas na casa do Senhor, assistindo a todas as novenas e rezando todas as ladainhas. Dir-se-hia que nem uma idéa profana passa então por aquellas cabecinhas, se de espaço a espaço, ao voltar da folha, ou ao cerrar do livro para se benzerem, não relanceassem os olhos por outros, que as fitam menos dissimuladamente.

Pelo amor proprio teem a consciencia do que valem e sabem que se lhes deve uma adoração sem limites. Aquillo a que no meu paiz se chama—*passatempo*, é desconhecido em Cadiz. Alli ou se ama ou não se ama. Na mutua dedicação de duas almas não ha meio termo.

Pelo amor do proximo vemol-as de noite ou

de dia, falando aos namorados, dos balcões para a rua, ou de umas para outras azoteas. E toda a gente respeita o namoro do proximo, como se fosse o seu proprio namoro.—«Hoje por ti ámanhã por mim»—dizem naturalmente os que passam.—«Hoje respeito eu o teu namoro, ámanhã tu respeitarás o meu.»—Fala-se alto e claro, como quem tem a consciencia de que pratíca uma boa acção. O namoro não offende as leis do decoro, nem as prerogativas dos vizinhos.

Aos namorados, qualquer que seja o grau de suas relações, desde o principio d'ellas, chamam noivos.

Assim como a constipação pode ser o primeiro passo no caminho da morte, uma declaração de amor pode ser o primeiro passo no caminho do matrimonio. Por isso aos constipados se chama enfermos, e aos namorados noivos.

O noivo é principe nas salas e nos passeios. Todos lhe abrem caminho para chegar a *ella*, todos lhe cedem a cadeira que lhe fica mais proxima. A noiva não dança, e se a enfermidade chega ao desenlace do casamento, a gaditana diz um adeus eterno á polka e aos lanceiros, porque as casadas se impõem a mesma abstenção.

É exactamente o contrario do que tenho obser-

vado na vida provinciana dos francezes, onde ás donzellas é vedado o prazer da dança, e ás casadas se abrem os braços da valsa, sem reparos e sem restricções.

XIX

O ABANICO

A gaditana deixaria de existir no dia em que lhe tirassem das mãos o abanico (leque).

Imaginem a mais formosa d'ellas, vestida com a singela elegancia que lhes é peculiar; ponham-lhe sobre os cabellos de ebano a mais delicada camelia de Puerto Real; dêem-lhe a frescura dos vinte annos e a felicidade de uma affeição correspondida; mas escondam-lhe o abanico, e vel-a-hão emmudecer como se uma desgraça lhe apertasse o coração.

Se o leitor não sabe o que é o abanico nas mãos da gaditana, dir-lhe-hei que é uma coisa exactamente egual ao leque, mas que não serve para refrescar o rosto.

Sempre ouvi dizer, e até já o vi escripto em letra d'imprensa, que o abanico é um telegrapho entre as hespanholas. Isto poderá ser verdade no resto da Hespanha: em Cadiz, não. O abanico é por assim dizer a continuação dos nervos delicados da gaditana, forma parte da sua organisação, e, como a physionomia, é, nem mais nem menos, o espelho da alma, onde se reflectem os diversos sentimentos do amor, do odio, da indifferença e do desdem.

Ora um espelho não é um telegrapho. A physionomia revela o estado da alma a despeito mesmo da propria vontade. O telegrapho é uma linguagem; o abanico é o coração nas mãos das gaditanas.

Quando se entra no grande theatro de Cadiz, no momento em que a solemnidade da scena produz na sala um silencio egualmente solemne, ouve-se o ruido dos mil abanicos que se abrem e se cerram debaixo de impressões variadas, similhante ao quebrar das ondas nas areias de uma praia.

O abanico que se cerrasse sem ruido seria um traste inutil, como o clarinete sem bocal, ou antes como a harpa sem cordas. Não basta vêl-o, é preciso ouvil-o. A mudez de um abanico pode ser a causa de uma desgraça, e ás vezes tambem a concessão de um favor. Quem cala consente.

Se algum dia, leitor sensivel, declarares o teu amor a uma gaditana, não lhe interrogues os olhos, interroga-lhe o abanico. Se ella o agita vivamente, é como se te declarasses ao teu espelho. Se o move com indolencía, é porque te escuta. Se descansa a barba sobre a extremidade d'elle, conservando-o fechado e immovel, é que te acceita. Se o volteia entre as duas mãos, contando-lhe as varetas, ama-te, leitor.

Na nossa terra não é raro que as meninas mordam os labios quando lhe entram as penas do coração. Em Cadiz, nas mesmas circumstancias, quebram-se entre os dedos quatorze varetas de marfim.

—Ai Pepa, Pepa!—diz-se alli—vejo agora que ainda o amas; com este é o quarto abanico que despedaças.

XX

O BEIJO

Assisti em Cadiz á representação de alguns dramas de Zurrilla, e entre elles o celebre *D. João Tenorio*, que faz ainda as delicias do publico na Andaluzia. O convidado de pedra apparece alli como verdadeira surpreza, e os deliciosos versos da peça são ouvidos sempre com uma veneração profunda.

Zurrilla é um poeta estimado que vence a tyrannia dos annos. Ainda não ha muito tempo publicou elle uma poesia, que todos os jornaes hespanhoes transcreveram, e cuja traducção offereço ao leitor:

—Amas-me?
=Sim.
—Não te offendes,
De que te peça baixinho
Um signal do teu carinho?
=Conforme elle for.
—Pretendes
Já impôr-me condições?!
Amas-me?
=Sim.
—Teu amor
Prova-m'o com um favor.
=Diz que favor hade ser.
—Dá-me um beijo.
=É o que desejas
Em prenda do meu amor?
—Não é prenda, é só favor.
Sim?... Não?...
=Sim.
—Bemdita sejas!
=Queres recebel-o?
—Espera...
=Que fazes?
—Pôr-me a teus pés.
=Por que?
—Para que m'o dês,
Como deves.
=Que chimera!
Recebe-o.
—Attende: se crês
Que um beijo para este amor
Não é supremo favor...
=Acaba.
—Não, não m'o dês.
Se cumprindo o meu desejo,
Me queres um beijo dar,
Sem n'elle tua alma entrar,

Fique em teus labios o beijo;
Que o beijo porque morro eu
Dos teus labios ao sair,
Deve á minh'alma entreabrir
Os horisontes do ceo.
=Pois assim como o desejas
Um beijo te posso dar.
—Amas-me?
=Sim: vem tomar
N'este meu beijo a minh'alma,
Recebe-o.
—Bemdita sejas.

XXI

OS ANDALUZES

Aos que não conhecem de perto o povo da Andaluzia, escapam os traços que distinguem os andaluzes segundo o logar em que nasceram.

A graça e a indolencia são quasi communs a todos elles; ha porém differença caracteristica entre os de Cadiz, os de Sevilha, os de Malaga, e os de cada uma das provincias em que a Andaluzia se divide.

A graça dos de Cadiz e dos de Sevilha não está só na palavra, está nos gestos, está no pôr do chapeo, no traçar da capa, no encostar-se a uma esquina.

Ouvi celebrar o gesto que fez um toireiro fa-

moso para responder aos enthusiasmos de um admirador que o inundava de adjectivos picarescos.

—Olé!... Olé!... disse o toireiro, levando a mão ao chapeo, e o admirador saiu sem dizer uma palavra.

Eu que vi apenas uma simples imitação d'aquelle gesto que os andaluzes não olvidam traduzi-o assim:

—Veja se vae com a musica a outra parte.

A indolencia dos andaluzes é filha d'aquelle clima ardente e d'aquelle ceo sem nuvens que está convidando o homem á ociosidade.

Em Cadiz sentados nos bancos que circumdam as praças de Santo Antonio e de Mina, ou sobre a cortina da muralha na praça *del pueblo*, ha constantemente centenares de individuos, mais ou menos embuçados, no inverno tomando o sol, de verão gozando o fresco.

São todos ricos? Vivem todos das suas rendas? Perguntae-o a elles, que vos responderão: —Esta é a terra da Maria Santissíma; trabalhar?! Para que? Que trabalhem esses infelizes na Inglaterra, entende-se; se elles teem um sol que parece um queijo de Mayorca... Para que nos dá a Virgem este ceo que está mesmo a dizer-nos—olhem para mim, filhos!

XXII

REMEDIO PARA DESCANSAR

Parece-me que os de Cadiz são os mais engraçados de toda a Andaluzia.

Não se faz alli registo dos bons ditos que brincam nos labios de toda a gente, e são menos grosseiros que os de Xerez.

Uma tarde estava eu na rua de *Columela*, quando se aproximava um carpinteiro que regressava do trabalho entoando uma seguidilha.

Ora quando um gaditano larga o trabalho não ha magoa que lhe entre. Do que elle precisa é respirar a viração da tarde e franquear o peito ás impressões suaves.

Uma velha que passava junto de mim pára e diz-lhe:

— Olha quem elle é! Ramon, não me conheces?

O carpinteiro pára, mira-a um momento e responde:

—Olé, tia Maria, ha um seculo que não a vejo.

—Se estive dois mezes de cama. Estou muito mal ainda, mal posso andar: no dia 23...

O andaluz conhece que a historia vae ser longa e corta-a por este teor:

—Adeus, adeus, é tempo de morrer para descansar.

E lá se foi cantando a seguidilha interrompida.

XXIII

FALAR EM RASCUNHO

Uma tarde na praça de toiros de Cadiz surprehendi ao meu lado um individuo a fazer considerações de philosophia tauromachica a um amador que lhe ficava ao pé.

O amador não perdia um movimento do toiro, nem um só gesto do toireiro, e fazia caretas ás observações do philosopho.

Por fim diz-lhe:

—Que diabo de musica com que v. me está aos ouvidos. V. fala em rascunho; ponha-me isso a limpo e volte.

XXIV

CAIR A TEMPO

Os xerezanos passam por cabeças duras, e fanaticos pelas coisas da religião.

Ainda não ha muitos annos, por occasião da semana santa, era de uso subir um padre a uma sacada da praça principal de Xerez para prégar ao povo os martyrios da Paixão.

Milhares de pessoas ouviam de bocca aberta as palavras do sacerdote, e era de rigor deixarem-se cair todos e quebrarem as cabeças nas pedras da calçada, no momento em que o orador contava as quedas de Jesus no caminho do Calvario.

Era preciso que o homem tivesse uma voz de

stentor e falasse claro á turba, para que todos soubessem quando deviam bater com as testas no solo.

Uma vez o orador não se fazia ouvir como era mister; mais de trinta devotos tinham já outros tantos gallos antes de tempo, ao passo que toda a multidão, de testa incolume, olhava espantada para o prégador, fazendo trompa acustica com a mão direita.

Um menos paciente exclama:

—Caramba, que não se ouve a musica! Já caiu, ou não caiu?

O padre faz um esforço e grita:

—N'este momento cae!

Foi como se um furacão os derrubasse a todos! Cabeça para que te quero!

XXV

VAMOS TODOS

Na bahia de Cadiz, e do lado opposto á capital, ha um porto, cujos habitantes vivem quasi todos, senão todos, em pobreza completa.

Não ha muitos annos ainda que essa gente se arranjava com o que podia roubar aos barcos que alli davam á costa, e se despedaçavam nas pedras occultas do porto. Em noites de temporal levavam á praia um barco que sustinha um pharol na extremidade de uma hastea, e por esse modo logravam attrahir as embarcações que se achassem em perigo. Logo que estas davam nas pedras, apagavam o pharol e esperavam o romper do dia.

Conta-se em Cadiz que chegando o caso ao conhecimento da autoridade superior, ordenou esta ao parocho da aldeia que usasse da influencia da sua palavra á missa conventual para afastar os aldeãos da senda do peccado.

Assim o fez o cura. N'um domingo de manhã, quando a egreja se achava repleta de fieis, subiu ao pulpito e falou tanto de coração sobre o caso, que os homens choravam lagrimas em fio, e as mulheres choravam e gemiam.

—Ainda bem, dizia o bom do cura, ainda bem que a voz de Deus chega aos vossos corações, e que o arrependimento se lê nos vossos rostos.

N'isto ouve-se o sino de signal, que annuncia embarcação em perigo. Homens, mulheres e creanças começam a sair precipitadamente, sem dar ouvidos ao prégador que grita:

—Amados ouvintes, irmãos meus!

Não é possivel contel-os.

Correu logo ser um barco carregado de farinha.

O orador, vendo que não pode leval-os pelo bom caminho, desce do pulpito, acompanha-os ao logar do sinistro, e traz para casa um sacco de farinha.

XXVI

POR ONDE A VIRGEM ANDAVA!

A procissão do enterro do Senhor em Xerez põe toda a povoação na rua. O recolhimento religioso que domina o publico n'aquelle dia é superior ao dos tempos ordinarios.

Uma vez ia já a procissão em mais de meio, e o sarcophago de Jesus entre as portas da egreja não saía. Esperou-se tres quartos de hora, e ninguem encontrava a razão de similhante demora. O povo olhava pasmado para os irmãos, os irmãos olhavam pasmados para o povo.

Por fim vê-se o director da procissão, correndo por entre as irmandades, chegar ao largo da

egreja, parar, e gritar para o sacerdote que acompanhava o sarcophago:

—Então que historia é esta? Christo ahi muito bem estatelado, emquanto que a Virgem já lá anda pelo quinto dos infernos!

XXVII

O SOLIDO EM RELAÇÃO COM O LIQUIDO

Chiclana é uma bonita aldeia a pouca distancia de Cadiz, onde muitas familias fazem a sua estação de campo. Tem sido patria de muitos toireiros celebres, e entre elles do notavel Chiclanero, que o publico de Lisboa já teve occasião de applaudir.

O Chiclanero regressava da Havana, para onde tinha sido escripturado, quando o navio que o transportava foi accommettido de temporal desfeito. Em poucas horas se perdeu o leme e o traquete; as bombas não davam esgoto á agua que enchia o porão. Os tripulantes, os passageiros e o mesmo commandante tinham

quasi perdidas as esperanças de se salvarem. O mar era cada vez maior e o navio seguia á mercê do vento.

Quando tudo era desordem e confusão a bordo, e os gritos dos passageiros se confundiam com os rugidos da tempestade, Chiclanero brada:

—Tragam-me o almoço.

Onde estaria o criado de mesa para o ouvir? E Chiclanero a gritar como desesperado:

—Quero o meu almoço.

O commandante aproxima-se d'elle e diz-lhe:

—Que é que v. diz? Quem se lembra de almoçar n'estas alturas, quando o mais certo é morrermos todos afogados?

—Pois por isso mesmo, quero comer em proporção do que tenho que beber.

XXVIII

A BOM ANDALUZ MEIA PALAVRA BASTA

O idioma castelhano soffre alterações importantes na Andaluzia. Ha artigos e finaes de palavras que desapparecem inteiramente da lingua que alli se fala.

Os andaluzes abrem a bocca mais que os madrilenos, porque a Andaluzia é quasi tão ardente como a Africa. Tambem os inglezes cerram os dentes quando falam, com medo que o ar os constipe, emquanto que os arabes abrem os—a a—e com elles a garganta.

Sem duvida que isto não foi estranho á origem das linguas. No principio, quem tinha calor era natural que dissesse—a—; quem tinha

frio devia dizer—i—. Creio que á roda de cada uma d'estas letras se começou a construir as linguas, que se foram transformando sem esquecer a letra inicial.

Ora os andaluzes, como legitimos herdeiros dos arabes, desembaraçam-se das syllabas que abafam as palavras, como quem atira com a roupa para os pés da cama. Geme a grammatica, mas folgam os ouvidos, porque a lingua assim falada é alegre, é graciosa como o bolero das sevilhanas.

Foi naturalmente na bocca de um andaluz que o poeta poz estes versos:

> Que si él habla lengua castellana,
> Yo hablo la lengua que me dá la gana.

XXIX

O CARNAVAL

Encontrei no carnaval em Cadiz uma feição inteiramente nova para mim, que só o conhecia em Lisboa pelos bailes de mascaras e pelas danças dos pastorinhos de Santo Estevão.

Alli a municipalidade encarrega-se de preparar os divertimentos ao publico. No meio da grande praça de Santo Antonio arma-se um estrado enorme, de dois metros de altura, adornado de tropheos e de flores; no centro do estrado levanta-se um mastro quasi tão alto como os edificios que cercam a praça, do cimo do qual partem um sem numero de cordas revestidas de verdura que se vão prender a peque-

nos mastros collocados em toda a circumferencia da praça. Durante as tres noites do carnaval milhares de lanternas e de balões de côres suspensos das cordas apresentam um tecto de luz. De dia, das duas ás quatro horas da tarde, e de noite, das nove ás onze, trabalham sobre o estrado acrobatas escripturados pela camara municipal, ou dançam os mascaras nos intervallos dos exercicios.

Á roda da praça, mas a grande distancia do estrado, sentam-se durante a festa da manhã todas as familias de Cadiz, de todas as classes, desde as mais elevadas; á festa da noite não é tão numerosa a concorrencia da sociedade elegante. Tanto de tarde como de noite a multidão enche a praça e estende-se por toda a *calle Ancha*, n'uma alegria de ensurdecer; os mascaras serpenteiam por entre o povo e por entre as cadeiras das senhoras, e gozam de liberdade sem limites. A autoridade respeita as prerogativas dos que trazem a cara encoberta, e respeitava-as mesmo n'outras epocas quando a liberdade da mascara era a unica liberdade que alli se gozava.

Passeiam pelas ruas as mascaradas de significação politica; os coros dos estudantes com acompanhamento de guitarra, panderetas e castanholas, bandas de musica, carros descobertos

ornados de flores, de dentro dos quaes, como em Roma, os mascaras atiram rosas e rebuçados ás senhoras.

A festa da noite é destinada ás intrigas do coração. Muitas das formosuras que brilhavam de manhã nas cadeiras da praça de Santo Antonio, occultam-se então nos dominós e revelam que Deus as creara para os olhos e para o espirito. Falam, perseguem, enredam e deixam a gente com saudades d'ellas quando se vão.

São tres dias cheios, aquelles; porém o carnaval não solta o derradeiro suspiro na terça feira. O domingo immediato é o de *pinhata:* os devotos abrem um parenthesis no meio da quaresma, e repetem as mesmas folias, os mesmos exercicios de acrobata na praça, e as mesmas mascaradas pelas ruas. Mas a animação não é a mesma, conhece-se ser um delirio sujeito a rubrica; é como que um sonho do que se passara oito dias antes; um bom prato que se repete; uma anecdota que se ouve pela segunda vez.

O que distingue o domingo de *pinhata* dos tres dias de entrudo é o baile de mascaras no theatro principal. Pendem do tecto da sala duas pinhas enormes, cheias de doces, as quaes pinhas se quebram á meia noite como duas cataractas de biscoitos e pasteis sobre a cabeça do publico; e é este o unico episodio da festa para a pouca

gente que a ella concorre, pessoas tão tristes e tão mettidas comsigo, como as que costumam desanimar os bailes dos nossos theatros. A elle não vão as senhoras, nem para a sala, nem para os camarotes, que se conservam vazios toda a noite.

XXX

A FESTA DE DEUS

A procissão do Corpo de Deus attrahe a Cadiz grande concorrencia dos povos circumvizinhos, e dá a toda a cidade um aspecto estranho. Faz lembrar o que se conta de egual festa em Lisboa nos principios d'este seculo, quando as senhoras ficavam penteadas de vespera, e os poetas, batendo as palmas aos motes, apanhavam as musas, mas nem sempre de cara.

Na vespera ficam toldadas todas as ruas do transito da procissão; pendem das janellas colchas de seda de varias côres; festões e lustres de crystal e flores adornam todos os predios. Tudo é illuminado nas duas noites, e na praça *del*

pueblo ha musica na sacada principal do edificio da camara. As senhoras sentam-se em cadeiras de ferro n'aquella praça; o povo enche o largo e estende-se pelas ruas do itinerario.

Não caem de cima os motes; mas ouve-se aqui e acolá os bardos de guitarra, que entoam as canções andaluzas; e em um ou outro ponto a pandereta e as castanholas acompanhando a guitarra.

No dia seguinte de manhã forma em alas toda a guarnição da cidade, e as ruas são cobertas de areia branca. A procissão sae da cathedral ás onze horas. Desfilam todas as irmandades com suas bandeiras, mas os irmãos não vestem capa como em Lisboa. Seguem os orphãos dos asylos, os andores riquissimos, o cabido, e por fim a custodia, um monumento todo de prata, de cinco metros de alto, e do peso de setecentos kilogrammas aproximadamente, obra d'arte d'architectura corinthia, que causa a admiração dos estrangeiros. Doze homens collocados no interior do pedestal, ou carro, egualmente de prata, transportam este monumento sem serem vistos.

Atraz da custodia o pallio, e em seguida grande numero de pessoas de varias cathegorias, de tocha na mão, e as autoridades civis e militares fechando a procissão, o governador civil, o general da provincia, e o alcaide primeiro.

No primeiro anno que a vi era grande o acompanhamento dos particulares e autoridades, como protesto contra os livre-pensadores, que no anno antecedente se haviam esforçado por tirar á festa todo o prestigio e toda a magestade com que ella se fizera sempre.

Não julgue o leitor que eram os livre-pensadores que pensam; nada d'isso. Eram aquelles philosophos que todos nós conhecemos e que teem por fundamento de doutrina—não pensar em coisa nenhuma.

Ao menos os outros, os dos congressos, os que correm ás soltas, os que vão desembocados em busca da verdade, pensam e lêem; e vale bem a pena ler e pensar para nos destruir as crenças da infancia!

Esses acham razões de peso para não crer; por exemplo:

Um que sabe mathematica, declara que não consegue extrahir a raiz cubica á Divindade, nem a pôde resolver aínda pelas equações de terceiro grau.

Outro que é medico, confessa que assiste á morte do enfermo e não lhe vê sair a alma como nas magicas; que disseca os cadaveres e não lhe vem o espirito apegado ao escalpello como borboleta na ponta d'um alfinete.

Este é engenheiro, e não pode collocar no ceo

as bandeirolas do officio, nem acha a base do Ser Supremo para lhe fazer a triangulação.

Aquelle é naturalista, e ainda não descobriu a composição chimica de Deus.

Mas o de que se trata é outra casta de livre-pensador. É aquelle sujeito, de mãos nas algibeiras e cabeça levantada, que diz ao arcebispo:

—Senhor, eu tenho uma razão clara, e só creio o que posso explicar; não estranhe, pois, que eu não creia em Deus, visto que o não comprehendo.

—Muito bem, diz o arcebispo; porque será que o mesmo fogo que derrete a manteiga, solidifica o ovo?

—Não sei.

—Então não crê na *omelette!*

Foram estes que me inspiraram os seguintes alexandrinos:

Rasguem o denso veo á humana intelligencia,
E cada qual explore as minas da sciencia;
Nada de crença velha, abaixo o mundo ideal!
De santos nem um só, em Deus ponto final.
Correr á redea solta em busca da verdade,
Eis ahi a missão da nobre humanidade.
Livre da inutil fé e dos principios vãos,
Na massa do futuro é que é metter as mãos.
Á casa do Senhor corramos expeditos,
Pôr-lhe os sellos na porta, e as reguas e os escritos.
Que o mundo reconheça a casa que falliu,
A funesta mansão, de que o Senhor fugiu.
Logar ao novo deus, que o ceo a um canto mette,
Ao deus que só se curva ao enigma da *omelette*.

XXXI

O LEVANTE

Quando cheguei a Cadiz informaram-me da doçura do clima, de que alli se recebiam amavelmente os estrangeiros, e de que a cidade era *algo combatida de los vientos.*

Consultei a *Guia dos Viajantes* e li: «Como se acha no meio do mar, sem abrigo de montanhas, Cadiz *és algo combatida de los vientos.*»

Visto ser sómente *algo*, fiquei tranquillo; e então eu que ia habituado ás ventanias com que Lisboa afaga os seus filhos!

Ao passar uma tarde pela rua da Alfandega, na margem da bahia, admirei-me de não ver pintadas as casas, como no centro da cidade, e disseram-me:

—É por causa do levante.

—Do levante?

—Sim, um vento que vem d'Africa, quente e secco que põe n'esse estado as portas e as grades das janellas.

—É então uma coisa horrivel o levante?

—*Ya lo seintirá usted.*

Dias depois, no passeio das Dilicias, ouvi o seguinte dialogo entre dois velhos que estavam sentados ao pé de mim.

—Cada vez que vejo aquelle D. José, vemme as lagrimas aos olhos.

—Pobre rapaz, viuvo aos vinte e cinco annos!

—Pobre rapariga, digo eu, suicidar-se assim sem motivo.

—O maldito levante.

Passeando uma noite na praça de Mina, disse-me o meu amigo João Llano:

—Andam-me os nervos a adivinhar o levante.

—Mas quer o amigo dar-me uma idéa do que seja o levante?

—*Ya lo seintirá usted.*

Ao entrar essa noite em casa encontro o criado a calafetar as vidraças e as portas interiores das janellas.

—Que fazes? lhe pergunto.

—É que esta noite temos levante.

—Outra vez o levante! Mas o que é isso de levante?

—*Ya lo seintirá usted.*

Passei toda a noite sem dormir. Faltava-me o ar; os lençoes abrazavam-me; parecia que uma machina me estava a roubar toda a humidade da atmosphera. Era uma agitação em mim que me dava medo. Idéas negras; tudo pensamentos de morte; desejos de vingança a encastellarem-se-me na cabeça; esquecimento de quanto ha de bom; lembranças de quanto pode haver de mau.

Ao romper da manhã senti o vento que rugia lá fóra, e em casa gemiam as vigas e batiam as portas interiores como se tudo estivesse a dançar sobre o oceano.

Levantei-me; precisava de ar. O vento, apezar de calafetadas as portas dos *cierros*, entrava por debaixo d'ellas, levantava a alcatifa, cobria de poeira os moveis, mas não me trazia o ar de que os pulmões precisavam.

Principiei a saber então o que era o levante.

N'esses dias tudo o exagera a imaginação. Chega a toda a gente a excitação nervosa. Um olhar pode levar-nos ao duello; no thermometro do amor sobem os ciumes até o disparate. Sente-se hyena o homem; os seus mandamentos se lhe convertem n'um só—morderás o teu similhante.

N'outros são diversos os symptomas. É o *spleen;* é o desalento; é a ausencia d'esperanças; é a idéa do suicidio.

Tudo são desgraças então; não só o que acontece, como o que podia ter acontecido. Chega a phantasia a inventar desgostos que não ha, e palavras que nunca se disseram. Falta o valor para assistir á queda d'um botão. Uma unha que se quebra faz-nos desejar o socego do cemiterio. Incommoda-nos a vida; o corpo não se nos ageita ao espirito, como um paletó estranho. A memoria entrega-nos os acontecimentos que passaram. É o juizo final no cerebro. Veem as mulheres que nos enganaram, os ditos a que não replicámos a tempo, e até as palmatoadas que nos deram no collegio.

D. Bartolo tem cincoenta annos: é socegado, é bom vizinho; tem sempre dois *cuartos* para um pobre, e um dito galante para uma rapariga. Camisas ninguem as usa mais lustrosas; ficará sem sobremesa ao jantar, mas sem uma flor na casa do fraque é que elle não põe o pé na rua. Chega o levante e ahi o temos azedo, a implicar com a vizinhança; a pôr na rua os criados; a fechar na dispensa os pequenos.

D. Romualdo, esse conta já setenta annos: a vida corre-lhe serena; não tem mulher, nem filhos, nem irmãos, nem pessoa a quem deixar;

e os predios e as inscripções rendem-lhe quatro mil pesos por anno. Entra-lhe o levante e começa a affligir-se com o futuro. Se d'aqui a quarenta annos baixa o aluguer das casas, ou se as inscripções descem, que será d'elle, desgraçado, aos cento e dez annos d'edade, reduzido talvez a mil e quinhentos pesos de rendimento?! Se virá o rheumatismo?! Ou se Cadiz será engulida pelas ondas como annunciam os prophetas?!

Os jornaes costumam publicar noticias por este teor:

Consequencia do levante.—Dois individuos que não se falavam havia tres annos, encontraram-se hontem na rua da Torre, e como trocassem um olhar, saltaram um no outro, ficando os dois em misero estado.

Outra.—Esta manhã o sr. P. C. entrou em casa em tal estado de excitação, que agarrou a mulher por um braço, interrogou-a ácerca de certa carta anonyma que recebera ha dez annos, accusou-a de relações illicitas por esse tempo e acabou por lhe cravar um punhal no coração. A infeliz senhora contava sessenta annos de edade.

Pode dizer-se pois que o levante é uma lente que faz d'um argueiro..... tres cavalleiros.

XXXII

CURSI

Creio que o levante não tem egual influencia sobre o sexo delicado. Quando muito desinvolver-lhe-ha aquelles *vapores dos nervos* de que fala Balzac, phenomeno descoberto por certa parisiense, e que é uma especie de nuvem ligeira no domicilio. Dá-lhe para a melancolia, e se sente desejos de arranhar, ao menos esconde as unhas.

Mas o que não faz o levante consegue-o uma palavra, que é um pesadelo constante. Chamarem-lhe *cursi* é quasi tão mau como chamaremlhe feia.

Em que diccionario vem esta palavra? Quem

a inventou? Onde teve a sua origem? Ninguem o sabe. Vão lá descobrir quem inventa as locuções que o uso sancciona.

O que se sabe é que *cursi* significa de mau gosto, de má sociedade. *Cursi* é a menina que gesticula n'uma sala como se estivesse falando ás massas; *cursi* é aquelle senhor que passeia de manhã de luvas côr de canario, e collete aberto até á cintura. *Cursi* é retratar-se de livro na mão; é invocar João Baptista Say a proposito do orçamento; é dizer ao adversario — *Rísum teneatis, amici.*

Eram *cursis* Luiz XI fazendo ermida do chapeo, e aquelle bom de Luiz Philippe que substituia o sceptro pelo guarda chuva.

Laura e Concha são duas *señoritas* de dezoito annos, egualmente formosas e elegantes. Eram amigas em creança e brincavam juntas todas as tardes no salão alto da Alameda d'Apodaca. Um dia a mãe de Conchita teve o capricho de a vestir de verde, e de lhe pôr um laço amarello á cintura; Laura chamou-lhe *cursi*. Foi semente que nunca mais saiu d'aquelle espirito. Não se falam ainda hoje; são inimigas para a vida e para a morte. Quando se avistam, Laura entreabre um sorriso de desdem, Concha muda de côr, morde os labios e perde a naturalidade dos movimentos. No futuro pode ser que

dois maridos se batam; ninguem atinará então com o segredo do duello e será nada menos que a consequencia d'aquella palavra maldita, saida d'uma bocca de dez annos, e caida n'um coração da mesma edade.

Ai d'aquella a quem chamem *cursi* uma vez, que o ficará para sempre.

XXXIII

O SEGREDO DE MARIA

Maria que é naturalmente alegre, estava hontem pallida e triste. Em vão a interrogava o noivo, ella guardava o segredo da sua dôr. Eu que lh'o surprehendi, tive a imprudencia de lhe enviar os seguintes versos:

Tu choraste, os olhos humidos,
Não, não te deixam mentir;
Vejo em teus seios tímidos,
Uma lagrima a luzir.

Esses teus labios sem émulos,
Hontem cheios de frescôr,
Não os cerres, vejo-os trémulos,
E teem desbotada a côr.

Não é tristeza poética,
Que te opprime o coração;
Estás nervosa e frenetica,
Desgostos de amor serão?

Já não tens o riso magico
Da tua ingenua alegria;
Parece que um caso tragico
Te fez infeliz, Maria.

Dos olhos a chamma vivida,
Banhar teu rosto não vem;
Outra lagrima! Estás livida!
Me fazes chorar tambem.

Não chores, a vida é rápida,
É soffrer de um dia só;
Depois... um nome na lápida,
E por baixo o frio e o pó.

Mas que é isso? Tu sustentas-te
Com o pé direito no ar?!
Mordes os labios e sentas-te?!
Tens a botina a estalar!

Chegou tua dôr ao cúmulo,
E me fez chorar até;
Falei no amor e no tumulo,
E a coisa estava no pé.

Que a lição vos seja válida,
Não conto historias de bruxas;
Ás vezes a virgem pállida
Suspira pelas babuchas.

XXXIV

O GALHUMBO

As principaes familias de Cadiz costumam passar em Puerto Real dois mezes em cada anno; um na primavera, outro no outono.

É Puerto Real uma formosa villa de oito mil almas aproximadamente, situada na margem esquerda da bahia, e a quatro leguas de distancia da capital. Tem algumas ruas espaçosas; as casas, que são elegantes, não passam de primeiro andar, e o maior numero nem a tanto chegam, todas com grades de ferro nas janellas baixas, e com jardins bem cultivados. Fundada pelos reis catholicos em 1483, tomou o nome que ainda conserva, como recordação dos seus regios fundadores.

As duas estações do anno em Puerto Real seriam menos bucolicas que as de Bemfica, se não fossem as *Canteras*, um bosque immenso, assombrado de boas arvores, terreno accidentado até á exageração, sem cultura, sem vias commodas para os passeantes. O homem não se atreve a metter mão alli para lhe disfarçar aquelle aspecto silvestre, que é o que mais seduz as elegantes de Cadiz, habituadas como estão aos passeios das Dilicias e da Apodaca.

De tarde sentam-se todas sobre a relva, e é para ver então os montes cobertos de andaluzas, formando um matiz brilhante, e agitando os leques como aves presas á terra que tentam soltar as azas para ir cantar sobre as arvores.

A feira de Puerto Real anda pouco mais ou menos pela das Amoreiras, á parte a alegria das que vendem e a graça das que compram. São taboleiros de avelãs, de refrescos ou de quinquilherias por toda a praça e rua principaes, uma ou outra barraca para os espectaculos, e aos domingos musica, fogueiras, e fogo d'artificio. O que mais anima a festa n'esses dias é o toiro que deitam á rua para correr por entre o povo, ou antes contra o povo que se diverte.

Um toiro verdadeiro, um toiro feroz, um toiro desembolado, que as autoridades compraram, e que tem a livre permissão das mesmas

autoridades para marrar nos homens e nas senhoras, nos velhos e nas creanças.

Em 1871 creio que o alcaide maior foi accommettido de um accesso de indignação e prohibiu o toiro. O povo de Puerto Real foi ás nuvens. Tirassem-lhe a camisa, mas dessem-lhe o toiro. Formaram-se *meetings*, falou-se sobre os direitos individuaes, invocaram as glorias da villa, e abriram subscripções para darem uma iniciativa popular ao bruto. Se o alcaide não cede a tempo, não havia quem se responsabilisasse pelo socego da povoação. Foi pois lançado á rua o toiro para manter a segurança dos individuos.

De dia corre o bruto com uma longa corda atada á cabeça, a qual o povo puxa de longe, e chama-se o *toro de cuerda*. De noite vae solto e chama-se o *galhumbo*.

Ao grito de—*El toro! El toro!* dá-se um espectaculo curioso. Uns sobem ás grades das janellas, outros collam-se ás paredes, mas como a multidão é ás vezes compacta, caem uns sobre os outros, e sobre os taboleiros, senhoras, homens e creanças, que se agarram ao que encontram. Aquelle sente entrarem-lhe pela bocca uns dedos de mão alheia; este conhece que lhe entram por uma perna as astes do toiro para gloria do municipio. Se ha mortos, sabem-no no

dia immediato, quando o sabem; mas a festa continua no domingo seguinte, *toro de cuerda* de dia, *galhumbo* á noite.

Os de Puerto Real, que teem costella egypcia, fazem ainda do boi o deus das suas festas. Por uma inducção de raciocinios que não foi longa, quando senti o toiro a tres passos de mim, pareceu-me ver a propria camara municipal a querer-me furar as costas com toda a força da sua autoridade.

Quando a confusão acabou, e o toiro foi levar a alegria a outros logares, um habitante de Puerto Real, que ficara ferido na cabeça, exclamava ao pé de mim:

—Viva o toiro! Viva o Ajuntamento, que nos dá dois toiros para domingo.

Como era para o outro domingo, respirei; n'isto de toiros gosto mais de—dois te darei, que um toma lá.

XXXV

DOLORES

Conheci em Sevilha a senhorita Dolores H..., que annos antes havia chamado a attenção publica em Madrid por um feito digno de chronica. Não foi o acaso que m'a fez encontrar. Eu sabia que ella estava alli de passagem, conhecia por alto a historia que a tornara celebre durante alguns dias, e pedi para lhe ser apresentado.

Os acontecimentos envelhecem em Madrid mais rapidamente que em Lisboa; a vida alli é mais agitada, e a memoria dos factos perde-se nas ondas de uma população que não pára nunca e que traz todos os dias successos novos á superficie. Por isso talvez que o nome de Dolores não seja lembrado hoje senão pelos perso-

nagens da comedia em que ella representou o primeiro papel.

Dolores não é formosa, mas tem o *quid* que é nas mulheres de vinte annos o mais poderoso dos attractivos. Tem olhos que falam e dentes que não cansa a gente de os admirar. É sentimental? Não. É d'uma intelligencia superior? Não. É instruida? Muito menos. Fala do amor como d'um accessorio da vida; discorre sobre as coisas com uma ignorancia que lhe fica bem, como o laço verde que lhe adorna sempre os cabellos.

Um artista achar-lhe-hia grande de mais a bocca, mal contornado o nariz, a cutis pouco mimosa. Um poeta encontral-a-ha talvez um pouco fria de coração. Um academico tel-a-ha por demasiadamente alheada da historia e da litteratura. Mas apezar de tudo isso tem manifesta superioridade sobre as formosas que se lhe acercam; domina-as a ellas como aos homens, porque a natureza creou-a para dominar, e os decretos da natureza nem se contestam, nem se discutem. Ha n'ella o que quer que seja de imperatriz; talhe elegante, nobreza no andar, cabeça airosa como tenho visto poucas, e alguma coisa de cysne no collo.

Eis aqui a historia a que alludi, e que ella conta com a mesma naturalidade com que fala do ultimo figurino.

Dolores tinha dezoito annos, vivia só com os paes. Todas as irmãs estavam casadas, os irmãos serviam no exercito d'Africa. Um dia chama-a o pae ao seu gabinete e diz-lhe:

—Dolores, quantos annos tens tu?

—Dezoito, papá.

—Bonita edade para uma senhorita se casar, não achas?

—Acho, papá.

—O coração não te diz nada?

—Ácerca de casamento?

—Sim.

—Por emquanto ainda o não ouvi discorrer a esse respeito.

—Tanto melhor.

—Graças a Deus!

—Tenho um marido para ti. Teu primo Jorge possue quatro milhões de reales. É um rapaz de juizo, tem vinte e oito annos, barba negra.

—Ah! tem barba negra!

—Como azeviche. Gostas de barba negra?

—Não desgosto.

—Tua mãe te falará mais de espaço.

A mãe falou-lhe no mesmo tom, Dolores respondeu em egual sentido; entabolaram-se as negociações; trocaram-se os retratos; chega o noivo a Madrid, e ao fim de um mez estava tudo arranjado.

Dolores tinha sido educada n'um convento dos mais severos de Hespanha, e pensava que todos os matrimonios se faziam por aquelle teor. O primo não lhe agradava; parecia-lhe vulgar e pouco apto para falar ao coração ou á phantasia das mulheres, e sem coração e sem phantasia, dizia ella, que é o que fica do homem? Mas havia chegado a hora de mudar de estado; o pae falara-lhe claro; a mãe levava-lhe o espirito para alli; era preciso ir á egreja e receber um marido.

No dia aprazado vestem-lhe o vestido nupcial, põem-lhe a corôa de virgem e acha-se bem assim. Entra na carruagem. Na egreja acham-se os parentes e os amigos; a concorrencia é enorme.

Ajoelhada ao lado do noivo, pergunta-lhe o padre:

—É de sua vontade, senhorita, receber por marido o senhor D. Jorge de...

—Se é de minha vontade?

—Sim, contra sua vontade nada se fará.

—Graças a Deus! exclama Dolores, levantando-se. É usted a primeira pessoa que pergunta a minha vontade; pois bem, não é.

Todos ficaram assombrados. Os paes quizeram intervir, mas nada conseguiram. Dolores saiu solteira da egreja.

XXXVI

PINTAR OU MORRER

Gustavo Blasco é um homem extraordinario que eu conheci em Sevilha. Vive agora na Andaluzia, depois de ter percorrido toda a Europa, e de haver tratado com os mais celebres colleccionadores de antiguidades.

Não sei d'onde veiu, nem onde nasceu, e creio mesmo que elle o não saberá ao certo. A vida aventurosa que tem levado não lhe deixa tempo para se occupar de futilidades similhantes. Vive e trabalha, eis tudo. Á noite no Casino não lhe falta nunca o auditorio para as anecdotas que sabe contar com extrema graça; joga o bilhar; aponta algumas pecetas ao *ecarté;*

antes de se recolher toma um prato de gaspacho no verão, e meio grog quente no inverno, e nem o mundo tem mais encantos, nem elle tem maiores ambições.

Não vivera sempre assim, não. Houve uma epoca antes de ser antiquario, em que não encontrava duas pecetas na algibeira. Outro qualquer tinha-se feito empregado na alfandega, ou conductor de obras publicas; elle porém achou-se com prestimo para mais, fez-se negociante de quadros antigos e principiaram-lhe a cair em casa os Murillos e os Velasques.

Toda a gente pasmava ao ver a galeria de Gustavo Blasco. Uns diziam que os quadros lhe vinham por herança de um tio padre, outros clamavam que não eram taes Murillos, nem taes Velasques, e que os entendedores tinham os olhos fechados, quando lhe pagavam os mamarrachos a peso de oiro.

Blasco não era homem a quem atormentassem as vozes do mundo. Foi vendendo os Murillos, foi-se desembaraçando dos Velasques, até que se voltou para o commercio dos objectos antigos; e desde então choviam-lhe como por encanto os espadões lavrados e os leques de Maria Antonieta. Já não havia tio padre, nem mesmo tio cardeal que podesse servir de explicação ao que se passava em casa d'este homem singular.

O bazar foi augmentando, e quando eu o visitei, estavam as paredes de alto a baixo cheias de quadros de todas as dimensões, as mesas carregadas de estatuetas de bronze, e de bonecos da China, os armarios repletos de leques e de espadas ferrugentas, e pendurada á cabeceira do leito conjugal uma durindana de tres metros, que fôra nada menos que do Grão-Capitão.

Gustavo Blasco tem todos os caprichos de um colleccionador. Come em pratos arabes, bebe o vinho por uma amphora, veste cabaia de seda azul bordada, e cobre a calva com um bonésinho de palha dos pretos de Moçambique.

Um dia viu que o negocio das antiguidades ia em decadencia, e resolveu mudar de rumo. Não havia compradores para os quadros antigos? Era fazel-os novos, mas fazel-os elle mesmo, que sabia tanto de desenho e de pintura como Philippe de Macedonia podia saber de mazurkas.

Era preciso escolher o genero. Devia ser o historico? Devia ser o de paizagem? Primeiro hesitou, depois resolveu-se por todos, e destinou um dia para cada genero.

Aquelle em que o visitei era o destinado aos quadros de natureza morta. Era um gosto vêl-o. Sobre quatorze cavalletes estavam collocadas outras tantas telas preparadas de vespera pela

criada. Antes do almoço desenhava-os a todos. Aqui uma melancia a tombar sobre a cabeça de um coelho e uma fatia de queijo suspensa no espaço, entre o ceo e a terra, como coisa que vem ou que vae; acolá um melão em talhadas, tres limões no primeiro plano e uma faca de cozinha cortando os ares. O forte do artista eram as melancias, e o forte do negocio tambem. No mercado dos comestiveis, que é a exposição constante das obras d'este genero, tanto em Sevilha como em Cadiz, quadro sem melancia não acha olhos que o vejam, nem dinheiro que o compre.

Depois do almoço tratava-se do colorido. Primeiro os encarnados a começar pela direita e a acabar pela esquerda; depois o verde claro em todos os limões; em seguida fazer surgir os crystaes transparentes como a folha de Flandres. Antes do jantar iam os quadros para a secca; tres dias depois vendiam-se no mercado a razão de dezoito tostões cada um, com moldura doirada; quadros de um metro de comprido por sete decimetros de alto.

No dia seguinte passava da natureza morta para a natureza divina. Eram então Christos de joelhos e deitados, Nossas Senhoras de pé e a cavallo, S. Josés de todas as côres e em todas as posições. Estes orçavam por dois mil réis, attento o trabalho das roupas fluctuantes

como o ferro fundido, e das carnes que eram sempre um conjuncto de leite e rosas.

A sexta feira era o dia destinado aos retratos, annunciados a dois duros por pessoa, de tamanho natural com accessorios de phantasia. Enchia-se-lhe então o *attelier* de mulheres que elle retratava pelo mesmo systema dos quadros de natureza morta: as brancas para um lado, as morenas para o outro; traços geraes nos narizes; d'uma assentada a expressão de doze olhos, uns longes de olheiras para as da direita, uns toques de vermelho para as da esquerda; aqui uma pincelada na orelha, alli duas rugas na testa, e quem tivesse algum signal na cara que o declarasse, porque o pintor não adivinhava, nem tinha tempo para bagatellas.

Findo o trabalho, Blasco jantava socegadamente, com a consciencia de haver cumprido a sua missão sobre a terra, e deitava-se a dormir a sesta.

Uma vez de tarde batem-lhe tres argoladas á porta da rua; Blasco, que morava no terceiro andar, levanta-se estremunhado e chega á janella. Era um sujeito, e o seu criado com um retrato de mulher, obra do artista.

—Quem é? pergunta Blasco.

—Senhor D. Gustavo, grita o sujeito, este retrato não se parece com minha mulher. Então

Pascoala tem estes olhos e esta bocca? E apontava para o retrato, que o moço tinha levantado á altura da cabeça.

O artista esfrega os olhos e responde:

—Faça favor de dizer a D. Pascoala, que por dois duros não posso dar senão um ar de familia.

XXXVII

EU E O IMPERADOR DA CHINA

Quando fui a Sevilha para assistir ás festas da Semana Santa que attrahem curiosos de todas as partes do mundo, inclusivè de Portugal, achei occupados todos os hoteis, casas de hospedes e quartos particulares.

Não havia uma cama devoluto. Milhares de pessoas do povo tinham que dormir nas ruas e nas casas da guarda; mais de um inglez se via obrigado a deitar-se sobre uma mesa, ou antes debaixo de uma mesa em qualquer botequim, abraçando o chapeo de sol com extremos de ternura.

Eu podia dormir muito commodamente como

qualquer inglez; faltava-me porém o chapeo de sol e a mesa. Salvou-me Gustavo Blasco, o excentrico colleccionador, que me offereceu cama e ceia. Este feito de amabilidade conserval-o-hei eternamente gravado na memoria. Cheguei a perdoar-lhe o mau gosto do bonésinho de palha e da amphora para o Val de Peñas.

Depois de percorrer as barracas, e de assistir a um espectaculo de theatro ambulante, entrámos em casa cheios de poeira e de somno. A ceia foi frugal mas animada; o meu bom amigo abriu uma botelha do amontilhado, e fez mais do que abril-a, porque a bebeu toda. Eu sentia-me de tal maneira reconhecido aos seus favores, que o achava cada vez mais intelligente e mais divertido. Falou-me de Phydias, de Venus, de Milo, e de Sophocles, e n'um impeto de enthusiasmo por Anachreonte mandou ao filho que lhe desse uma garrafa de Mansanilha.

—Bebe muito, disse-lhe eu, não lhe faz mal?

—Não, não bebo muito, isto é um extraordinario. Todos os dias bebemos..... quanto bebemos, filha? dirigindo-se á mulher.

—Uma garrafa ao almoço e outra ao jantar.

—Veja o amigo, accrescentou elle, um litro a cada repasto, e note que somos tres á mesa.

—Mas naturalmente a senhora e o menino bebem pouco.

—Minha mulher não o prova, e o chico é pequeno de mais para começar.

—Senhor Blasco, exclamei eu, pode-se dizer de v. o que Plutarcho disse do avô: quando bebe, o seu espirito assimilha-se ao incenso que o calor faz evaporar, e que exhala um perfume suave.

O quarto que me destinaram era um bazar de productos chinezes. Ao centro a cama improvisada sobre dois bahús vermelhos, com guarnições de metal amarello; á roda, sobre varios *etageres*, figuras de mandarins, lorchas de marfim e de sandalo, ventarolas de seda, e caixas de xarão.

Deitei-me, adormeci, e sonhei um entre-acto comico no celeste imperio.

Eis aqui o que eu sonhei:

Não podendo conter os desejos de ver o imperador da China, embarquei para Macau, e de lá segui na direcção de Pekin. Procurei um mandarim de botão de oiro, e expuz-lhe o glorioso motivo da minha viagem. O mandarim fechou os olhos d'amendoa, e contrahiu os labios n'um sorriso de desdem. Insisti, interroguei-o, e o homem dignou-se dizer-me que se os mesmos filhos do paiz não tinham direito de pôr a vista, nem por acaso, na imperial figura, era um absurdo insistir no meu intento. Explicou-me mais o

mandarim que na passagem de sua magestade pelas cidades ia elle cuidadosamente fechado no seu vehiculo, e apezar d'isso todas as janellas nas ruas do transito deviam estar cerradas, e o povo que avistasse o cortejo tinha obrigação de se deitar e de pôr a cabeça em terra. Fiquei sabendo tambem que ha em Pekin mais de um *Miguel Alcaide* com a obrigação de fazer cumprir esta lei.

Pois apezar de tudo isto não desisti, e a idéa de ver o imperador me incitava cada vez mais. O filho do sol era para mim o pomo vedado; elle que nem se deixava mostrar aos embaixadores das nações amigas, havia de me ver e de me falar.

Dirigi-me a um capitão das guardas do palacio, que me quiz prender, mas dei-lhe alguns copos de cognac, adormeci-o e consegui introduzir-me n'um corredor humido e sombrio; segui, entrei n'um pateo interior que tinha a apparencia de um saguão pouco vigiado pelos delegados de saude, forcei uma porta, subi uma escada ingreme e achei-me n'um jardim que me alegrou a vista e o olphato; do jardim passei a um gabinete adornado com opulencia real. Um coxim de seda azul bordado de oiro fez-me suppôr que me achava nos aposentos de sua magestade.

Eram oito horas da manhã. Senti ruido no quarto contiguo, conheci que alguem se dirigia para alli, e escondi-me atraz do primeiro movel que encontrei. Vejo abrir-se então uma porta, entra um figurão de cabaia, e sinto que se espalhã no ar um aroma delicado de chá hysson; o figurão atravessa solemnemente a sala, dirigindo-se á janella fronteira, abre as persianas, fita o sol e diz, estendendo-lhe a mão:

—Sua benção, papá!

Não ha que ver, é o imperador; posso vêl-o em domestico abandono, sinto-me contente.

O monarcha principia a passear pela sala em diversas direcções e com a lentidão de quem soffre de gota.

N'uma das voltas dá com os olhos em mim, estaca como se fôra fulminado por um raio e exclama:

—Oh!

Eu fico petrificado e não exclamo. Segue-se um momento de silencio; por fim atrevo-me a dizer-lhe:

—Venho da Europa, imperial senhor.

—Vaes morrer, diz elle seccamente.

—Pois mande-me matar, se assim o quer, mas saiba que mata o segundo homem do mundo.

—Que!? O segundo homem!?

—Sim, celeste senhor. Vossa magestade é o primeiro homem do mundo.

O monarcha encolhe ligeiramente os hombros, como quem ouve uma vulgaridade.

—Pois bem, continuo, se vossa magestade é o primeiro homem do mundo, o que será aquelle que vem aqui, de Lisboa, arriscando a vida, só para ter a honra de o ver? Se não é o segundo, diga-me vossa magestade o que é?

Conheço que estas palavras impressionam o monarcha, que se assenta commodamente no coxim, e me diz:

—Morto serás tu; não contes com a cabeça para nada; mas levantei-me hoje contente, e quero divertir-me um momento. Dizes-me que vens de Lisboa?...

—Sim, meu senhor.

—Conheço Lisboa.

—Vossa magestade conhece Lisboa!? exclamo no maior grau de admiração.

—Conheço-a pelos jornaes; eu costumo ler os periodicos de todos os paizes.

—Havia de contal-o a todo o mundo, se eu podesse levar a cabeça pelo menos até Badajoz.

—Dize-me, que tal achaste Pekin, barbaro!

A esta palavra barbaro, sinto subir-me o sangue ao rosto, tenho vontade de dizer alguma coisa forte, mas contenho-me.

—Quer vossa magestade que eu diga que tal achei Pekin?

—Sim, a capital do celeste imperio.

—Mas, vossa magestade quer franqueza?

—A verdade.

—Pois bem, gosto mais de Celorico de Basto. É feia, e pelo que diz respeito a asseio, atravessei as ruas principaes com um frasco d'agua de colonia apontado ao nariz.

—Com que Lisboa é mais limpa!

—Mais limpa não é a expressão; é limpa.

—Observaste que ás ruas de Pekin lançam os habitantes as immundicies?

—Sim, meu senhor, observei.

—Ora quando na tua formosa cidade se fazia outro tanto, era boa a saude publica; foram os modernos, limparam as ruas e sujaram a gente. Em Pekin os medicos são uns ociosos, que nem eu sei de que vivem; não estou resolvido a darlhes que fazer.

Eu não disse uma palavra para não ser desagradavel a sua magestade.

—Agora dize-me, barbaro, que te parecem os costumes da China?

—Os costumes da China.....

—Sim.

—Eu não estou ao corrente d'isso, imperial senhor, lá na Europa tem-se esquecido de abrir

uma cadeira nas universidades para os costumes da China; mas, por exemplo, a polygamia parece-me coisa sem defesa.

—Parece-te?

—A mim, e a toda a gente civili.... barbara, quero dizer.

—Mas as estatisticas que todos os governos da Europa publicam dão um numero muito maior de mulheres que de homens.

—E então?

—E então, é que na China dá-se o mesmo caso. Immoral é dar uma só mulher a cada homem, quando a natureza lhe concede quatro ou cinco.

—Mas.....

—Mas o quê? Ajuntem-se aquelles que teem horror ao matrimonio, e o que vemos na Europa? Por uma que se casa ficam sete solteiras, pelo menos. Que dizes, barbaro?

—Nada, imperial senhor.

—Pois digo eu. Se no estado d'essa chamada civilisação, a mulher depende do homem, dêem a cada um quantas metades legaes elle reclame, ou então emancipem a mulher. Fizeste um gesto, barbaro?

—É illusão de vossa magestade.

—Que dizem lá pela Europa da minha pessoa?

—Ora, que dizem?

—Fala.

—Dizem que isso de ser filho do sol....

—É ridiculo?

—Eu não me atrevia.....

—Será ridiculo, mas explica-me o direito divino com que se governa lá pela Europa.

Ia a responder, quando o monarcha fixa os olhos no frasco de *cognac* que eu tinha a tiracollo, e faz gesto para que me aproxime. Digo-lhe que é um licor excellente para exaltar a imaginação; digna-se sua magestade beber um trago, lambe-lhe os augustos beiços e toma posse do frasco. Vão-se-lhe incendiando as faces, e os olhinhos passam de amendoa a pevide. Cobro animo, e principio a contar com a propria cabeça.

—É bem ridiculo esse trajo, me diz o monarcha rindo, para que servem esses dois botões atraz? Os de diante comprehendo que são para abotoar, mas os outros.....

N'este momento sou despertado pelo meu illustre antiquario; apalpei a cabeça e respirei. Podia contar com ella por mais algum tempo.

XXXVIII

PELAR LA PAVA

Chamam os hespanhoes aos coloquios dos namorados *pelar la pava*, que traduzido em portuguez quer dizer — depennar a perua. Em toda a Andaluzia, mal começa a anoitecer, todos os dialogos que se ouvem claramente da rua para os balcões não são outra coisa mais que um depennar de peruas para os banquetes nupciaes.

O leitor vae ouvir em poucas palavras a engraçada historia da perua que deu origem a esta locução popular, que já figura em um ou outro diccionario da lingua hespanhola.

Passou-se o caso ha muito tempo, em sitio indeterminado como nas magicas, mas no terri

torio do reino vizinho. A tia Rosario e o tio Paco são dois aldeãos honrados, senhores de uns palmos de terra que amanham, e de uma filha de dezoito annos que adoram, Joaquina, rapariga talhada pelo molde das heroinas de entremez bucolico, ou antes são as virgens do entremez talhadas pelo molde de Joaquina. Viva, corada, de mão fina e pé pequeno como o das senhoritas da Andaluzia, era o enlevo dos rapazes da terra, e a inveja das raparigas da mesma edade.

Illuminavam aquella formosura sadia e robusta um par de olhos tão negros como não havia outros em quatro leguas de circumferencia; mas o que n'ella prendia mais que os olhos era a graça e a vivacidade do espirito. Lidava sempre, desde o romper do dia até ao bater das trindades, sem se cansar, alegre sempre, cantando seguidilhas de propria composição, que os rapazes decoravam e cantavam ás horas do trabalho, e á noite dançando ao pé da fonte ou sentados á lareira. Era um gosto vêl-a a correr logo de manhãsinha, de casa para o quintal, e do quintal para casa, a cuidar das gallinhas, e dos paes; a deitar o milho a umas e a aquecer o cafésinho para os outros; depois a cortar a hortaliça para o jantar, e a varrer a casa, e a sacudir o pó, e a trepar-se ás cadeiras para lavar

os vidros. Era uma joia no conceito universal, formosa sem senão, thesoiro para um marido futuro, estrella para os solteiros de então.

—E não tem namorado, Joaquina, diziam todos com admiração. Desdenhosa, chamavam-lhe as raparigas da aldeia; soberba, porque tem uma cinturinha airosa, porque todos lhe chamam bonita, já pensa que ninguem a merece. Se os rapazes não fossem tolos, se deixassem de andar de bocca aberta em roda d'ella, já o caso mudaria de figura. Perdem-na com mimos; parece que não ha na terra outros olhos negros, nem outros pés que se possam fechar na mão de um homem. Naturalmente é principe encantado que ella espera d'algures; emquanto elle não vier, não teremos bodas em casa do tio Paco. O peior é que o noivo tarda, e quem soffre são as outras, as que não querem ficar para tias. Emquanto aquella mão não tiver dono, não ha quem deite olhos de amor para vinte mãos direitas que já parecem esquerdas.

E assim era. Á noite reuniam-se os rapazes em casa do tio Paco, havia raparigas tambem, e bonitas e com graça, mas todas as attenções eram para a Joaquina, para Joaquina as quadras que se improvisavam, as flores e os requebros, tudo, tudo para Joaquina. Ás vezes, quando não havia dança, e quando Joaquina não

animava a conversação, ficavam aquelles infelizes para alli mudos e tristes como se estivessem n'uma visita de pezames.

Joaquina não era vaidosa como as outras lhe chamavam. Não sonhava com principes encantados, nem sequer pensava nos senhoritos da cidade. O que queria era um marido vivo e alegre como ella, e não achava entre os pretendentes um só que lhe agradasse; todos lhe pareciam bisonhos. Tambem os pobres, ainda que Deus lhes tivesse dado alguma graça, ficavam tão estupidos quando se chegavam a ella, que não diziam senão disparates. E é que já não havia remedio; os rapazes chegaram a perder a coragem, e se elles não tinham confiança em si, Joaquina por sua parte não tinha confiança n'elles. A mulher tem o instincto de conhecer o valor com que os pretendentes se lhe aproximam. Mal comparado, é como as feras em presença do seu domador: se este as fita d'olhar firme, agacham-se; se elle vacilla, saltam-lhe ellas ao pescoço. Os rapazes tremiam, Joaquina humilhava-os. Eram insignificantes, e para o amor não ha peior titulo que o de insignificante; antes ser mau. A mulher pode ter a vaidade de querer regenerar os maus, mas o que não tem é o capricho de elevar os tolos.

Um dia chegou á terra um aldeão para esta

belecer-se alli, em consequencia da herança que teve de um tio padre que lhe deixara uma boa lavoura. Este aldeão tem vinte e cinco annos, não é mais rico nem mais guapo que duas duzias d'elles nascidos na terra, adoradores infelizes de Joaquina, mas tem a vantagem sobre todos elles de ser novo alli. O recem-chegado chega com a audacia da juventude, e como não tem o habito de tremer ao olhar da rainha da aldeia, fala-lhe de egual para egual, não baixa os olhos quando lhe fala, canta-lhe com voz firme as malaguenhas que lhe dedica, e se um dos dois córa não é elle. Os aldeãos conhecem desde logo que o rival é perigoso, e se não tinham valor quando não havia annuncios de guerra, o que farão agora com o inimigo á vista? Vão-se retirando covardemente; hoje um, ámanhã dois, e por fim todos.

Uma vez, depois do jantar, díz Joaquina á mãe:

—Ai! *madre mia*, não sei o que tenho.

—Fez-te mal o *gaspacho*, hija de mi alma?

—Não sei o que é; a modo que sinto uma coisa nova em mim.

—Uma coisa nova em ti! Fala, Joaquina, que me dás medo.

—Descansa, mulher, sinto coisa nova, mas não é má.

—Não te explicarás, rapariga?

—Conheço que isto vae levar volta e grande; Pepe é o diabo.

—Pepe! Que me contas? Tão bom rapaz, com tanta graça!

—Pois ahi está o peior da musica; a graça d'elle é que me traz a cabeça á roda.

—Entendo!... Com que!...

—Basta de contos, *madre mia*, se te não digo tudo, dou um estoiro que espanta a povoação. A gente não anda n'este mundo senão para se casar, tudo o mais são frioleiras. Tenho dezoito annos, Pepe tem vinte e cinco, o que tem de ser seja.

O tio Paco foi informado do caso, ajusta-se o casamento, prepara-se o enxoval.

Duas semanas antes do dia marcado para a ceremonia na egreja, era um domingo de festa em casa do tio Paco. Haviam chegado dois compadres que se demorariam quinze dias na aldeia para assistirem ás festas do matrimonio. N'esse domingo da chegada era preciso dar-se-lhes um jantar succulento. A tia Rosario andava n'uma azafama, e não lhe chegava o tempo para tanto que tinha que fazer. As horas não corriam, voavam, e tudo estava ás costas da pobre velha. O marido andava pela aldeia a entreter os compadres, e Joaquina não tinha a actividade dos

outros tempos. Pepe estava sentado á porta da casa improvisando quadras ao som da guitarra, e quanto á noiva não havia forças humanas que a arrancassem d'aquella porta.

Deram onze horas e tudo estava em principio. Como se podia jantar ás duas, se ainda a perua, um gordo e soberbo animal, estava por depennar sobre a mesa?

—Onde estás, Joaquina?

—*Madre mia*, que me queres?

—Basta de amores, por agora; não fazes nada, vê se me ajudas; que dirá teu pae se o jantar não está prompto á hora marcada!

—Que precisas, *madre mia?*

—Vê se me depennas n'um momento aquella perua.

—Sim, *madre mia*, mas eu só não darei conta da obra em menos de uma hora; tenho lá força para arrancar as pennas ao bruto em menos tempo!

—Se ella é tão tenra, e tão nova.

—Já não me fio em peruas novas; uma hora pelo menos, se não ha alguem que me ajude.

—Quem queres tu que te ajude? eu d'aqui não me posso arredar.

—Está alli Pepe, que não tem nada que fazer...

—Pois sim, atirem-se os dois á perua, mas não se demorem, que ha mais que fazer.

Pepe larga a guitarra e pega no animal pelas pernas; os noivos vão para o quintal, e debaixo d'uma parreira que dá sombra, sentam-se no chão em frente um do outro.

Era um dia de primavera dos mais formosos que Deus tem mostrado a este mundo; os passarinhos cantavam nas arvores um côro de amorosa alegria; ao pé dos noivos corria a agua da fonte; os jasmins perfumavam o ambiente. Tudo falava ao coração, menos a perua que falava ao estomago. Os noivos olharam-se d'um olhar profundo e estiveram assim silenciosos n'um extasi de ternura que os fez córar aos dois. Pepe largou a perua para apertar as mãosinhas de Joaquina; depois falaram em voz sumida, repetiram os protestos do seu amor eterno, e communicaram as esperanças que lhes enchiam as almas.

Eram onze e meia, e ainda Pepe não havia largado as mãos de Joaquina para as deitar ás pennas da perua.

—*Muchachos!* grita a tia Rosario da janella, vem isso ou não vem?

A esta voz despertam os noivos do sonhar acordado em que se achavam.

—*Madre mia*, responde Joaquina, ainda não está depennada; bem dizia eu que a obra não era para um só.

—Vejam se acabam, não tarda ahi teu pae.

Ao pegarem os dois na perua, e ao abaixar Joaquina a cabeça, quiz o acaso que os cabellos da noiva roçassem pelos labios de Pepe. Quem estivesse a pouca distancia ouviria talvez um beijo sobre aquelles cabellos tão negros como os olhos d'ella, e a perua que já ia no ar, caiu por falta de mãos que a sustivessem. Novos momentos de ternura, novos extasis de amor, e o devanear de duas phantasias com esquecimento do animal empennado.

Dá meio dia, sôa uma hora, entram os tres compadres em casa, e tio Paco pergunta se o jantar vae em bom caminho. Rosario já se havia esquecido dos rapazes e da perua.

—Santo Deus! exclama ella; e a perua que ainda não está a cozer!

—Que dizes, mulher? Ainda a perua não está a cozer?

—Se aquelles *muchachos* ha uma hora que sairam para a depennar, e nem novas nem mandados.

—*Muchachos!* grita Paco, e a perua?

Despertam outra vez os noivos.

—*Padre mio*, responde Joaquina, estamos aqui a derriçar por ella, e não ha sacar-lhe uma penna; se a maldita tem os canos tão duros!...

Ás duas horas ainda o animal tinha todas as

pennas com que soltara o derradeiro suspiro. Que fazer? Jantar sem perua; não havia mais remedio. Á mesa, depois do mansanilha, veiu o caso á discussão.

—Está visto, diz um dos compadres, se queremos perua para as bodas, será preciso que os muchachos principiem já a depennal-a.

Sobe o sangue á cara dos noivos, trocam entre si um olhar de ternura, e não dizem nada para os compadres, mas para elles disseram em silencio:

—Esta perua não vae inteira á panella, na memoria dos dois resurge e vive.

Depois d'este caso, que, como disse, se passou ha muito tempo, imagine o leitor quantas peruas não teem sido depennadas na superficie da terra, no campo, nas salas, da rua para a janella, de um telhado para outro telhado!

É preciso passar algum tempo em Hespanha para se saber o que é *pelar bien la pava*, ás vezes pelos modos mais extravagantes. Alguns encontrei eu de noite, nos sitios menos transitados, estendidos na rua de bocca para baixo, falando ás namoradas pelas gateiras; imagine-se em que posição estariam ellas tambem!

Gloria pois aos primeiros noivos que ensinaram ao mundo como se depenna uma perua quando ella tem os canos duros.

XXXIX

EM BORDEOS

Quer a sorte que eu encontre em circumstancias anormaes as terras em que tenho de me estabelecer. Em Hespanha achei um governo de transição e assisti ás alegrias do povo depois de uma grande conquista; em França um governo provisorio tambem, mas em vez de alegrias, o lucto e a dôr que ficaram como despojos de uma guerra que assombrou o mundo.

Bordeos, dedicada á agricultura e ao commercio, é uma terra d'ordem. As lutas dos partidos não encontram ventos propicios n'esta atmosphera de prudencia e commodidades a que a população está afeita; o *bonet rouge* desbota an-

tes de chegar á Gironda; mas apezar d'isso as desgraças soffridas tinham deixado sulcos indeleveis no coração d'esta gente, tão patriotica como o resto da França.

E o mais é que não ha nada tão opposto ás heroicidades do patriotismo, como os regalos da vida. A historia ensina que são os povos menos civilisados os que defendem com maior bravura o solo em que nasceram. As alcatifas, os fauteuills de veludo, o pastel de *foi-gras*, e o uso immoderado do Lafitte, tornam a gente mais propensa para a gota que para a guerra; por isso é que eu admiro a pertinacia e o valor com que os francezes defenderam a integridade do territorio, e sustentaram as glorias das suas armas. Se não os coroou a victoria, corôa-os a sympathia de todo o mundo.

Quando atravessei pela primeira vez a França, alegrou-se-me a alma ao ver os campos verdes, e o ceo a sorrir sobre a vegetação magnifica. Era um espectaculo de paz e de felicidade a contrastar com as impressões que os ultimos acontecimentos tinham deixado em mim; mas ao entrar em Bordeos o aspecto severo e triste da cidade pareceu-me traduzir a desgraça que estava affligindo o povo francez.

Bordeos é uma grande cidade, rica de edificações e estabelecimentos commerciaes: tem

ruas larguissimas, passeios elegantes, e monumentos dignos de serem visitados. Entre os theatros occupa o primeiro logar o *grande theatro* de Bordeos, levantado no logar mais central da cidade, na praça de *la Comedie;* um edificio notavel, talvez o theatro mais rigorosamente architectonico da Europa. A fachada, o vestibulo e as escadarias são de um estylo severo e imponente, fazendo lembrar as edificações mais afamadas da architectura antiga. A sala dos espectaculos é cercada de columnas que assentam no solo e terminam na ultima ordem sustentando o tecto. Entre essas columnas estão as differentes ordens dos camarotes, em forma de sacadas. Dizem os entendedores que é esta a forma mais conveniente para a verosimilhança da scena, porque o espectador pensa assistir da sua janella aos acontecimentos da vida real que se passam sobre o palco. Representa-se n'este theatro a opera franceza, as peças do repertorio italiano cantadas em francez por artistas francezes. Ora sendo verdade o que dizem os taes entendedores, a natureza dos espectaculos destroe a illusão que as sacadas devem produzir nos espectadores, porque não ha coisa menos natural que uma opera.

O jardim das plantas se não é o mais rico, é sem duvida o mais elegante da França. É

uma maravilha de vegetação, de arte, e de bom gosto no meio da cidade. Um rio artificíal o atravessa na maior extensão, ora estreito a serpentear por entre os salgueiros, ora espaçoso como uma bahiazinha; aqui uma ponte de ferro, acolá outra de madeira tosca; aqui uma ilha assombrada de arvores enormes, alli uma queda de agua copiada do natural. No inverno de 1871, quando os jornaes de Lisboa enchiam de espanto os leitores porque o thermometro estava a tres graus de calor, eu aqui, a quatorze abaixo de zero, assistia d'entre as pelles do meu paletó ao exercicio dos patinadores no rio d'este passeio, e enviava um suspiro saudoso ao clima da patria.

As bordelezas são formosas, elegantes e sadias. Trajam quási com tanto luxo como as parisienses, e pouco lhes faltará para as egualar em distincção. E' uma especie inteiramente opposta á das gaditanas. Aqui os ares são outros, e a cozinha não é a melhor para produzir as faces transparentes que enthusiasmam os poetas. Estas vinhas privilegiadas, estes *chateaubriands* succulentos e gratos ao paladar das virgens, arredondam-lhes as formas, e dão-lhes á physionomia mais vida e mais saude que a desejada pelos vates. A graça e a elegancia das mulheres n'uma terra vinhateira como esta não podia

deixar de ter alguma coisa da graça e da elegancia das nossas compatriotas do Porto. Não é impunemente que se bebe o *Laffitte* com frequencia, e eu não creio que as donzellas de Bordeos queiram voltar as costas ao primeiro castello do mundo, e levantar os olhos da alma para a vida invisivel; entre o conhecido e o desconhecido preferem aquelle e teem razão; não amanhecem de olheiras fundas, não enthusiasmam os vates descarnados; mas a verdade é que os poetas aqui tambem não se contentam com a agua crystalina, nem com as brisas da madrugada.

Alludi ao primeiro castello do mundo e não me desdigo. O *chateau Lafitte* deixa no escuro todos esses castellos que as chronicas celebram, museus cheios de reliquias, mansões de sombras que empallidecem os mortaes, santuarios de antepassados que comiam mal e bebiam peior. O *chateau Lafitte* não tem bosques sombrios, nem columnas derrocadas pelo tempo, nem eccos mysteriosos que repitam ainda as chacaras de alguma noiva do seculo XII. Nada d'isso. Á roda do castello perde-se a vista nos vinhedos que o cercam, e dos antepassados vem-nos á memoria não as costellas, mas os estomagos que essa terra tem regalado. De quem devera ser este castello senão do primeiro homem do mundo? O

barão de Rotschild comprou-o, e desinvolveu n'elle uma parte da sua actividade. Tal castello, tal castellão. Lá se acham, vi-os eu, os pergaminhos que attestam a antiguidade de um, e a nobreza do outro: são milhares de garrafas archivadas com devoção, e que hão de falar mais alto que as chronicas de outra casta de castellos.

Conhece-se aqui que o rei do mundo é o dinheiro; um castello não circumdado de vinhas, qualquer que fosse a sua historia, seria como um paralytico no meio de todas essas edificações de que o Médoc está cheio. Quem compraria um phantasma similhante, enegrecido pelos seculos, e improductivo como a vinha que o mal persegue? Rotschild, que no dizer de Garrett faz a sua *Illiada* com o dinheiro, riu-se dos castellos do passado e decidiu-se pelo Laffite, que é castello do presente.

Em melhores circumstancias do que eu, não concedo que alguem haja visitado Médoc. A companhia de dois bons amigos, o capitão de fragata da armada peruana, D. Guilherme Pareja, e o consul de S. Salvador em Bordeos, o senhor de Charpentier, um dos mais ricos proprietarios em Médoc; uma manhã de outono deliciosa, o ceo claro e atmosphera fresca, e um almoço digno de todos nós no soberbo castello

de Lormon, onde nos esperavam algumas senhoras formosas. Pois de Médoc conservarei simplesmente a recordação das senhoras, dos amigos, da manhã, e do almoço, porque não achei nada que me falasse ao espirito. Por toda a parte a mesma monotonia das vinhas que parecem dizer aos estrangeiros: melhor é beber-me que admirar-me.

Não acontece o mesmo em outros pontos do departamento: nas cercanias de Libourne, por exemplo, onde se descobrem paizagens deliciosas, arvores esplendidas, terrenos pittorescamente accidentados, por onde serpenteia o rio Dordonhe, cujas margens em mais de um sitio me trouxeram á memoria as do nosso Mondego.

Entre os innumeros castellos d'este departamento, muitos ha de magestosa elegancia, construidos de pedra branca em varios estylos e todos ostentando torres pyramidaes de pozolana negra. O interior d'estas soberbas habitações rivalisa em luxo e bom gosto com as mais ricas da cidade. N'umas vivem todo o anno os proprietarios, n'outras passam elles simplesmente a estação calmosa.

O aspecto sombrio de Bordeos provém da côr escura da pedra com que os predios se construem; ás paredes falta a alegria das casas de Lisboa e de Cadiz, mas lucra a vista com isso; o es-

trangeiro habitua-se facilmente ao tom severo da cidade, e não se vê obrigado a resguardar os olhos em redomas de vidro azul. Passados os primeiros dias já me parecia menos triste Bordeos. Ha verdura em todas as praças e nos boulevards espaçosos que cortam a cidade em direcções differentes; e a verdura beneficia a atmosphera e alegra a vista. O jardim publico é o ponto de reunião de toda a sociedade de Bordeos: no inverno das tres ás seis da tarde e no verão das oito ás dez da noite. O *cours d'Intendence*, que corresponde ao nosso Chiado, as praças de Tourny e de Quinconces, são logares constantemente frequentados pelos passeantes, onde as senhoras ostentam as toilettes, visto não haver aqui passeio de carruagens como em Madrid e em Paris. N'uma terra como esta, onde as ruas são espaçosas e os predios elegantes, onde ha vegetação magnifica, onde as senhoras são formosas e não se escondem, creio que é facil acclimar-se um estrangeiro.

Bordeos, antigamente capital da Guienne, e hoje do departamento da Gironda, foi por muito tempo a residencia dos duques de Aquitaine, que usaram primitivamente o titulo de reis. Durante muitos annos foram os inglezes os possuidores da Guienne, que Leonor d'Aquitaine, depois de ter feito annullar seu casamento com

Luiz, o joven, tinha levado em dote ao segundo marido, Henrique Plantagenet, rei de Inglaterra; foram porém expulsos d'este territorio pelos annos de 1451, e desde então ficou esta provincia definitivamente reunida á corôa de França.

Foi no anno 703 de Roma, que as cohortes de Vercingetorix, dispersas por Julio Cesar, fugiram para o meio dia dos gallos e lançaram os primeiros fundamentos de Bordeos. Esta cidade, que principiou por uma agglomeração de casas grosseiras, passou a ser uma cidade notavel logo que os romanos estenderam sobre ella a sua fecunda dominação.

A maior parte dos etymologistas entendem que o nome latino de *Burdigala* foi dado a Bordeos pelos romanos; Strabão porém tem por errada esta opinião, visto que Bordeos era já uma cidade populosa e commercial antes de pertencer aos romanos.

Ficaremos sem a etymologia de Bordeos se não dermos credito á opinião de um sabio que assegura ser *Burdigala* composta de duas palavras hespanholas—*burga* que significa villa grande, e *gala*, festa, asseio; sendo no principio *Burgo de gala* e pelo perpassar dos tempos *Burdigala*.

Como a maior parte das cidades do meio dia

da França, Bordeos soffreu cruelmente as invasões dos normandos, dos sarracenos e dos wisigodos. A cidade que os romanos tanto embellezaram e enriqueceram foi em differentes epocas incendiada e destruida, desapparecendo completamente, para dar logar a esta que é hoje uma das mais ricas da Europa.

Bordeos tem sido patria de muitos homens illustres: do poeta Ausone, de Miguel Montaigne, de Montesquieu, de Martignac e de tantissimos outros com que a França se gloría; mas a verdade, não sei se triste se alegre, é que a celebridade de toda essa gente não teria levado aos confins do mundo a fama de Bordeos, se estas vinhas não tivessem o condão de seduzir o paladar da humanidade.

A uma hora de Bordeos temos Arcachon, uma villa principiada hontem, alegre, excentrica, que o genio francez fez surgir como por encanto no meio de um pinhal, á borda da bahia mais grandiosa que tenho visto, uma bahia que é quasi um mar.

Todas as habitações de Arcachon são *chalets* suissos, formando ruas regulares, tão ligeiros, tão graciosos como esses que as gravuras nos representam. No centro e n'uma elevação que domina a villa está o *Casino*, em estylo chinez, cercado de jardins que se illuminam to-

das as noites durante a estação dos banhos. Tantos nos jardins como na grande sala do *Casino* ha concertos e representação de *vaudevilles*, que attrahem a concorrencia de todos os banhistas. A pouca distancia do *Casino* principia a villa de inverno, onde os que soffrem do peito vão passar os mezes mais frios de Bordeos, por que o clima é menos agreste alli. São *chalets* como os da outra parte de Arcachon, mas perdidos aqui e acolá por entre os pinheiros, e cercados de jardinzinhos que são ao mesmo tempo o enlevo e a occupação dos seus habitadores.

Tudo é excentrico em Arcachon. Figura-senos estarmos em Pekin ou em Yedo; só a formosura e a elegancia das bordelezas nos advertem que não saimos da França. Centenares de caleches ligeiras de ferro amarello, tiradas por um só cavallo, percorrem as ruas da baixa, conduzindo os passeantes á villa de inverno; e mais de um vendilhão de litteratura, com suas carroças cheias de livros, apregoam Victor Hugo a franco e Lamartine a sessenta centimos.

XL

ALMA E ESTOMAGO

A França tem uma profunda veneração pelos seus heroes e pela sua cozinha.

Creio que em nenhuma outra parte se presta um culto tão respeitoso aos que sobem acima do nivel commum; assim como creio tambem que não ha nação no mundo, onde sejam tão sabiamente estudados os segredos do paladar.

Em Bordeos ha um notavel monumento que o attesta—é a praça dos comestiveis, chamada *Mercado dos grandes homens*.

Um monumento para o espirito e para a materia. Mercado—eis a barriga; grandes homens—eis a alma da nação.

É um edificio enorme e elegante, de ferro fundido e crystal, de forma circular, onde se admira todos os dias uma exposição de quanto se destina ao estomago no grau mais elevado da civilisação.

Partem d'esta praça como raios do mesmo circulo cinco ruas que se denomínam:

Michel-Montaigne

Jean-Jacques-Rousseau

Buffon

Montesquieu

Voltaire.

São estes por assim dizer os oragos d'aquelle templo, onde se levantam altares ao genio e se facultam maravilhas á cassarola.

Desgraçado d'aquelle que se lembrasse de arremessar uma chufa a qualquer dos letreiros indicativos d'essas cinco celebridades! Maldito o que soltasse uma palavra de desdem aos abrunhos de Preignac!

Adorem-se os immortaes, e respeitem-se os melões *cantaloups;* porém nos casos extremos, entre os melões e os immortaes não faltará quem grite:—Voto pelos melões; vão-se os anneis, mas fiquem os dedos.

Alexandre Dumas era um exemplo d'esta dupla veneração. Com frequencia largava elle a penna para empunhar a colher dos saborosos

emprehendimentos, e se por todos os lados se espalhavam os admiradores dos seus livros, não lhe faltavam egualmente os enthusiastas pelos seus guizados.

Entre o escriptor e o cozinheiro havia alguns pontos de contacto. Nas differentes obras que lhe saíam das mãos eram parecidos o estylo dos dialogos e o dos molhos, estylo attrahente e picante que seduzia o leitor e o gastronomo. Ninguem poderá dizer ao certo qual d'essas manifestações do genio foi mais sinceramente celebrada pelos coevos; sei apenas que os *Tres mosqueteiros* não conseguiram franquear-lhe as portas do *Instituto*, e que o grande romancista esperava abrandar o rigor dos academicos, offerecendo-lhes um prato da sua salada. Infelizmente a morte roubou-nos antes de tempo este homem extraordinario.

É preciso viver em França para se ter uma idéa do que seja comer.

Todos andam melhor ou peior, porque a todos deu a natureza pernas para andar; a quantos porém é dado dançar como Saint Leon?

Todos se alimentam, porque obedecem a uma lei do Creador; mas dos que sabem comer é limitadissimo o numero.

O sabio Savarin, que fez da gastronomia uma sciencia, disse que os animaes se nutrem, que

o homem come, e que só o homem intelligente sabe comer; e eu accrescentarei que o homem intelligente só pode comer em Bordeos, porque a cozinha de Bordeos é a primeira da França, e a cozinha da França é a primeira do mundo.

O destino das nações depende da maneira porque ellas se alimentam, diz ainda o mesmo sabio Savarin, e aqui está explicado o glorioso papel que a França tem representado no mundo.

Este amor da patria que domina todos os meus sentimentos é que ainda me recorda com saudade a sopa succulenta, e esses adamastores de vitella assada que se levantavam sobre a mesa dos nossos maiores, os quaes adamastores poderiam dizer com o poeta das nossas glorias:

Converte-se-me a carne em massa escura.
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes musculos que vês e esta figura
Por este longo prato s'estenderam;
Emfim minha grandissima estatura
N'este famoso assado converteram;
Por cumulo de idéas insensatas
Me anda Ceres cercando de batatas.

Esta recordação saudosa porém não chega ao estomago, que se rege por leis especiaes.

Enganam-se os meus illustres compatriotas quando pensam que comem, porque teem cozinheiro francez em casa. Escripturaram o artis-

ta, mas falta-lhes a materia prima. A industria ingleza ainda não conseguiu egualar as porcellanas da China; das fabricas de França saem umas parodias ás cachemiras da India, e todavia não faltam áquellas industrias nem os grandes pintores, nem os bons fabricantes.

Onde vamos nós buscar estas favas que se comem cruas; estas ervilhas que se desfazem n'um perfume delicado?

Cuida-se aqui do comestivel desde a sua origem. O rabanete, o proprio rabanete recebe do cultivador umas attenções carinhosas que o tornam exquisito.

Mas n'esta terra não basta attender-se á essencia, é preciso tambem não descuidar a forma das coisas; e ahi está o motivo porque tem sido tão difficil a introducção da nossa ostra no territorio da França. A ostra portugueza é saborosa, é barata, mas não é elegante. Os francezes que a adoram n'uma casca ligeira, e sobre tudo as francezas que a volteiam entre os dedos com a graça de quem procura certa imagem no interior d'uma medalha, assustam-se ao ver os promontorios que o Tejo lhes envia.

Vão lá explicar a toda a gente estas secretas relações dos olhos com o paladar!

A França tem pois uma profunda veneração pelos seus heroes e pela sua cozinha; mas é pre-

ciso tambem confessar que está ás vezes em bem pouco a queda dos heroes e dos cozinheiros.

Conta-se de um d'estes ultimos que decaira da graça dos seus adoradores porque tivera um dia o mau capricho de lhes apresentar uma *omelette* em fritura de azeite.

Bovier tinha sido inspirado como Ovidio. Este ensinava aos inexperientes os segredos do amor; aquelle abrira sensações desconhecidas ao paladar. Os cartazes que pregava todos os dias á porta do seu *restaurant*, peças de verdadeira voluptuosidade culinaria, eram outras tantas lições da arte de comer, e, como o poeta latino, toda a sua gloria era que a humanidade exclamasse espalitando os dentes—Bovier era mestre.

Inscribat spoliis—Naso magister erat.

Pois não lhe valeram nem os dias dos passados triumphos, nem as esperanças que o seu engenho promettia. Estava escripto que seis ovos e um fio d'azeite lhe seriam rocha Tarpeia. Caiu para nunca mais se levantar.

Outro tanto esteve para succeder aqui em Bordeos a Victor Hugo.

Quando Paris, cercada pelos prussianos, dava um exemplo de abnegação e de patriotismo que

conquistava as sympathias de todo o mundo; quando se esperavam em Bordeos os representantes á assemblea nacional, que devia reunir-se no grande theatro, havia uma anciedade que mitigava um pouco a dôr geral: era a anciedade de ver e ouvir o grande poeta.

Elle que estivera vinte annos fora da França, sempre grande, sempre immenso, sempre venerado, vinha a Bordeos; todo o mundo o podia ver, todo o mundo lhe podia beijar a mão que escrevera os *Miseraveis*.

Á roda do grande theatro, estendia-se uma vez em alas dobradas toda a força militar de Bordeos para manter a inviolabilidade da assembléa. Ninguem podia atravessar as alas sem apresentar um bilhete de espectador ou de deputado. Chega um sujeito grosso, de barba grisalha, quinzena alvadia, e bonet da guarda nacional, pouco mais ou menos pelo estylo dos dos nossos cabos de policia. Pedem-lhe o seu bilhete, e verificam-no!!! O sujeito sobe as escadas do theatro e pára sob as columnas a contemplar a multidão que a tropa mal pode conter.

É Victor Hugo!

Uns dão *vivas* ao poeta, outros sentem arrefecer-lhes o enthusiasmo, não sei se em vista da quinzena se do bonet.

Havia de ser do bonet. Era lá verosimil um

bonésinho similhante n'aquella cabeça d'onde saira a *Notre Dame de Paris!*

E ha quem diga que Victor Hugo teve em Bordeos a sorte do cozinheiro Bovier.

XLI

VICTOR HUGO

Aquella cabeça que o publico de Bordeos viu por alguns dias affrontada pelo bonésinho da guarda nacional, revelou-se mezes depois grande como fôra sempre. O mesmo oceano immenso, ora tempestuoso levantando as impurezas entre as espumas, ora sereno como um lago a reflectir o azul do ceo.

Do *Anno terrivel* traduzi os seguintes versos:

Não, não! Se fôra Deus capaz de m'illudir
E como um logro vil a 'spr'ança m'entreabrir;
Se enganando-me a vista o abysmo m'acercasse;
Se a bussola me dera e emfim eu naufragasse;

Se os olhos da razão me falseara assim,
Eu, um pouco de sombra entre os astros sem fim,
Contra esse malfeitor invocaria os mundos,
E lh'assacara, eu só, nossos males profundos!
Tinha ahi todo o oceano onde lavar as mãos!
Deus me fizera errar, guiando meus passos vãos.
Eu seria o innocente, elle seria o culpavel.
Elle, esse ente immortal, infinito, impalpavel!
Eu fôra, vel-o-hia, e o prenderia apoz,
Qual se apanha no bosque um animal feroz.
E terrivel, cruel, indignado o fitara,
E aos seus raios fataes eu mesmo o abandonara.

Á filha de Theophilo Gautier, Judith Mendes, dedicou Victor Hugo quatorze alexandrinos que ficaram logo na memoria de toda a gente, e que eu verti para portuguez do modo seguinte:

AVE DEA, MORITURUS TE SALUTAT

A morte e a formosura, eis coisas bem profundas,
Encerram tanto azul, involvem sombra tal,
Que as julgareis irmãs, terriveis e fecundas,
Ambas do mesmo enigma e de segredo egual.

Ó mulheres, amor, tranças negras e d'oiro!
Vivei, eu morro! Amae, fulgi ao aureo dia!
Ó perolas que o mar ajunta em seu thesoiro!
Ó avesinhas d'abril na floresta sombria!

Encontram-se, Judith, o vosso e o meu destino;
Não o revelam, não, o vosso rosto e o meu;
Vós entreabris no olhar o pélago divino!

E eu o 'strellado abysmo occulto n'alma agora!
Cerca, bem cerca os dois, achamo-nos do ceo;
Posto que sois formosa e eu sou velho, senhora.

XLII

O TÊTE-A-TÊTE

É o *tête-à-tête* a parte mais difficil do matrimonio. Casar já é um passo grave na vida; perder espontaneamente a liberdade, quando toda a gente anda a batalhar por ella! Ha porém circumstancias que adoçam o sacrificio, e o exemplo dos martyres enche de animo os incautos. Depois ha meios para distrahir o espirito; as commodidades fazem o marido. Mas o *tête-à-tête!* O leitor comprehende toda a profundidade d'esta phrase armada em substantivo? O *tête-à-tête?!* O mundo chama a isto a intimidade no casamento; eu chamar-lhe-hei simplesmente o *tête-à-tête*.

Ha esposos que vivem unidos por espaço de trinta annos, sem que entre elles tenha havido uma hora de intimidade. É porque ha leis no mundo moral que se assimilham ás do mundo physico, e entre os corpos nem sempre se pode dar uma união completa. As substancias que se repellem dão idéa das antipathias entre os homens; os corpos que nem se repellem nem se attrahem, mas cuja configuração não permitte que se toquem em mais de um ponto, correspondem no mundo moral aos caracteres que não se amam nem se odeiam, mas que não se casam. O unico ponto em que se tocam é quasi sempre o interesse. Ha corpos que se tocam em muitos pontos, eis ahi a imagem dos espiritos que se comprehendem. Ha outros que se ajustam facilmente por todas as superficies, são os amigos. Ha outros emfim que se attrahem, e ahi está a imagem dos que se amam. Exceptuando os phenomenos de attracção e repulsão, temos aqui a base de uma sciencia nova que se poderá chamar — Geometria moral.

A sociedade é, por assim dizer, o fluido que conserva os caracteres a certa distancia uns dos outros, e que pelas leis da optica altera a forma de cada um. Dois indivíduos que se dão admiravelmente no meio da sociedade, não resistem muitas vezes a um *tête-à-tête* de duas horas. É

que no *tête-à-tête* não ha as illusões da optica, e é então que se encontram os angulos agudos que se oppõem á intimidade.

Imaginae dois corpos nadando no mesmo tanque, tocando-se ás vezes para se afastarem depois, e tereis a imagem de dois caracteres na sociedade. Tirae-os da agua e uni-os: ahi está o *tête-à-tête*. E' então, e só então, que podereis conhecer os pontos em que elles se tocam.

O *tête-à-tête* descobre os caracteres angulares, cuja união se torna impossivel. Ás vezes pelo roçar constante vão-se modificando os bicos, vão-se adoçando as arestas e fica o habito —a intimidade nunca. Entre duas pessoas que vivem juntas, que passeiam de braço dado todos os dias, que vão sempre como que trocando entre si os mais secretos pensamentos, ha muitas vezes um mundo que as separa. Em verdade trocam-se as palavras, mas não se communicam as idéas. Falam baixinho e sempre, dizem as coisas n'um tom de intimidade que as illude a ellas proprias; mas um acontecimento qualquer, um dito muitas vezes terá força de as separar para sempre como se nunca se tivessem avistado. Era o habito que as trazia enganadas.

Ora o *tête-à-tête* entre os esposos só vem ordinariamente depois de dado o nó indissoluvel, e ahi está porque o considero a parte mais pe-

rigosa do matrimonio. Na lua de mel os angulos, se os ha, teem a consistencia do *caoutchou*, e arredondam-se sob a temperatura do enthusiasmo; depois vae a atmosphera arrefecendo, vão endurecendo os angulos, e chega-se muitas vezes a um *tête-à-tête* horroroso.

N'estas circumstancias ha esposos que apenas se conhecem de vista. Pregados na mesma cruz os dois, mas cada um de seu lado, difficilmente podem confundir os olhares. Ás vezes a noite está de chuva, e a senhora queixa-se da garganta; o *tête-à-tête* é então infallivel. Um amigo, um conhecido qualquer, leal ou desleal, é como o maná sobre o povo de Israel. Para esses dois infelizes o *tête-à-tête* é o voltarete jogado por dois. Muitas vezes a Providencia não é surda aos desejos do marido e faz surgir um novo parceiro como caido das nuvens; a partida anima-se, mas se ha codilhos não é a visita que os paga.

Para o timido não ha supplicio maior que pôl-o *tête-a-tête* com a mulher que adora. Em publico vemol-o inspirado, falando claramente do amor, como quem o conhecê de perto; a sós com ella cerram-se-lhe os labios, e de intelligente que é, fica imbecil. E quando digo timido, não quero dizer covarde para todos os casos da vida. Ha sujeitos capazes de acceitar um duel-

lo por dia, de bater as palmas a um toiro, ou de no alto da tribuna desafiar as iras da multidão, e que a sós com uma mulher lhes falta o valor para dizer—amo-a. Será porque a mulher seja mais temivel que a espada, que o toiro, e que as multidões? Não. E' porque o *tête-à-tête* é para o timido o infinito da felicidade, e eu posso talvez applicar a este phenomeno a formula d'algebra que diz assim:—toda a quantidade que passa por infinito muda de signal.

Não conheço nada mais comico e penoso ao mesmo tempo que o *tête-à-tête* imprevisto. Um amigo lembra-se de nos enviar um cavalheiro, cujas qualidades celebra n'uma carta de apresentação, pede-nos que o hospedemos em nossa casa, que almocemos com elle, que jantemos com elle, que o acompanhemos a passear. E' exactamente então que nos falta o appetite, e que o espirito se nos mostra menos communicativo que nunca; mas é preciso comer e falar para obsequiar o amigo ausente. E' uma convivencia entre dois caracteres que muitas vezes não se chegam a tocar. A conversação entre os dois pode-se comparar a um moinho de vento, mas com pouco vento. Rangem as vergas; uma aragem tende-lhe os pannos por um instante; depois o silencio, e tornam a gemer

as vergas, e pannos e vergas ficam como estavam; só a paciencia é que ficou moida.

O *tête-à-tête* é tambem a pedra de toque das consciencias. Entre dois amigos que se falam alegremente na sociedade, ha muitas vezes alguma coisa que não lhes permitte ficarem a sós. Pode ser um peccadilho, uma deslealdade no tocante a mulher, por exemplo. N'este caso o encontrar dos olhos é uma difficuldade; o apertar das mãos, um martyrio; o *tête-à-tête*, um impossivel.

O habito faz tambem do *tête-à-tête* uma necessidade da vida. Como já disse, o roçar dos angulos pode adoçar as arestas, mas não produzirá a intimidade. E' o que se dava entre dois compadres em Sevilha. Havia quarenta annos que se juntavam os dois todas as noites, em casa do mais velho, e passavam agradavelmente das oito ás onze horas. Não havia chuva, nem vento, nem morte de parente, que interrompesse as *soirées*, e havia quarenta annos que entre os dois se passava invariavelmente a scena seguinte.

Ás sete e meia já D. Ramon estava sentado no seu gabinete, a luz no meio da mesa, e a poltrona esperando o compadre. Impaciente não tirava os olhos da pendula, e se o ponteiro marcava oito horas, chamava o criado, perGunta-

va-lhe se não tinham batido á porta, ou se o compadre D. Juan estaria doente.

Entra D. Juan e diz:

—Boa noite, compadre.

—Viva, pensei que não viesse.

—Encontrei aqui á porta um amigo.

Senta-se D. Juan. D. Ramon reclina-se satisfeito, e começa a reinar entre os dois o silencio dos sepulchros.

Um quarto de hora depois, D. Ramon boceja e diz:

—Com quê, muito me conta, compadre e amigo.

D. Juan boceja e responde:

—Amigo e compadre, muito me conta.

Novo silencio. Passado um quarto de hora boceja D. Ramon e diz:

—Amigo e compadre, muito me conta.

Boceja D. Juan e responde:

—Com quê, muito me conta, compadre e amigo.

Continua a scena por este teor até ás dez horas. D. Juan puxa do relogio.

—Já o compadre está com pressa, diz D. Ramon.

—É que são horas, vou-me chegando.

—Adeus, veja se vem ámanhã mais cedinho.

O *tête-à-tête* pode ser uma ventura ou uma calamidade.

O charuto, o *fauteuil* e o fogão, são para o

tête-à-tête o mesmo que os filhinhos para o matrimonio. Distrahem-nos e substituem o dialogo. Puxar da charuteira, escolher um havano, morder-lhe a ponta, comprimil-o entre os dedos para que arda melhor, accender um phosphoro, communicar o lume ao tabaco, verificar se está bem acceso, elevar ao tecto as espiraes de fumo, sacudir a cinza, deixal-o apagar, accendel-o de novo, é como que o espreguiçar do *tête-à-tête*, evitando agradavelmente o bocejo.

O *fauteuil* é uma necessidade. O mortal que o inventou sabia o que era ter diante de nós dois olhos abertos, e um par de ouvidos insaciaveis como dois lobos. Que se hade fazer n'essas circumstancias apertadas, se a sorte nos dá uma cadeira de palhinha, descarnada, esguia, e com as costas a prumo? Vinte dias de prisão cellular é menos que tres horas n'uma cadeira d'essas. O martyr começa de se sentar á bordinha e de se recostar para illudir a espinha dorsal; depois retorce-se, cruza as pernas, senta-se de lado, põe o cotovelo nas espaldas da cadeira e descansa a cabeça na mão, empertiga-se, volve a torcer-se, puxa do relogio, verifica ao ouvido se não está parado. E não haver uma desordem na rua, nem um incendio no predio, nem um caso de apoplexia na vizinhança!

O *tête-à-tête* é um advogado eloquente que

nos faz sentir as virtudes de um fogão acceso. Quem o dera ás vezes mesmo na força do verão! Se elle é alegre como o dia, brilhante como a felicidade! Uma sala com fogo é uma mulher com espirito. Pegamos na tenaz e arranjamos o lume; se está bem acceso, entretemo-nos em levar ao foco os troncosinhos dispersos; se está meio apagado, então é que é revelar toda a nossa arte. Agrupamos os carvões, os mais vivos no centro; com a pá tiramos uma pouca de cinza por debaixo da lenha, addicionamos-lhe duas ou tres achasinhas seccas, fazemos descer a porta do fogão, deixando apenas o intervallo necessario para estabelecer a corrente d'ar. Começa então a illuminar-se a pedra inferior da chaminé, depois o fogo impellido pela corrente faz um ruido que augmenta de instante a instante, estala o ferro da porta, abrimos de novo o fogão, e eis ahi as chammas que parecem falar por nós.

Dizem os francezes que para bem arranjar o fogo é preciso ser tolo, philosopho ou apaixonado. Será uma verdade isto? Não o sei. Luiz Filippe dizia que os proverbios eram a sciencia das nações, e elle que tinha a mania de os explicar, talvez que soubesse dar a razão d'este.

Não admira que os charutos, os *fauteuils* e

o fogo sejam os tres recursos do *tête-à-tête*, quando elles o são egualmente das *soirées* intimas.

De uma menina sei eu que perdeu um casamento brilhante, porque os paes não supportavam o fumo do tabaco, nem tinham *fauteuils* em casa, e conservavam o fogão, unicamente como ornamento inutil da sala. Estava pedida a menina, e o projecto já tinha sido annunciado aos parentes. O futuro genro era recebido todas as noites em familia com extremos de amabilidade; mas o infeliz passava tres horas n'uma cadeira magra como um esqueleto, sem fumar, e olhando para o fogão apagado, que é mais triste que a ausencia do mesmo fogão.

O homem amava, assim o dizia elle; mas principiou a sentir que se lhe estagnava a fonte da conversação, e começou a encurtar as visitas, a pretextar negocios graves, a fazer elle mesmo as cartas que devia receber, chamando-o a toda a pressa. Passou a interromper as visitas, porque se achava melhor no club, onde os *fauteuils* o recebiam de braços abertos como outros tantos amigos. Offendeu o orgulho da menina, até que poz ponto final antes de completar a oração.

Que o caso sirva de exemplo a futuros paes. Ao lado das meninas que se querem casar cumpre ter sempre fogo, charutos e *fauteuils*. Com

estes tres elementos, quem não se sentirá bem ao pé da mulher que ama? É uma trindade que faz deslisar o solteiro pelo caminho do matrimonio. O pretendente chega a confundir as commodidades com o amor, e nem forças tem já para retroceder. É uma cilada que a moral approva, e a egreja celebra. Mas se falta a trindade, o homem diz naturalmente comsigo:

—Não, eu não amo; porque se eu amasse, o sentimento devia ser superior ás brutas commodidades que não tenho. O amor avigora-se no martyrio; eu que não tenho forças para este sacrificio, como poderei ser seu marido?

Foi por falta de charutos e de *fauteuils* que teve tão más consequencias o *tête-à-tête* de nossos primeiros paes no paraizo. A serpente animou a partida, mas o codilho pagou-o a humanidade.

XLIII

BOCAGE

Aqui de Bordeos assisti á inauguração da estatua de Bocage. Estive na festa com os olhos da alma, já que não pude ir na romaria até Setubal.

Bocage foi a minha primeira leitura. Ao principio não via n'elle senão a graça da critica e o incisivo dos epigrammas; depois ía-lhe descobrindo os thesoiros de linguagem, de metrificação e de sentimento, e sobre tudo a melancolia que é o fundo dos caracteres que fazem rir os outros.

Tratava-se pois de um amigo de infancia. Havia pensado dedicar-lhe alguma coisa em ver-

so, quando os jornaes me annunciaram um soneto em alexandrinos do senhor visconde de Castilho. Era caso para metter a lyra no sacco e assim o fiz; com a lyra metti tambem o soneto que já tinha feito. Seria ridiculo ir á festa com os meus quatorze hendecasyllabos, quando o publico ia decorar os versos d'aquelle talento colossal, gloria nossa, para quem já de ha muito começou a posteridade, e a quem o paiz pagará um dia tributo egual ao que já pagou á memoria de Camões e de Bocage.

Aqui n'este cantinho muda o caso de figura; aqui fica em segredo entre os amigos, e naturalmente tão ignorado do publico, como se nunca me tivesse saido da cabeça. As rimas forçadas em que o escrevi significam simplesmente um preito ao genio de Bocage, que tão notavelmente as manejava.

SONETO

Eil-o erguido entre nós! Surge ó *Bocage*,
E ao povo que te cerca o olhar *dirige:*
Vês? Quanto a gloria do teu nome *exige*
A teus pés se reune em pura *hom'nage.*

Nem uma cruz te dar, nem uma *lage!*
Era uma affronta que a nação *corrige;*
Attesta-o esse padrão que além *s'erige,*
Vingança eterna de tão grande *ultrage!*

Eia! Que venha a turba qu'o *apedreje*,
E dos loiros virentes o *despoje!*
Zoilos, mordei a estatua d'esse *herege!*

Mas não, ave sinistra ao dia *foge;*
Vê como é varia a sorte que te *rege*,
Surges emfim, mais que monarcha, *hoje!*

XLIV

OS CHARLATÃES

A praça de Quiquonces é pouco mais ou menos do tamanho do Terreiro do Paço. Seis renques de arvores de cada lado formam duas grandes alamedas, onde se encontra sombra a qualquer hora do dia. Os edificios que a cercam são todos de construcção moderna, conservando a mais rigorosa symetria. Termina na margem do rio, levantando-se no fim duas columnas rustrales que servem de pharoes.

É no meio d'esta praça que se arma a feira de Bordeos duas vezes no anno, durando quinze dias de cada vez: a primeira em março e a segunda em outubro. É uma feira differente de

quantas tenho visto. O centro da praça é fechado pelos armazens destinados aos feirantes, e que a camara municipal faz construir de madeira pintada, em arcos da altura de um segundo andar. Os feirantes adornam o interior dos armazens, que alugam, deixando entre os mostradores e os arcos o espaço sufficiente ao transito do publico. Do lado do rio são os espectaculos, theatros, cicloramas, circos equestres etc., barracas immensas, algumas luxuosas, que podem conter quinhentos e mais espectadores.

Afastadas do centro ha outras ruas debaixo das arvores das alamedas lateraes, e ahi se encontram as barracas dos quinquilheiros, as livrarias ambulantes, a exposição das meninas gordas e da mulher das barbas, carruagens usadas, e ferros velhos de todas as classes.

É de ensurdecer o ruido das cornetas e dos tambores, quasi tão desafinados como nas nossas feiras. Os directores dos espectaculos, os palhaços e até as proprias dançarinas falam ao publico em estylo picaresco. Conhece-se que a eloquencia dos arlequins é a mesma em toda a parte; Ciceros de nariz de papelão a supplantar os oradores circumvizinhos. Rufa o tambor e guincha a corneta, as dançarinas dançam sobre o palco exterior das barracas, e atiram beijos ao publico, e descem a dar uma flor a um

e a outro; flor que tiram dos cabellos, colorida como a formosura d'ellas.

Á roda da praça andam os charlatães, prophetas das muellas e dos olhos de perdiz; Messias que as multidões contemplam de bocca aberta. Estes são os primeiros charlatães do mundo; não ha nação que seja mais rica d'estes typos legendarios, que andam de povo em povo, de oratoria prompta e frasquinho na mão. Alchimistas, não procuram, vendem a pedra philosophal; Diogenes de tambor ao lado, andam em busca de um queixal são e não o encontram. Alguns ha que se apresentam em carruagens esplendidas, maiores que os omnibus, forradas de espelhos e de veludo, com guarnições de prata. A riqueza da carruagem começa de chamar a attenção dos curiosos; na almofada um mocetão vestido de china rufa destemperadamente n'um tambor. Quando a concorrencia é grande, abrem-se as cortinas de damasco carmesim que occultavam a parte anterior do vehiculo por debaixo da almofada, e apparece um gabinete luxuoso. As paredes forradas de seda, espelhos, flores, crystaes e estatuas por todos os lados; o publico acerca-se e rufa o tambor com mais enthusiasmo. Um momento depois corre-se o reposteiro do fundo do gabinete, deixando ver outro camarim adornado com luxo. Sae á scena um cria-

do de farda azul e oiro, de calção e meia, e cabello empoado; traz uma caixa de ebano, colloca-a sobre um estrado em frente do gabinete, e retira-se. Cresce a anciedade no publico, augmenta o frenesi no tambor. Por fim sae um figurão á scena, armado em guerreiro, cota de malha, couraça, capacete de aço, e viseira caida; pára e não comprimenta o publico; o tambor parece despedaçar-se sob as mãos do china; depois levanta a viseira, tira o capacete, sauda gravemente o auditorio, passando em roda de si um olhar sobranceiro; estende o braço esquerdo fazendo ao china um gesto de imperador, e o china cessa de rufar. O guerreiro fala assim:

—Minhas senhoras e meus senhores: vejo aqui representadas todas as classes da sociedade, o clero, a nobreza e o povo, a todas me dirijo.

Depois fala nos grandes homens da antiguidade, diz qual é a missão dos mortaes sobre a terra, e confessa que os anjos bons o inspiraram um dia e o fizeram dentista. Rufa o tambor, e o guerreiro levanta o braço para que se cale. Segue-se a chronica das proprias glorias; o china está de ouvido attento, e quando o ponto da historia é importante faz—*Rataplan!*

—Minhas senhoras e meus senhores, diz o heroe, chamam-me charlatão porque não estou

em casa á espera dos pacientes; mas que singular charlatão este, que anda de carruagem emquanto que os outros andam a pé.

E o tambor faz—*Rataplan!*

—Chamam-me charlatão, mas onde estão os que se queixam dos meus elixires? Ha ahi alguem que tenha alguma coisa que dizer contra a minha sciencia? Todos emmudecem? Pois bem; estão aqui n'esta caixa dois contos de réis para quem me provar que errei uma só vez que seja!

—*Rataplan!*

—Mas que vejo? Sorriem? não acreditam na existencia do dinheiro? Qual dos senhores quer ter o incommodo de se aproximar?

O heroe põe um cesto na mão do individuo que avança, e principia a deitar-lhe moedas de cinco francos até dois contos de réis; depois mostra as moedas de oiro e bilhetes do banco, e o china a rufar como se tivesse um inimigo em frente.

O triumpho é completo; o guerreiro que já tem falado uma hora está nadando em suor, e é n'este momento que annuncia a venda dos frasquinhos a meio franco. Todos querem comprar, todos estendem os braços; chega a haver receio de que o genero acabe, mas o sabio socega os impacientes com palavras de consolação e a venda dura até o ultimo vidrinho.

Uma tarde vi outro charlatão, tão eloquente e tão poderoso como este, vestido á Luiz XV e que curava o rheumatismo em tres quartos de hora. Tinha falado, tinha contado o dinheiro sobre o cesto, tinha annunciado a venda dos elixires, mas o auditorio era incredulo, não havia um braço que se lhe estendesse. O orador lança mão do derradeiro recurso.

—Senhores, diz elle, tive um enfermo incredulo que havia doze annos não dava um passo sem muletas; a Providencia fel-o chegar a mim; esse homem está aqui entre nós, e tão são como nós, e as suas muletas são estas.

E mostra duas muletas velhas, tropheos que o auditorio applaude. Ninguem resiste: os vidrinhos desapparecem todos da caixa do propheta.

Ha outros charlatães que ainda não teem carruagem; mas sem o tambor é que elles não abrem a bocca. Um vi eu elegantemente vestido, de frak, badine e camelia ao peito. Pára, o tambor começa a attrahir os curiosos, e o cavalheiro a fazer praça com a *badine;* e o que causava admiração era que não tinha uma caixa, nem um cesto, nem o sacco ao menos. Que faria elle? que diria? Toma a palavra; eram todos do sexo forte os espectadores, mas o orador diz:

—Minhas senhoras e meus senhores: sou ba-

charel em lettras pela universidade de Montpellier, e desde pequeno que vivo entre os livros. A astronomia mereceu por algum tempo as minhas attenções; porém as sciencias sociaes estavam chamando por mim. Escrevi uma memoria sobre a divisão do trabalho, a qual mereceu a honra de ser elogiada pelo Instituto de Paris. Não venho aqui nem fazer commercio, nem dirigir-me ás vossas algibeiras. Acontecimentos de familia me pozeram em relação com algumas fabricas importantes, e vejo-me na necessidade de empregar alguns capitaes.

O homem mette a mão na algibeira e mostra um relojinho de chumbo com cadeia de latão.

—Quem não tem filhos? diz elle. Quem não tem sobrinhos? Quem não tem um menino para lhe fazer um presente? Prenda de um trabalho delicado, bem o vêem, é incrivel o preço porque a vendo. Uma libra! Já seria barato uma libra, mas não é nem cinco tostões, nem quatrocentos réis! Ah! Estou ouvindo exclamar:—Se o dá por tres tostões é de graça! De graça sim, já seria de graça. Mas a França acaba de passar por uma provação horrivel, e eu sou francez. Senhores, cento e vinte! Pois nem cento e vinte? (rufa o tambor) Quatro vintens!

Uma noite, á saida da feira, quando já todos os charlatães se haviam retirado, ouvi um tam-

bor que rufava n'um canto, longe de toda a concorrencia, e ao pé do tambor vi uma luz. Approximei-me; já não faltavam outros curiosos. Era um cavalheiro que vendia elixires para tingir o cabello, e como acto de discrição apresentava-se á hora dos mysterios e falava em segredo ao auditorio. E alli mesmo, á vista de todos e á luz de uma vela, transformou os cabellos brancos em negros com admiração dos circumstantes.

O povo francez adora a eloquencia; aqui para se ter razão é preciso falar, e o tambor é o primeiro recurso oratorio d'esses Demosthenes ao ar livre. O tambor que põe em relevo a intenção das phrases, é o gripho para as palavras, é o dedo apontado para a oração, é o áparte que diz ao auditorio—ouçam, ouçam!

XLV

AS ALMAS DO OUTRO MUNDO

Contra o rifão que diz—alma que vae não volta—estabeleceu-se em 1856 uma seita, religião, philosophia, ou como melhor se deva chamar, debaixo do titulo de espiritismo, cujo principio fundamental é que as almas dos mortos andam no espaço e á roda de nós, impalpaveis, mas potentes como os fluidos mais poderosos. Allan Kardec é o propheta que annuncia ao mundo a doutrina nova, classificando as almas em estabelecidas e vagabundas, e a seita que não teve em Portugal um acolhimento favoravel, encontrou em quasi toda a Europa homens que acreditaram na palavra do mestre, e estabele-

ceram em Cadiz, Sevilha, Madrid, Paris, Bordeos etc. etc. associações de espiritistas que celebram regularmente as suas sessões, e festejam os seus anniversarios, contando-se entre os seus membros alguns dos homens mais notaveis d'essas cidades.

Muito antes que Allan Kardec viesse ao mundo, já a coisa se annunciava ao homem n'aquellas casas velhas que ninguem ousava habitar, porque havia almas alli, almas que se mettiam pelos buracos das paredes e pelo forro dos tectos, almas que se sentiam de noite a arrastar grilhões de ferro e a dar cabeçadas pelas portas. As casas acabavam por ter um aspecto sinistro como de coisa do outro mundo. Cobriam-se de poeira os vidros, as portas empenavam-se, torciam-se os varões das sacadas, como se mãos invisiveis andassem por alli, e os escriptos iam-se despegando das vidraças, cansados de advertir o publico de que o predio estava para alugar. Os vizinhos não passavam por alli sem lhe fazer uma figa, e os proprietarios não se arriscavam a fazel-o reconstruir, porque bem sabiam que os espiritos costumavam rir-se da picareta e do estuque, e que não se desalojavam emquanto não apparecesse alguem que se entendesse com elles. As almas do outro mundo eram peiores que os ratos.

Que é pois o espiritismo?

Responderei com o evangelho de Allan Kardec. O espiritismo está fundado sobre a existencia dos seres intelligentes e invisiveis, que povoam o espaço e se denominam espiritos. Os espiritos estão em toda a parte, no meio de nós, a nosso lado, observando-nos e guiando-nos sem cessar; desempenham um papel importante no mundo moral e mesmo no mundo material, constituindo um dos poderes da natureza. Os factos demonstram que os espiritos podem manifestar a sua presença entre nós e que podemos entrar com elles em communicação. Tendo sido creados na singeleza e na ignorancia, esclarecem-se e depuram-se até chegar á perfeição; por isso ha espiritos melhores que outros, mais ou menos illustrados, mais ou menos imperfeitos, segundo o grau de elevação a que teem chegado. Estão revestidos de um involucro semimaterial indestructivel, designado com o nome de *perispirito*, que tomam do fluido universal, e que é mais ou menos ethereo, segundo o grau de sua depuração, e as espheras em que se encontram. Revestem-se tambem de involucros materiaes e destructiveis, cuja duração constitue a vida corporal. O mundo espiritista ou dos espiritos é, emfim, o mundo normal primitivo, preexistente e que sobrevive a tudo. A sua exis-

tencia corporal é uma das phases da vida espirita.

A mais importante sociedade dos espiritos reside em Paris, occupando-se do espiritismo experimental. Esta sociedade, diz o mesmo Allan Kardec, é uma de tantas associações scientificas que tem por objecto profundar a sciencia espirita, debaixo de differentes pontos de vista, porém não é uma academia nem um curso de ensino elementar. Examina se vos deve admittir no seu seio quando as vossas convicções já se acham formadas pelo estudo; no entanto podeis assistir ás suas sessões uma ou outra vez, como simples espectador, com a condição expressa de não fazer reflexão alguma que possa esfriar as convicções de algum socio menos crente. N'estas sessões encontra-se uma reunião de pessoas serias e de fino trato, a maior parte das quaes se recommendam pela superioridade de sua illustração e posições officiaes.

Nas associações espiritas ha um ou mais *mediums*, individuos que invocam as almas dos mortos, que lhes dirigem as perguntas formuladas pelos socios, recebem d'ellas as respostas que transmittem aos viventes movendo os labios á mercê das almas alludidas, e dizendo conseguintemente as mesmas palavras que ellas diriam se estivessem no estado material da vida

d'este mundo. O *medium* é, por assim dizer, o poleiro, ou melhor ainda, o entroncamento dos espiritos; chegam até elle, e não passam além, os que andam no espaço, e estes infelizes cá da terra, que estão chumbados a uns olhos, a um nariz e a umas pernas, como rouxinoes privados da liberdade, que aspiram ao infinito e passam os annos a dar comsigo nos nervos que os algemam.

Nas sessões espiritas fala-se pois com Voltaire, com Chopin e com São Cyriaco, como se falassemos com os vizinhos da escada. O *medium* é a janella a que nos debruçamos; janella aberta, espirito a dar á lingua. O *medium* não aprendeu musica, invoca a alma de Beethoven e eil-o a ferir as teclas do piano, e a deliciar-nos com uma symphonia espirita; o *medium* ignora a lingua grega, chama por Anachreonte e recita uma ode que ninguem entende, mas que todos applaudem; o *medium* no tocante a philosophias nem sequer chegou ao Genuense, mas levanta a cabeça, parece que sente ruido no espaço, como de zumbido de philosopho que vae voando, faz *pchiu* a Lucrecio Caro, e por espaço de duas horas não ha fazel-o calar sobre a *natureza das coisas*, segundo a doutrina de Platão.

Não creia o leitor que exagero; eis aqui um artigo serio, publicado não ha muito tempo no periodico o *Seculo* de Paris:

«Mozart morreu em Vienna no dia 5 de dezembro de 1791.

«Nem por isso tem deixado de compôr musica como nos melhores dias da sua vida.

«Ainda que morto não se encontra peior, se dermos credito aos adeptos cada vez mais numerosos do espiritismo.

«Os espiritos creadores formaram com o livreiro do palacio real, mr. Ledoyen, uma associação das mais felizes para editar as suas obras de ultra-tumba. Um *medium* se encarrega de escrever, sob a inspiração dos mortos, as graciosas lucubrações litterarias, scientificas e musicaes, que mr. Ledoyen edita com respeitoso ardor e que vende em seguida bastante caras, em respeito pelas pessoas dos defuntos. Verdade é que mr. Ledoyen continua sendo elle só o depositario das quantias que essas vendas produzem; porém não é menos verdade que elle promette dar a cada espirito a parte de lucros que lhe corresponda.

«Mozart, ou, mais exactamente, a sombra de Mozart, ainda não fez até hoje mais que um negociosinho com mr. Ledoyen: a edição de um fragmento em *mi bemol*, de quatro paginas, que se vende por dois francos.»

Eis aqui está o que é o *medium;* bem vê o leitor que não invento. Serve de papel de mu-

sica em que Mozart escreve como se estivesse vivo. O fragmento em *mi bemol* tive o gosto de o ouvir em Madrid executado no piano; mas, diga-se a verdade, parece-me que o grande compositor vae em decadencia no outro mundo. A symphonia não vale um trecho qualquer do *Dom João*, e os entendedores cá d'este mundo encontram-lhe umas *oitavas occultas* que não se justificam.

Tudo isto trouxe eu para aqui com o proposito de dizer ao leitor que Victorien Sardou, o autor de *Por causa de uma carta*, Victorien Sardou, que escreveu a *Familia Benoiton*, Victorien Sardou, o satyrico implacavel do *Rabagas*, Victorien Sardou é *medium*, elle mesmo.

Os membros da sociedade espirita sabiam já que alguns dos planetas eram habitados pelas almas dos que morriam, e é naturalmente por isso que vão rareando entre nós as casas onde as mesmas almas se mettiam. Realmente é muito melhor passar a eternidade em Jupiter e em Venus, do que andar a metter medo ás beatas e aos pequenos n'algum pardieiro da rua dos Remedios. Jupiter parece ser a patria das almas privilegiadas, Paris do outro-mundo, onde os Ciceros e os Plutarcos passeiam egualmente diaphanos e luminosos; habitam palacios e teem por criados as sombras de cães, leões e javalis. Nin-

guem o pode contestar; Victorien Sardou está bem informado de tudo o que alli se passa, e não guarda segredo do que lhe é revelado pelos espiritos seus amigos. Mais ainda: o celebre dramaturgo assegura não saber desenhar nem gravar, e desenhou e gravou sob a direcção de seus collaboradores invisiveis alguns dos variados panoramas do planeta Jupiter. Quem nos assegura então que o *Rabagas* não seja uma comedia d'Aristophanes, escripta lá tão longe, n'algum momento de azedume espiritista?!

É o mesmo Victorien Sardou que na *Revista dos Espiritos* escreve o seguinte:

«Um objecto de admiração para as pessoas já convencidas da existencia dos espiritos (eu não me occupo aqui de outros) é que tenham suas habitações e suas cidades. Não teem deixado de me criticar por havel-o dito, casas de espiritos em Jupiter! Mas se o leitor não encontra na verosimilhança das explicações uma prova sufficiente da verdade; se não fica surprehendido do perfeito accordo d'estas revelações espiritas com as da sciencia astronomica; se não vê, n'uma palavra, mais que uma habil manifestação nos pormenores que se seguem, e nos desenhos que acompanham, convido-o a entender-se com os espiritos, de que eu não sou mais que o instrumento e ecco fiel. Que invo-

que Palissy e Mozart ou qualquer outro habitante d'esse delicioso planeta; que interrogue, que verifique as minhas asserções com as suas, que discuta, emfim, com elles; que por mim não faço mais que apresentar aqui o que se me deu, que repetir o que se me disse; e por este papel puramente passivo, me creio ao abrigo das censuras e dos elogios.»

Narra depois Sardou que os espiritos dos homens mortos do nosso planeta que por seus talentos e virtudes merecem resuscitar em Jupiter teem corpo d'uma densidade tão escassa, que apenas se podem comparar aos nossos fluidos imponderaveis. Os espiritos, de estatura um pouco maior que a nossa, reproduzem exactamente a forma do homem, e tem-se apresentado á vista do illustrado dramaturgo sob a forma de um vapor impalpavel e luminoso, especialmente em roda da cabeça. «Porque em Jupiter, refere o autor do *Rabagas*, irradia-se a vida como lareira demasiado ardente, e este é o relampago magnetico entrevisto pelos visionarios christãos, e que os pintores da terra teem traduzido pelo limbo, e pelas aureolas dos santos.»

Em seguida fala nos o distincto escriptor dos espiritos criados e dos espiritos amos, estabelece a escala social no planeta Jupiter, afiança que uns mandam e outros obedecem, e faz-nos

ver que os espiritos encarregados dos trabalhos mais grosseiros se podem designar pelo nome de animaes, á falta de outro termo mais apropriado. Estes são os escravos, são os animaes da terra resuscitados alli. Ouçamos n'este importantissimo ponto o que diz o mesmo dramaturgo: «O estudo dos nossos animaes terrestres, seus habitos, seus caracteres individuaes, sua ferocidade fóra do dominio do homem, sua domesticação lenta, mas sempre possivel, tudo isto attesta a realidade d'esta ascenção animal.»

Tudo isto é da maxima importancia. Os gatos teem em Jupiter as suas casas de comestiveis, ha leões que se dedicam a agentes de negocios, raposas que cortam o cabello a Christovão Colombo, e mais de uma girafa que põe loja de modas. O que não sabemos é se são os cães da Terra Nova que fazem os emprestimos ao governo dos espiritos. O que é mais curioso ainda é a descripção d'aquelle paiz encantado, onde o leitor e eu nos havemos de encontrar um dia involtos no *rob de chambre* da eternidade, se porventura os nossos feitos n'este patamar que se chama vida nos tornarem dignos de similhante distincção. É Palissy, um dos mais illustres habitantes de Jupiter, que vae falar pela bocca de Victorien Sardou.

«Sobre o maior dos nossos continentes, em

um valle de oitocentas milhas de largo, para contar como vós, desce um rio magestoso das montanhas do norte, e augmentado por muitas correntes e arroios, forma em seu curso sete ou oito lagos, o menor dos quaes mereceria entre vós o nome de mar. Nas margens do maior d'estes lagos, chamado por nós—a Perola—lançaram nossos antepassados os primeiros fundamentos de Julnius. Esta cidade primitiva existe ainda hoje venerada e guardada como reliquia preciosa. Sua architectura differe muito da vossa. Tudo isto te explicarei a seu tempo; baste-te saber por agora que a cidade moderna se acha a uns cem metros abaixo da antiga.»

«O lago, mettido entre altas montanhas, desemboca no valle por oito enormes cataractas, que formam outras tantas correntes exiladas e dispersas em todos os sentidos; com ajuda d'estas correntes temos cavado nós mesmos na planicie grande quantidade de arroios, canaes e tanques, não deixando terra firme senão para nossas casas e jardins. D'aqui resulta uma especie de cidade amphibia, como Veneza, e da qual se não poderia dizer á primeira vista se está construida sobre terra ou sobre agua. Nada te digo hoje de quatro edificios sagrados construidos sobre a vertente das cataractas, de modo que a agua sae em ondas dos seus porticos; essas

são obras que te parecerão incriveis por sua grandeza e atrevimento. O que eu descrevo agora é a cidade terrestre, material até certo ponto, a das occupações planetarias, a que nós chamamos emfim a cidade baixa. Tem ruas, ou antes, caminhos abertos para o serviço interior; praças publicas, porticos, e pontes sobre os canaes para passagem dos servidores. A cidade intelligente, a cidade espiritual, a verdadeira Julnius, emfim, não ha procural-a na terra senão no ar.»

«Ao *corpo material* d'aquelles dos vossos animaes que não podem voar é necessaria a terra firme; porém o que o nosso corpo fluidico e luminoso exige é um alojamento aereo como elle, quasi impalpavel e movivel ao nosso capricho. A nossa habilidade resolveu este problema com ajuda do tempo e das condições privilegiadas que o Grande Architecto nos concedeu. Bem comprehenderás que esta conquista dos ares era indispensavel a espiritos como nós.»

«O nosso dia é de cinco horas e a nossa noite de egual tempo; mas tambem ponderarás que tudo isto é relativo, e que para seres dispostos para pensar e obrar como nós nos achamos, para espiritos que se comprehendem com a linguagem dos olhos e que se sabem communicar magneticamente a distancia, o nosso dia de cin-

co horas é das mesmas proporções que uma de vossas semanas. Era isto, comtudo, muito pouco para nós; a immobilidade da habitação era um estorvo para as grandes obras. Hoje graças á facil translação de nossas moradas de passaros, pela facilidade de nos transportarmos com tudo que nos pertence a qualquer logar do planeta e á hora que mais nos convenha, nossa existencia se duplicou pelo menos, e podemos produzir coisas muito mais uteis e grandes.»

«Em certas epocas do anno, em certas festas, por exemplo, verieis aqui o ceo escurecido pela nuvem de habitações que nos chegam de todos os pontos do horisonte. É um curioso conjuncto de alojamentos graciosos, ligeiros, de todas as formas, de todas as côres, balanceando-se a diversas alturas, constantemente em movimento da cidade baixa para a cidade celeste. Alguns dias depois faz-se o vazio porque todos aquelles passaros voaram. Nada falta n'aquellas casas fluctuantes, nem mesmo o attractivo da verdura e das flores, e falo de uma vegetação sem exemplo entre vós, plantas e arbustos, destinados, pela natureza de seus orgãos, a respirar, a alimentar-se, á viver e a reproduzir-se no ar. Temos bosques de flores enormes, de que não saberieis imaginar as formas nem as côres, e de uma ligeireza de tecidos que as torna qua-

si transparentes. Balanceando-se no ar, onde as folhas as sustentam, e armadas de biquinhos como os das vinhas, reunem-se em nuvens de mil tintas ou se dispersam á mercê do vento, proporcionando um espectaculo encantador aos passeantes da cidade baixa. Imagina a graça d'essas irradiações de verdura, d'esses jardins fluctuantes que nossa vontade pode fazer ou desfazer e que duram ás vezes uma estação inteira. Longas cabelleiras de folhas e ramos floridos se desprendem das alturas e pendem até a terra, racimos enormes se agitam e sacodem os perfumes e as pétalas que se despegam. Os espiritos que atravessam o espaço deteem-se alli ao passar; formam um logar de repouso e de *entrevistas*, e até um meio de acabar a viagem sem fadiga e em companhia de amigos.»

Aqui interrompe Victorien Sardou as suas revelações, naturalmente porque Palissy já se achava cansado de tanto dar á lingua. Isto porém nos basta para que o leitor possa comprehender o capitulo seguinte, que é felizmente o ultimo.

XLVI

UMA SESSÃO ESPIRITA

Costumava procurar-me uma e duas vezes por semana, para negocio de serviço, um sujeito magro, pallido, olhar melancolico, que tanto podia ser um homem dado á meditação, como pessoa achacada do figado. Falava n'um tom grave e quasi imperceptivel, e tratava do despacho de um navio carregado de vinho, com a mesma solemnidade com que se commenta uma pagina de Hegel.

Pouco tempo depois soube que se chamava Miguel de...., que era socio de uma importante casa de commercio, que não se via nunca nos passeios publicos, que os logares ermos faziam

o seu encanto nas horas d'ocio, e que se apparecia alguma vez na sociedade era para cantar alguns trechos de musica, garganteando-os de um modo estranho, dando suspensões subitas á voz, e prolongando algumas notas, com ares de quem elevava o canto até os espaços invisiveis. Mais vim a saber tambem que n'esses momentos de extasis fechava os olhos, levantava a cara para o ceo, e levava um sorriso aos labios de todos os circumstantes.

Nada mais pude averiguar d'este personagem melancolico, a quem tinha o prazer de falar, pelo menos uma vez de oito em oito dias.

Uma vez, emquanto eu escrevia, sentou-se ao meu lado e suspirou. Tinha os olhos no tecto, quero dizer para além do tecto; bem conheci que o homem estava vendo mais do que eu.

—Ha mysterios n'este mundo.... diz Miguel de....

—Se os ha! Respondi.

—Coisas que poucos vêem...

—A sorte grande, por exemplo.

—Não falo da materia.

—Pois o que não é materia, que admira que o não vejamos nós, se o não vê ninguem?

—Ninguem! Diz elle com um sorriso de compaixão, levantando os olhos para o tecto, e suspirando pela segunda vez.

Instinctivamente olhei tambem para onde elle olhava, vi duas moscas, e continuei a escrever. Findo o trabalho, fita-me Miguel, e diz-me:

—V. já não escreve para o publico?

—Quem lhe disse que eu escrevi?

—Quem m'o disse! Acaso ignoramos nós alguma coisa?

—Nós? Pela minha parte ignoro quasi tudo.

—Porque assim o quer.

—Talvez.

—Porque não escreve agora como d'antes? Agora que pode encontrar o meio de centuplicar as faculdades que Deus lhe deu.

—Como?

—Posso proporcionar-lhe o meio de o conseguir.

—Quem?

—Eu.

—O amigo?!

—Eu mesmo.

—Pois, senhor, de elixires para fazer crescer o cabello, e pintar o bigode tenho eu ouvido falar; o que não suspeitava é que houvesse remedio para fazer crescer o talento.

—Pois ha.

—Carito, talvez...

—De graça.

E o homem não se ria, nem tinha confian-

ça commigo para representar um entreacto comico.

Miguel chega a cadeira para a minha, e, abaixando ainda mais a voz, diz-me estas memorandas palavras:

—Pensa o amigo que o homem morre?

—Ando desconfiado que sim.

—Pois engana-se.

—Com que, não morre o homem?

—O que faz é despir-se do corpo, como quem tira a camisa, e depois vive para todo o sempre.

—Devéras?

—É como lh'o digo.

—E depois?....

—Depois os espiritos dos sabios andam no espaço, e auxiliam-nos quando os invocamos. V. pode soccorrer-se, por exemplo, ao espirito de Horacio e escrever como elle.

—Homem, se eu podesse fazer-me amigo de Chateaubriand?

—Nada mais facil.

E estendendo a cabeça para a minha, diz-me:

—Eu sou intimo de Chopin, e por isso canto como canto.

—Mas o que é preciso fazer?

—Ha n'esta cidade uma associação de espiritistas. Eu e alguns antigos membros d'ella acabamos de nos separar e trabalhamos á parte.

—São espiritos dissidentes.

—Sim, senhor; tivemos umas questões; os outros socios votaram sempre contra nós.

—Esses são espiritos de contradicção.

—Assim parece. O caso é que já formámos uma sociedade, e celebramos regularmente as nossas sessões.

—Quero pertencer a ella.

—De vagar, de vagar. Para que seja admittido no nosso gremio é indispensavel que a sua convicção esteja formada.

—Mas se eu creio!

—Não crê, não; mas hade crêr, eu lh'o afianço. Ámanhã lhe enviarei alguns escriptos importantes sobre o espiritismo. Leia-os, estude-os, e depois conversaremos.

No dia seguinte recebi alguns periodicos espirítistas, e Annuarios das academias mais celebradas dos espiritos. Lí tudo conforme pude, e dei parte de crente. A minha carta ia já n'um estylo diaphano e luminoso, que parecia ter vindo directamente de Jupiter até mim, e foi recebida com vaporosa alegria pelos meus futuros companheiros.

Doze horas depois entrou-me em casa uma commissão de tres membros da sociedade, um dos quaes era o senhor Miguel de... que vinham examinar-me. Conversámos largamente da ir-

radiação dos espiritos sublimes, e congratulámo-nos todos quatro n'um enthusiasmo quasi imperceptivel. Deram-me por prompto.

Um dos da commissão, que era medico distincto, contou-me as curas notaveis que tinha feito, auxiliado pelos doutores invisiveis. «A ultima, disse-me elle, foi falada. Um homem de setenta annos soffria de pedra na bexiga; os doutores diziam que a operação seria mortal, attendendo ao avançado da edade, e a que a pedra devia ser grande. O meu conselheiro disse-me: «—Não tenhas medo, o homem tem apenas duas pedrinhas como duas avelãs, e será salvo. Fiz-lhe a operação, as duas pedrinhas tenho-as em casa, e o homem ahi anda vivo e são.»

Finda a conferencia, por assim dizer official, tive o gosto de os ouvir abandonando-se á intimidade da conversação.

—Com que nos faltou hontem, doutor; esperámol-o até ás nove e meia, e só então abrimos a sessão.

—Se estive tão occupado... não me deixaram até ás onze.

—Negocios cá de baixo?

—Sim; nem um momento tive de meu para me *remontar*.

—Pois a sessão esteve excellente.

—Com quem se falou?

—Passámos até á meia noite com João Jacques Rousseau.

—E o que disse o nosso João?

—Rectificou parte das suas confissões, e fez largos commentarios ao tratado da educação.

—É a mania do Joãosinho.

—Depois, disse o senhor Miguel, como elle tinha que dizer duas palavras a Roberto Peel, aproveitei meia hora para um *cavacosinho* com Bellini; tenho de cantar esta noite uma romanza no club.

—Com que, canta hoje no club?!

—E o *cavaco* deixou-me mesmo em ponto de lyrismo.

—Que tal estava o *medium?*

—Excellente, como poucas vezes.

Não era possivel faltar ao club aquella noite. Ás dez horas estavam os salões repletos das pessoas mais distinctas da cidade; applaudiram-se varios cantores e instrumentistas, e ás onze vejo o senhor Miguel de... que sobe solemnemente ao estrado, seguido do artista que o deve acompanhar ao piano. O senhor Miguel começa a cantar o *Spirito gentil,* arrastando as notas de um modo verdadeiramente singular. Pensei se aquillo era peça que Bellini queria pregar ao collega Donizetti. Tres compassos antes de aca-

bar, o cantor continua um *ré;* o pianista que já sabia o que se ia passar, tirou da caixa do rapé e fungou uma pitada, emquanto que o tenor, de olhos fechados, cara voltada para o ceo, os cantos da bocca arqueados, e as mãos no peito em uma attitude de illuminado, ia estendendo o *ré* suavemente, como se desenrolasse um fio de seda para o ir prender a alguma argola de Jupiter. Os circumstantes tapavam a bocca com o lenço para suffocar a gargalhada, e o pianista, vendo imminente a tempestade, atira com as mãos ao piano e acorda o tenor, que já andava nem elle sabia por onde.

Ajusta-se o dia para a minha recepção na sociedade espirita; não falto á hora indicada. A casa tem o que quer que é de mysteriosa: escada suja e mal allumiada por um lampeão de azeite; a sala de entrada mais que modesta e de claridade duvidosa. Tudo me parecem sombras dos que já lá estão; fala-se baixo e com meias palavras. É-me apresentado o *medium*, uma senhora de cincoenta a cincoenta e cinco annos, esguia de corpo e larga de cara, uma cabeça que me parece reflectida n'uma colher de sopa.

Sôa a hora; não falta nenhum membro. Entrámos no salão, o *medium* á frente. A sala é grande e escura, as paredes deixam ver uns restos de pinturas velhas de scenas de mitholo-

gia; á roda cadeiras em que todos nos sentámos; no meio da casa uma mesa redonda. Infligem-me tres discursos de felicitação, a que agradeço por meio de orações truncadas para me mostrar digno de varões tão conspicuos. Em seguida fazemos a cadeia das mãos á roda da mesa, collocando-as sobre um movelzinho de tres pés que se acha em cima d'ella. Trata-se de chamar não sei quem, que deve responder por meio de pancadas do movel sobre a mesa. Decorrem dez minutos, um quarto de hora, e nada.

—Alguma coisa falta aqui, diz um dos membros.

—Se um dos tres pés está despegado, com uma parte do aro, acode outro.

—Não deve ser esta a causa, observo eu. Se não chamaram ahi algum espirito *de partido*, elle virá. A bom espirito meia tripeça basta.

Por fim ouço umas pancadas sobre a mesa.

—Elle aqui! exclamo.

—Quatro pancadas seccas, duas repetidas... é Cervantes.

Magnetisa-se o *medium*, que principia a falar por conta e risco do creador de D. Quixote; mas a linguagem parece-me bastante arrevesada e grosseira para um espirito de classico como fôra aquelle em vida.

Aventuro-me a dizer:

—Este espirito não chega aos calcanhares do que elle tinha cá na terra.

Alguns membros confessam que o *medium* não está bom. Invoca-se Miguel Angelo e Miguel Angelo não dá signal de si; chama-se Richelieu, e o cardeal faz ouvidos de mercador. Resolvido que o *medium* está mau, fecha-se a sessão.

No dia immediato tive a honra de dirigir ao senhor Miguel de.... a epistola seguinte:

Meu querido senhor.

Permittiu a boa sorte que se encontrassem nossos involucros terrenos, e quer agora a má sorte que eu não pertença á vossa associação. É bem certo que o homem propõe e os *Espiritos* dispõem.

Com fé mais viva do que eu, ninguem se dirigiria ao logar que me havieis indicado. Era profunda a minha convicção, e tão grande a minha anciedade que se me figuraram semanas de Julnius as horas em que estive esperando o momento aprazado. Não havia sombra na rua em que eu não visse um habitante de Jupiter, e antes de entrar na primeira das vossas salas, já tinha sentido na escada um cheiro a espirito que me pareceu não vir de tão alto como aquelles com quem falaes lá dentro.

Todos os esforços foram inuteis, bem o sa-

beis, para me apresentardes a alguns de vossos aerios amigos; nem um só espirito appareceu para um recado; só tivemos uma nesga de Cervantes que pelo phraseado parecia Sancho. Valeu-me porém a vossa amabilissima conversação e passei uma noite agradavel. Sois realmente sublimes, que admiração! Dize-me com quem lidas....

A verdade é que com o meu espirito entrei e com elle saí. Tambem antes assim que peior. Apezar das crenças que nos ligam, tenho para mim que n'isto de espiritos vale mais um no corpo que dois a voar.

Ao sair, ao pegar no meu chapeo material, dirigiu-se a mim o *medium*, e depois de me fazer um discurso assás confuso, teve a galanteria de me pedir cento e cincoenta francos de joia. Não sei que coisa extraordinaria se passou em mim n'esse momento; o que vos afianço é que não lh'os dei. Talvez que vós, melhor do que eu, possaes explicar como isso foi. Cento e cincoenta francos de *Espiritos!* É um ovo por um real. Por egual quantia se compra um barril do de Bordeos, que está prompto sempre á primeira chamada, mas que vae e não volta, e não é para ser criado d'esses outros sublimes, que se encostam ás esquinas da Eternidade!

Notei que o *medium*, visto de perto, tratado

assim mão por mão, é de entendimento pouco illuminado. Muitos dirão: Em casa de ferreiro..; eu porém vejo ahi um novo argumento em favor da nossa sciencia; porque, quem *Espiritos* vende e espirito não tem d'algures lhe vem.

É fóra de duvida que os *Espiritos* não viram com bons olhos a minha entrada na associação; attribuo o caso a certa picuinha que trago ha tempos com Aristoteles. Seja como fôr, eu é que não devo ir perturbar as vossas relações com a côrte de Jupiter. Perdi as esperanças de ser bem recebido; os *Espiritos* são cabeçudos, votaram contra mim e pozeram-se em greve.

Acceitae os protestos de estima do vosso

Confrade imponderavel

Rousseau

Pertence a propriedade d'este livro, no imperio do Brazil, ao ill.mo sr. Lino José Moreira.

INDICE